DA ASIA
DE
DIOGO DE COUTO

DOS FEITOS, QUE OS PORTUGUEZES FIZERAM
NA CONQUISTA, E DESCUBRIMENTO
DAS TERRAS, E MARES DO ORIENTE.

DECADA NONA.

LISBOA
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.
ANNO M.DCC.LXXXVI.
Com licença da Real Meza Censoria, e Privilegio Real.

INDICE
DOS CAPITULOS, QUE SE CONTEM NESTA
DECADA IX.

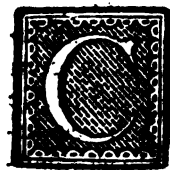
CAP.

CAP.

DE-

DECADA NONA.
Da Historia da India.

CAPITULO I.

Da separação que ElRey fez de todo o Estado da India, dividindo-o em tres governos; D. Antonio de Noronha foi eleito Viso-Rey da India desde o Cabo de Guardafú do Estreito de Méca até Ceilão; Francisco Barreto por Governador do Cabo das Correntes até o de Guardafú; e Antonio Moniz Barreto por Governador desde Pegú até á China; e de como chegou D. Antonio de Noronha a Goa, e estado em que achou a guerra.

Omo ElRey tinha ordenado que a Governança da India fosse triennal, e D. Luiz de Ataíde, que nella estava, cumpria o seu triennio, ordenou ElRey D. Sebastião de prover a India de novo Viso-Rey; e porque o Imperio Orien-

tal estava mui dilatado, e espalhado por climas mui remotos, a que hum só Viso-Rey não podia acudir, quiz dividir o Estado em tres partes, como já ElRey seu avô fez no anno de .... e declarou sua tenção a D. Antonio de Noronha, que elegeo por Viso-Rey neste Janeiro de 1571. e lhe mandou fazer prestes sinco náos, como se verá na primeira Parte do meu Epilogo, indo o Governador de Malaca Antonio Moniz na náo Belém na sua companhia debaixo de sua bandeira até chegar á India, a qual Armada teve tão boa viagem, que todas as náos juntas em seis de Setembro deste anno em que andamos, chegáram á barra de Goa, estando o Viso-Rey D. Luiz de Ataíde no passo de Sant-Iago continuando com a guerra, o qual tanto que soube de sua chegada, se partio pera Goa, deixando todos os Capitães nos passos, e Armadas nos rios, e fez logo entrega do Estado ao Viso-Rey, e se foi pera Pangi, ou pera os Reys Magos.

Já neste tempo estava o Idalxá enfadado da guerra; e vendo novo Viso-Rey com tão poderosa Armada, logo se affastou, e recolheo seu campo, deixando em seu lugar dous Capitães seus de grande confiança, e Melique Xaramir com poderes muito bastantes pera tratarem de pazes com o

Vi-

Viso-Rey; o qual tanto que tomou posse, foi logo visitar os passos da Ilha, e provellos de novos Capitães, e recolheo os outros pera irem descançar dos trabalhos da guerra, e deixou nelles menos gente, por saber ser o Idalxá já recolhido; e pela mesma maneira visitou os armazens das munições, e mantimentos; e porque em Goa já não havia arroz, nem trigo, senão o que havia nos armazens, dos quaes o Viso-Rey D. Luiz de Ataíde em todo este tempo de inverno sustentou todo o povo, vendendo-lhos em preços moderados, pelo que se gastou tanta quantidade, que valia o candil de trigo a oitenta xerafins, que são mais de vinte mil reis, e o candil de arroz a vinte e sinco, e a trinta; e o que estava nos armazens, era já muito pouco, e de fóra não podiam vir mantimentos alguns senão no fim do verão; e querendo pôr muito cobro naquelles que havia, me mandou chamar, porque tinha vindo com elle na sua náo bem despachado, e me encarregou daquelle armazem com muitas mercês, e ventagens, dizendo-me publicamente que só delle, e de mim fiava aquelle negocio pela necessidade que de tudo havia; e por fóra em toda a Cidade não havia hum grão de trigo, nem quem comesse pão, senão algumas pessoas ricas,

que o puderam guardar; e chegou o negocio a tanto extremo, que me mandou o Viso-Rey chamar, e na sua camera muito em segredo me pedio emprestadas dez mãos de trigo pera seu comer, e que de noite sem se ver o entregasse a huma pessoa sua de recado. Deixemos agora isto neste estado por continuarmos com D. Diogo de Menezes, que deixámos partido de Chalé.

Informado o Viso-Rey das cousas de Chalé, e aperto em que estava, a primeira cousa em que pôz a mão foi em mandar mais Armada a D. Diogo pera poder soccorrer Chalé mais folgadamente; e assim tirou dos rios duas galés, e quatro fustas, de que elegeo por Capitão mór Francisco de Sousa Tavares o Manco, que partio de Goa a 27. de Setembro, elle em huma galé, e Pedro Homem da Silva filho de Vasco Fernandes Homem na outra; nas fustas João Francisco Pessoa, Martim de Vasconcellos, D. Antonio de Castro, e Vasco Fernandes Pimentel; e em sua companhia mandou hum galeão, de que hia por Capitão Pedralves de Faria com muitos mantimentos, que lhe eu dei dos que havia, muitas munições, e outras cousas necessarias. Partida esta Armada, entrou o Viso-Rey no apercebimento de outra pera tornar a mandar a D. Diogo, pera que por

fal-

falta de diligencia, e soccorro não perecesse aquella fortaleza, a qual constava de outras duas galés, e mais tres fustas, em que mandou embarcar duzentos e quarenta homens; nas galés D. Fernando Capitão mór hia em huma, e Martim Affonso de Mello o Pombeiro em outra; nas fustas Francisco da Silva de Menezes, que viera aquelle anno do Reino, Pedro Furtado de Mendoça, e Gaspar de Sá, cuido que era filho de Gaspar Fernandes de Ribafria, Porteiro da Camera de ElRey D. João; em quanto esta Armada se faz prestes, continuaremos com D. Diogo de Menezes.

Partido D. Diogo de Menezes de Chalé, foi seguindo seu caminho pera Goa á mór pressa que pode, e no caminho encontrou Francisco de Sousa Tavares, que com sua Armada hia em busca delle; e vendo que não era então necessario, porque havia de voltar, o deixou na costa do Canará pera recolher as cafilas de mantimentos, e levallas a Goa, aonde D. Diogo chegou dahi a dous dias, estando já D. Fernando de Monroy prestes pera se partir em busca delle; pelo que o Viso-Rey o despedio com a Armada que tinha pera o Norte, porque era necessario acudir áquella costa, e levar a Goa as cafilas de mantimentos que lá houvesse pela necessidade que delles ha-

havia, e D. Diogo se ficou negociando pera tornar a voltar com novo soccorro a Chalé.

CAPITULO II.

Do que succedeo em Chalé, depois de D. Diogo a soccorrer: e de como se entregou a Fortaleza a partido.

SAhido D. Diogo de Menezes de Chalé, bem entendeo o Çamori que havia de voltar com maior poder pera soccorrer aquella Fortaleza; pelo que determinou de a apertar de feição, que ou a tomasse por força, ou se lhe entregasse por vontade, que já tomára isto por opinião, e assim foi continuando com a bateria com maior furia, e importunação por quebrantar os nossos que se defendiam o melhor que ser podia; mas como os mantimentos que lhe mettêram, ou que elles recolhêram, foram os que já disse atrás, que eram pera quinze dias a meia medida de arroz por dia a cada pessoa, porque no recolher houve tanta desordem que se refundio quasi ametade, começáram aos oito, ou dez dias a faltar mantimentos, e foi necessario a D. Jorge despejar a Fortaleza de muita gente inutil que nella havia; e assim lançou fóra mais de quarenta pessoas, que se foram fazer al-

guns

guns delles Mouros, e os outros matáram os inimigos; e alguns morrêram de enfermidades, e nem com este despejo deixou de haver grandes necessidades; e chegáram os homens a tanto extremo, que antes se queriam entregar aos inimigos, que morrerem assim naquella desconsolação: e a mim me disse Custodio Mendes de Vasconcellos, que era hum dos Fidalgos que já disse que entráram dentro, que estando hum dia em huma bombardeira já quasi desesperado, víra em baixo hum cão, e deitando-lhe de sima huma pedra grande sobre elle, o matára, e se deitára por huma corda abaixo ajudado de seu irmão, e fora recolher o cão a risco de os Mouros o matarem, do qual ambos comêram dous dias; e chegáram em fim a tal extremo, que compadecendo-se delles o Rey de Tanor, que era muito nosso amigo, e tambem chamava a D. Jorge pai, mandou tratar com elle de se entregarem a elle que os tomaria sobre si, e que largasse a Fortaleza ao Çamori, e devia de ser isto por industria, e ordem do mesmo Çamori: alguns dizem que D. Jorge se fora de noite ver com grande segredo com o Çamori, porque na verdade eram muito amigos. Estas práticas, e recados do Rey de Tanor poz o Capitão em conselho dos Fidalgos, e gen-
te

te principal, não lhe propondo mais que o estado em que se elles viam, e que conforme a elle, votassem livremente o que lhe parecesse, de que mandou fazer hum termo pera se tomarem os votos por escrito, em que se elles haviam de assignar: em fim debatido o negocio, os mais votáram que se deviam entregar ao Rey de Tanor, que era muito amigo dos Portuguezes, o qual segurava as pessoas de todos, porque do mal sempre se havia de escolher o menor, e que no mundo não era cousa nova entregarem-se differentes Fortalezas a partidos com menos razões das que elles tinham. Verdade seja que as mulheres como tão fracas, e mimosas, e soffriam mal a fome, e os riscos da vida, apertáram este negocio rijamente; e D. Jorge, que era muito sujeito a D. Filippa sua mulher, trabalhou por lhe fazer a vontade, que esta só culpa teve o pobre velho. Feito o termo, os que foram de parecer que se entregassem ao Rey de Tanor, assignáram nelle; outros, que foram de contraria opinião, não quizeram assignar por nenhum caso: e eu vi huma certidão, que passou Vasco Fernandes Pimentel a Francisco de Sousa Pereira Camelo, que fez aquella entrada que disse em Chalé, em que dizia que não assignára na entrega da Fortaleza, antes elle, e os do contra-

tra-

trario bando a reclamáram muitas vezes. Concluida a entrega, deo-se recado ao Rey de Tanor, que fez com o Çamori que affastasse seu campo; e sahindo-se todos, e o pobre velho D. Jorge com a mulher pela mão derramando grande cópia de lagrimas por suas venerandas cans, e o mesmo as mulheres, em todos os mais não faltou sentimento; mas consolavam-se com verem que pera salvarem as vidas lhes fora assim necessario fazer-se esta entrega, que foi a primeira que se fez na India aos quatro dias do mez de Novembro deste anno de 1571. em que andamos. O Rey de Tanor levou toda esta gente pera a sua Cidade, aonde a teve até chegar D. Diogo de Menezes, como logo diremos; e o Çamori tomou logo entrega da Fortaleza com toda a sua artilheria, e mandou arrazar por terra a Fortaleza, sem disso se tomar nunca satisfação, antes lhe fizeram pazes livremente, sem obrigação de tornar a entregar a Fortaleza, ou lugar pera ella no mesmo sitio; mas houve muitos Capitães de parecer que por credito do Estado não convinha tornar-se a levantar Fortaleza sobre as ruinas da nossa que já alli esteve; e por esta razão, quando em tempo do Viso-Rey D. Duarte de Menezes (como ao diante com o favor de Deos diremos) concedia fazer-

ſe huma Fortaleza em qualquer de ſeus portos que quizeſſem, pareceo bem fazer-ſe no rio de Penané, como fez, que tambem ſe largou pelos reſpeitos que ao diante diremos.

CAPITULO III.

Da Armada com que D. Diogo de Menezes partio de Goa: e do que fez depois de achar novas que a Fortaleza eſtava entregue.

CHegou D. Diogo a Goa em doze de Outubro, e deo relação ao Viſo-Rey D. Antonio de Noronha do eſtado em que eſtava a Fortaleza de Chalé, e que era neceſſario ſoccorrella, porque lhe não puderam metter mantimento pera mais que trinta e ſinco dias, e que D. Jorge de Caſtro lhe eſcreveo tambem o riſco em que ficava, ao Viſo-Rey, dando-lhe conta que do mantimento que D. Diogo deixára á porta da Fortaleza ſe não recolhêra nem ametade, porque parte leváram os Mouros, e parte ſe refundio ao metter na Fortaleza, pedindo com o maior encarecimento que pode o mandaſſe ſoccorrer, ſenão que correria aquella Fortaleza o riſco que correſſe: com o que logo o Viſo-Rey ſe foi pôr na ribeira das Armadas, e mandou dar muita preſ-

pressa a todos os navios, e galés que havia pera poderem ir naquella jornada, e assim pagou á soldadesca que havia de ir naquelle soccorro, e foi em pessoa correr os armazens dos mantimentos, e munições, andando muito enfermo de tericia que parecia hum homem morto; e com tudo da sua parte fez tudo o que hum muito são, e bem disposto Viso-Rey pudera fazer; e deo a D. Diogo de Menezes toda a pressa que pode pera que logo se partisse; e lembra-me, que estando o Viso-Rey no armazem da polvora, me mandou chamar por eu ter o dos mantimentos a meu cargo, e me disse, que do trigo que tivesse mandasse fazer muito biscouto pera aquella jornada; e estando-me encommendando isto, entrou D. Diogo de Menezes; e o Viso-Rey sem se levantar se descompoz, dizendo-lhe que se embarcasse logo, e que fosse soccorrer a Fortaleza de ElRey; ao que D. Diogo respondeo, que elle estava prestes, pera tanto que lhe dessem mantimentos. Por mantimentos esperais? Logo se vos darão, lhe tornou o Viso-Rey, logo se vos darão; mas quando os não houver, ide, Senhor, comendo os remos da vossa galé, e ide-vos, que desta maneira se soccorrem as Fortalezas que estam no risco em que aquella fica. D. Diogo que o vio apaixonado, lhe

re-

respondeo que logo se hia embarcar; e assim se foi á ribeira das Armadas a mandar lançar os navios ao mar, e concertar as galés dos damnificamentos que tiveram na entrada de Chalé; e por muita pressa que se deo, não pode sahir de Goa senão aos quatro de Novembro, parecendo-lhe que até chegar a Chalé poderia haver mantimentos pera se sustentarem, como pudera haver, se tivesse nelles ordem, e regimento, que tudo faltou; porque como D. Jorge era de oitenta annos, sua mulher governava tudo, e suas criadas, e negras gastavam largo, porque lhes dava de tudo assim como lhe importava; e a mim me contáram algumas pessoas que se acháram no cerco, que hum dia antes que se entregassem, mandára huma escrava de D. Filippa huma gallinha em bringe a hum soldado com quem andava; e onde havia esta gallinha, e este arroz, havia de haver mais, porque ninguem dá o de que precisamente necessita pera viver, e não podia esgotar por alli tudo: em fim em todas as partes houve descuidos pera esta Fortaleza se vir a perder, e o de todos pagou só o pobre velho D. Jorge, como ao diante veremos.

Sahio D. Diogo de Menezes de Goa, como hia dizendo, em quatro de Novembro com quatro galés, de que a fóra elle

eram

eram Capitães, Mathias de Albuquerque, D. Antonio de Menezes o Cantanhede, e Diogo de Azambuja. Levou mais trinta fustas, cujos Capitães foram os seguintes: D. Lourenço de Almeida, D. João de Sousa, D. Antonio de Sousa, D. Luiz de Menezes, D. Manoel Pereira, filho de D. Antonio Pereira, D. Antonio de Castro, D. Diogo de Castro, D. Pedro Coutinho, Gaspar de Brito, Francisco de Miranda o Velho, Manoel de Miranda, Vasco Fernandes Pimentel, Pedro de Anhaya, Fernão de Albuquerque, Pedro Gomes da Silva, Ruy Pereira, Francisco Pessoa, Manoel Fernandes de Manás, Henrique Barbosa da Silva, Lopo Pereira, Antonio Fernandes de Chalé, Pedro Rodrigues Malavar, Francisco Foz Malavar, Martim de Vasconcellos, Mattheus Delgado Feitor da Armada, e Christovão do Amaral Capitão de huma barcaça. Com toda esta Armada, em que iriam cousa de mil e quinhentos soldados, se fez á véla com muita pressa, sem se deter em parte alguma; e chegando a Cananor, soube como a Fortaleza de Chalé se entregára a partido no mesmo dia que elle sahio de Goa, o que sentio em extremo; e apressando-se, chegou a Tanor, onde surgio, e mandou grandes agradecimentos áquelle Rey do favor, e amizade que usá-

usára com os nossos Portuguezes, e no recolhimento que lhes fizera; e mandou recado a D. Jorge, e a todos que se embarcassem na Armada pera os levar á Cóchim, o que elles logo fizeram, mandando a Mathias de Albuquerque que recolhesse na sua galé á D. Jorge, e a sua mulher D. Filippa, e a gente de sua casa, e os Religiosos de S. Domingos que lá residiam, que recolhêram comsigo os ornamentos, e cousas sagradas, e recolheo perto de duzentas pessoas, e os Fidalgos, e mais gente se repartíram pela Armada; e ao segundo dia em que partíram chegáram a Cóchim, donde despedio Duarte de Albuquerque por Capitão mór do Cabo Çamori com a sua galé, e nove navios pera recolher as cafilas dos mantimentos daquellas partes, e as levar a Goa, e o Capitão mór ficou correndo a costa do Malavar, e ao diante daremos razão do que a hum, e outro succedeo.

Partido D. Diogo de Menezes pera o Malavar, logo o Viso-Rey despedio D. Fernando de Monroy com a sua Armada, que já estava provído de tudo, pera que fosse pela costa do Norte recolher a cafila dos mantimentos, e mandou que o Feitor de Baçaim lhe comprasse todo o arroz que achasse pera os armazens de Goa, e o dito

to D. Fernando partio de Goa em dezeſeis de Outubro deſte anno de ſetenta e hum, com o qual tambem depois continuaremos.

Partido D. Fernando de Monroy de Goa, logo o Viſo-Rey fez partir a Nuno Alvares Carneiro, que acabou de ſer Secretario, a Ormuz em huma náo por Veador da fazenda pera mandar de lá todo o trigo que pudeſſe, porque o Reino de Cambaya, donde coſtumava vir, andava revolto em guerras, das quaes logo darei razão; e juntamente deſpedio Franciſco de Souſa Tavares pera a meſma coſta do Canará, donde tinha vindo, e levou duas galés, huma em que elle hia, e na outra Chriſtovão Zuzarte, e duas fuſtas, em que foram João Barriga Simões, e Pedro Zuzarte, na qual coſta andou até Abril, em que recolheo duas cafilas de mantimentos, com que a Cidade de Goa começou a levantar cabeça: neſta companhia foi Ruy Gonſalves da Camera entrar na Capitanía de Barcelor, de que eſtava provído.

Partidas eſtas Armadas, tratou o Viſo-Rey o negocio das pazes, ſobre que os Vereadores lhe fizeram lembrança pela grande falta que havia de tudo, e porque tambem apertavam por ellas os Procuradores do Idalxá, que eſtavam da outra banda; e fazendo o Viſo-Rey ſobre eſte particular al-

gu-

gumas juntas de Fidalgos, e Capitães, assentáram todos que era justo concederem-se-lhes as pazes com condições honrosas ao Estado, com a qual resolução se mandou recado a Mojatecão Governador geral dos Reinos do Idalxá, pera que mandasse Procuradores com Procurações bastantes, que lhe deixou ElRey, e os poderes que lhe ficáram pera poder assentar as pazes com o Estado, o qual logo mandou tudo por Melique Xamir, e Xamerado, que foram em Goa bem recebidos, e agazalhados; e fazendo o Viso-Rey conselho geral, foram nelle estes homens ouvidos, e mostráram as Procurações que traziam do Noradecão, e os poderes que o Idalxá lhe deixou, os quaes houveram por authenticos: pelo que assentáram que os Procuradores do Idalxá fizessem apontamentos do que pediam, e que o Capitão da Cidade, Védores da fazenda, e outros adjuntos fizessem outros por parte do Estado; e apresentados huns, e outros em conselho, e praticados os pontos delles muito devagar, se concluiriam as pazes com estas condições, o que tudo succedeo em treze de Dezembro de 1571.

CA-

CAPITULO IV.

Do que promettêram os Procuradores do Idalxá.

» PRimeiramente que as terras de Sal-
» sete, e Bardés, que eram de ElRey
» de Portugal, de que o Estado da India
» estava de posse, ficariam ao Estado; as-
» sim, e da maneira que as possuia até vir
» recado de Portugal do que nisso se faria;
» e quando não viesse resposta, sería obri-
» gado o Idalxá a mandar ao Reino seu Em-
» baixador, a quem o Viso-Rey daria pera
» isso livre passagem.

» Que assim aos mercadores da ribeira,
» como aos mais Contratadores da Cidade
» de Goa, que fossem ás terras do Idalxá
» comprar madeira, taboado, carnes, man-
» timentos, e outras quaesquer cousas, lhes
» não levariam mais direitos dos que esta-
» vam em costume antigo, e lhes não fa-
» riam nenhuns desaguizados, e que se pas-
» sariam pera isso Chapas do Idalxá pera
» os Tanadares, e Capitães de suas terras.

» Que todos os Portuguezes, que de Goa
» fossem fugidos, ou de outra qualquer ma-
» neira, pera as terras do Idalxá, que nem
» elles, nem seus Capitães os recolheriam,
» nem lhes dariam lugar, nem muxára, an-

 » tes

» tes os lançariam fóra, pera que se tornas-
» sem pera nossas Fortalezas.

» Que vindo quaesquer Armadas de ini-
» migos sobre nós, assim por mar, como por
» terra, que o dito Idalxá, e seus Capitães
» as não recolheriam, nem lhes dariam lu-
» gar, nem muxára, e os lançariam de suas
» terras, como a seus proprios inimigos,
» e nessa conta os teriam, e os persegui-
» riam até se sahirem de seus portos.

» Que os marinheiros, que fossem neces-
» sarios pera as Armadas de ElRey nosso
» Senhor, e pera os navios, e náos dos Por-
» tuguezes, não lhes seriam tolhidos, e os
» não impediriam a passar pera as nossas
» terras das do Idalxá, como sempre fize-
» ram.

» Que havendo algumas brigas, ou con-
» tendas entre alguns Lascarins Mouros, e
» os Portuguezes, ou estes com os seus Las-
» carins, que nem por isso sería quebrada
» esta amizade, e contrato, e que os ag-
» gressores seriam castigados de huma, e
» outra parte.

» Que todos os escravos, e escravas dos
» moradores de Goa que fugissem, e fossem
» ter ás mãos do Capitão de Pondá, e seus
» Tanadares, seriam obrigados a tornallos
» a seus donos, salvo fazendo-se Mouros,
» porque em tal caso seriam vendidos, e o
» di-

» dinheiro delles se daria a seus donos ; e
» porém por quanto os Cafres, e nobres
» eram escravos de preço, e em Pondá não
» haveria quem os comprasse, como elles va»
» lem, que ao menos se daria por cada hum
» vinte pardaos de ouro, tornando-se Mou»
» ros, e isto se faria de ambas as partes;
» e da nossa os que se tornassem Christãos,
» se faria o mesmo que aos nossos » e outras cousas, que não são de tanta substancia, e deixo por não enfadar.

CAPITULO V.

Do que o Visô-Rey prometteo.

» QUe teriam Feitor em Dabul, que não
» aggravasse os mercadores, o qual da-
» ria cartazes pera os mercadores na»
» vegarem livremente até Ormuz por toda
» a costa; e que arrecadaria os direitos das
» náos que entrassem naquelle porto, con»
» forme os cartazes.

» Que os Visô-Reys lhe dariam cada an»
» no seis cartazes forros pera onde o Idal»
» xá quizesse, os quaes se lhe dariam, man»
» dando-os elle Idalxá pedir por suas car»
» tas; e indo as embarcações com os taes
» cartazes a outros portos por caso fortui»
» to, ou por outra qualquer via, não pa»

» gariam direitos alguns; e que não estan-
» do o Viso-Rey em Goa, o Capitão que
» fosse da Cidade poderia dar os taes car-
» tazes.

» Que o Idalxá poderia mandar tirar
» desta Cidade cada anno fazendas, que va-
» lessem seis mil pardaos de ouro, forros
» de direitos.

» Que o Idalxá poderia mandar levar
» cada anno da Cidade de Goa vinte e sin-
» co cavallos forros de direitos.

» Que huma das seis náos de cartazes
» poderia ir cada anno a Dabul de Ormuz
» com cavallos, e pagaria os direitos del-
» les, descontando os vinte e sinco que tem
» livres.

» Que poderia mandar aquelle anno só-
» mente sessenta candís de gengivre pera a
» contra costa, e que pelo tempo adiante
» lhe dariam os Viso-Reys a quantidade que
» quizessem.

» Que as náos que navegarem sem car-
» tazes, e se acolherem aos portos do Idal-
» xá, e ahi forem tomadas, ainda que se-
» ja pelos vassallos do Idalxá, e ainda que
» as náos sejam de seus vassallos, visto se-
» rem de preza, se faria partilha dellas,
» ametade pera o Idalxá, e ametade pera
» o Estado, o que se cumpriria assim de
» huma parte, como de outra.

» Que

» Que os Rendeiros que devessem di-
» nheiro ao Idalxá, ou Estado, acolhendo-
» se pera qualquer destas duas partes, se-
» riam logo entregues; » com outros Capitu-
los de menos substancia.

As quaes pazes foram logo juradas, assim pelo Viso-Rey, como pelos Procuradores do Idalxá, e apregoadas assim em Goa, como no Balagate com as solemnidades costumadas, e assim começáram a correr as fazendas, e mantimentos pera Goa como de antes.

CAPITULO VI.

Do que este verão aconteceo a D. Diogo de Menezes em Malaca.

DEpois que D. Diogo de Menezes deixou a gente da fortaleza de Chalé em Cóchim, sendo avisado que pera o Cabo Çamori eram passados muitos parós, despedio pera aquella parte Mathias de Albuquerque com a sua galé, e nove navios pera ir ajuntar os navios que vem de todas aquellas partes demandar aquelle Cabo, pera lhes ir dando guarda até Goa; e o Capitão mór juntou algumas náos, e navios de mercadores que haviam de ir pera Goa, com os quaes partio elle tambem pelos se-

gu-

gurar dos ladrões de que aquella costa andava cheia, e com elles chegou a Goa em Dezembro deste anno de setenta e hum, e logo na entrada do seguinte de setenta e dous tornou a partir pera o Malavar, e andou por aquella costa em busca dos cossairos, e nella tomou algumas embarcações carregadas delles, e outros lhe escapáram por ligeiros, e assim poz muita diligencia em tapar os portos, donde lhe haviam de ir os mantimentos, e lhes tomou algumas embarcações carregadas delles, com que os poz em grandes necessidades; e sendo tempo de Mathias de Albuquerque se recolher, porque trazia huma grande cafila de náos, e navios, se foi em busca delle, e em Panané o encontrou com huma grande frota de navios, em cuja companhia tambem foi pela segurar de ladrões, e de caminho tomou a barra de Tanor, aonde se vio na praia de Coulete com aquelle Rey, e com elle tratou algumas cousas de segredo, que eu não sei, nem achei em lembrança alguma. Feita esta diligencia, tornou D. Diogo á sua jornada em companhia da cafila com quem foi até Mangalór, e alli despedio a Mathias de Albuquerque com ordem, pera que da barra de Goa voltasse em sua busca, porque importava assim, o qual foi seguindo sua jornada, e chegou a Goa a trinta

ta

ta de Março; e deixando a cafila na barra, tornou em buſca do Capitão mór, o qual achou antes de chegar a Barcelor; e ajuntando-ſe a elle, foram ſurgir na barra de Sanguiſer, onde D. Diogo levava por regimento entraſſe, e desfizeſſe huma fortaleza, que hum Rey vaſſallo do Idalxá que andava levantado fizera, e a deſtruiſſe de todo, e logo ſe fez preſtes pera iſſo, dando a dianteira a Antonio Fernandes Chalé, e os Capitães das galés ſe paſſáram a navios ligeiros, como tambem fez o Capitão mór; e entrando o rio, deſembarcou Antonio Fernandes com toda a gente, e foi commetter a Fortaleza com muita determinação, a qual os noſſos entráram, e eſcaláram, matando muitos dos que eſtavam nella, porque os mais ſe foram vaſando por huma porta que tinham pera o Sertão, e neſta entrada deram a Antonio Fernandes de Chalé huma fréchada pelas guelas, de que cahio morto ao pé da Fortaleza, morte que ſe ſentio geralmente de todos por ſer hum dos valentes, e prudentes Capitães eſte Malavar de ſeu tempo, debaixo de cuja bandeira todos aquelles Capitães militáram os annos que ſervíram no Malavar; e ſobre todos o ſentio D. Diogo, porque por ſeu conſelho fez por muitas vezes guerra naquella coſta: tinha-o ElRey D. Sebaſtião por

por ſeu esforço, e conſelho feito, cuido que Fidalgo, e lhe mandou o habito de Chriſto com boa tença; e era tão reſpeitado dos Viſo-Reys, e de todos, como hum dos mais honrados Fidalgos da India. D. Diogo mandou recolher ſeu corpo, e mettello em hum caixão breado, mui calafetado por cauſa do máo cheiro, e o mandou embarcar no navio, em que elle andava, que foi entregue aos ſeus Laſcarins, que o pranteáram bem. D. Diogo mandou a Mathias de Albuquerque foſſe pelo rio dentro até onde as fuſtas pudeſſem chegar, e deſtruiſſe tudo o que achaſſe em vingança da ſua morte; o que elle fez mais de finco leguas por elle dentro, e fez nas terras, e aldeas do Naique grandes deſtruições, deixando tudo o que havia entregue ao ferro, e ao fogo, e com eſte grande caſtigo ſe tornou pera o Capitão mór, e logo ſe partio pera Goa, aonde chegou em ſeis de Abril dia de Paſcoa, e ao outro dia foi deſembarcado o corpo de Antonio Fernandes; e eſtando o Viſo-Rey com todos os Fidalgos, e povo preſentes, e os Capitães, e com todas as Religiões, Cabido, e Clero pera o acompanharem, foi levado em huma rica tumba aos hombros dos mais honrados Fidalgos do habito de noſſo Senhor Jeſu Chriſto, de cuja Ordem elle era;

e

e com esta pompa funeral, que he a maior que se fez a homem particular, foi levado a S. Francisco, onde lhe fizeram solemnes Officios, que tudo se lhe devia por ser hum dos grandes servidores daquelle toque, que ElRey teve na India, cuja morte o Çamori festejou muito, porque o temia sobre todos os Capitães, que foram áquella costa; e com isto se cerrou o inverno.

CAPITULO VII.

Do presente que o Viso-Rey D. Antonio de Noronha mandou ao Idalxá.

DEpois que os Procuradores do Idalxá se foram pera a Corte daquelle Rey com as pazes feitas, despedio elle logo hum Embaixador a visitar o Viso-Rey, e dar-lhe os parabens de sua chegada, e successão, o qual foi recebido com muita honra, e apparato; e porque já era fim do verão, o despedio logo muito bem despachado, e após elle outro Embaixador seu a lhe pagar a visita, pera o que elegeo hum Veador seu por nome Antonio do Rego, homem velho, authorizado, e intelligente, e ordenou por elle mandar hum presente de cavallos, e outras curiosidades, que mandou negociar com muita pressa, e lhe mandou tudo o seguinte.

Dezesete cavallos Arabios mui fermosos, que custáram a quinhentos, e a seiscentos pardaos, com tres celizes cada hũm de damasco, damasquilhos de comequis de cores pera o caminho. Huma sella estardiote de veludo negro franjada de ouro em preto com arções de aço de Milão de tauxia dourada, lavrados de figuras de relevo com sua brida e estribos, e cabresto do mesmo toque. Outra estardiota de veludo carmezim franjado de ouro, com seus prégos, medalhas, bridas, cabresto, tudo dourado do mesmo toque. Outra sella de veludo verde com todas as suas peças, medalhas, estribos, brida, copes, e cabresto, com seus ferós, tudo muito bem dourado, e ricamente guarnecido.

Huma peça de veludo carmezim, outra de veludo roxo, outra de setim carmezim, outra de setim encarnado, todas de oitenta covados cada huma, duas peças de escarlatas finas, tres barças de louça da China sorteadas, hum bacio de agua ás mãos de bastiães pelo meio da bordadura, e pela borda de fóra de lavor retalhado com a historia de Judith no meio, tudo dourado, hum gomil de boca larga do mesmo toque, hum saleiro da mesma obra com hum S. Jorge em sima.

Com todo este presente chegou o Embai-

baixador á Corte do Idalxá, onde foi muito bem recebido. ElRey lhe deo audiencia, e recebeo a carta, e presente diante de seus Capitães, e mandou correr com o nosso Embaixador muito bem, e confirmou, e jurou de novo as pazes, e com muita satisfação o despedio o verão seguinte.

Neste mesmo tempo já no fim de Abril despedio o Viso-Rey huma Armada de soccorro a Maluco pelas cartas que achou de Gonsalo Pereira Marramaque, em que lhe dava conta das cousas daquellas Ilhas, e da Armada Castelhana, que ficava em Cebú, e dos trabalhos em que ficava com os tyrannos da Ilha de Amboino, e da muita gente que tinha perdido, pedindo-lhe o soccorresse; pelo que o Viso-Rey negociou Armada pera lhe mandar, e despachou Fernão Ortiz de Tavora, que era provído daquellas viagens, com hum galeão carregado de muitos provimentos, munições, dinheiro em bazarucos, que lá se despendem bem, e fardos de jubões, calções, colchas, chapeos, e barretes pera os soldados, que tanta conta se tinha naquelle tempo com elles; porque soldados famintos, e despidos não servem pera a guerra, nem pera a paz: em sua companhia mandou hum galeão, de que foi por Capitão Pedro Lopes Rebello, e duas galeotas grandes, Capi-

pitães Diogo Colaço, e Luiz Machado, os quaes por acharem os tempos contrarios, tornáram a arribar espalhados pera diversas partes, ficando este anno aquellas Ilhas sem soccorro algum, o que causou em todos grande desesperação; e com isto se cerrou o inverno, no qual nos cabe darmos relação das cousas, que acontecêram a Gonsalo Pereira Marramaque, depois que o deixámos (com as cousas mais necessarias) até agora.

Ficáram as cousas daquellas Ilhas naquelle grande assalto que o Rey de Ternate deo á nossa Fortaleza, em que fez aquelle estrago, e ganhou a povoação, e entráram o baluarte aquelles dous esforçados cavalleiros Luiz Damó, e Belchior Vieira fizeram aquellas façanhas que contei, ficando assim as cousas naquelle miseravel estado, e a Fortaleza de Ternate arriscada a se perder; succedeo huma obra maravilhosa, e não esperada em tal tempo, que foi chegar ElRey de Tidore pela banda do mar á nossa Fortaleza em duas corocoras; e sem o moverem as bombardas, que os nossos lhe tiráram, foi com muita segurança pôr a proa em huma praia no lugar em que estava huma Ermida de nossa Senhora, que sempre acode ás grandes necessidades, e mandou desembarcar hum tio seu só, o qual

qual foi levado muito honradamente ao Capitão, porque foi conhecido, e delle muito bem recebido; e depois de estarem sentados, lhe disse, que ElRey seu sobrinho lhe mandava dizer, que era muito seu amigo; e que posto que fora em companhia de ElRey de Ternate na entrada de sua povoação, que lhe jurava por sua Lei, que nada levára das cousas, que se tomáram daquelle assalto, mais que aquelle retabolo de nossa Senhora, que lhe mandava de presente; e que lhe fazia a saber que elle perdêra naquella guerra mais que todos, porque lhe matáram seu tio Regedor de Benavé; e desenrolando huns pannos, tirou o retabolo de nossa Senhora, e D. Alvaro de Ataíde se levantou, e posto de joelhos o tomou, e adorou, como fizeram todos os Portuguezes, que alli estavam; e logo despedio huma pessoa de recado a ElRey com os agradecimentos daquella mercê que lhe fizera, e que pera ser perfeita havia de haver por bem que seu tio ficasse naquella Fortaleza, porque tinha muitas cousas que tratar com elle devagar, e que lhe fizesse mercê de o mandar prover de mantimentos por seu dinheiro, e por mostrar nisso a amizade que com elle tinha, e com este recado lhe mandou de presente algumas peças curiosas; porque estes Reys todos es-

tam

tam com os ouvidos no recado, e com os olhos nas mãos a ver se lhes levam alguma cousa. Dado o recado, ElRey mostrou folgar muito com os agradecimentos; e vendo que o tio ficava na Fortaleza, entendendo que ainda a que o não consentisse, lho não dariam, mandou responder ao Capitão, que era muito contente do que lhe mandava pedir, e que elle a mandaria prover muito bem; e com isto se tornou, e dalli por diante começáram de ir os Tidores á Fortaleza com os mantimentos, o que faziam de noite, porque os Ternates os não vissem. O Capitão agazalhou muito bem o tio de ElRey, e de sua casa o mandou prover abastadamente, porque bem sabiam os poucos mantimentos que na Fortaleza havia, e assim esteve quarenta e sinco dias na Fortaleza, e no cabo delles pedio licença pera se ir, a qual o Capitão lhe deo, e o acompanhou até á praia, tendo com elle grandes cumprimentos.

Tanto que Gonsalo Pereira teve recado do trabalho, em que os da Fortaleza estavam, logo se embarcou pera os soccorrer, não levando mais que a sua escusa galé com dezoito peças de artilheria, cameletes, falcões, e berços, e quarenta soldados com mais huma fusta, de que hia por Capitão João Rodrigues de Béja com vinte

te ſoldados, e duas corocoras, com doze ſoldados cada huma, e dezeſeis champanas cheias de mantimentos, e deixou na Fortaleza de Amboino D. Duarte de Menezes, e com elle Sancho de Vaſconcellos por Capitão do mar. Deſtas preparações do Capitão mór foi logo ElRey de Ternate aviſado, pelo que determinou de ver ſe podia impedir aquella jornada, porque determinava de apertar tanto com aquella Fortaleza até que a tomaſſe; o que não poderia fazer, ſe Gonſalo Pereira lá paſſaſſe; e pera que eſte ſeu penſamento vieſſe a effeito, deſpedio a Reboangé com huma boa Armada pera ir contra Amboino, a fim de entreter por lá o Capitão mór, e quando elle foſſe já partido, dar na Fortaleza, e tomalla; e poſto que o Reboangé ſe apreſſou, já quando chegou havia poucos dias que o Capitão mór era partido, e foi pôr cerco ao lugar de Ulate nas Ilhas de Iliaſer, cujos moradores eram grandes amigos dos noſſos, do que D. Duarte foi aviſado, e deſejou bem de lhes acudir, mas não pode por lhe faltarem navios, e com tudo negociou huma fuſta já velha; e de huma champana, que foi dos Jáos, ordenou outra, e armou duas corocoras, em que deſpedio Sancho de Vaſconcellos em ſoccorro dos cercados; e quando lá chegou, quaren-

renta dias havia que eſtavam de cerco ; e vendo os Ulates o ſoccorro, cobráram tão grande animo, que ſe ſahíram do lugar ſitiado, e commettêram as eſtancias dos inimigos, e com morte de muitos lhas ganháram, e os fizeram fugir, e Reboangé ſe embarcou na ſua Armada, e paſſou por muito perto de Sancho de Vaſconcellos; porém não ſe atreveo ao commetter. O Sancho de Vaſconcellos tanto que chegou ao lugar de Ulate, deſembarcou com ſua gente, e foi recebido de todos os moradores com grandes feſtas, e muitos ceſtos cheios de cabeças dos inimigos, que degolláram naquelle aſſalto que lhes deram; e depois que alli deſcânçou, ſe tornáram pera a Fortaleza, ficando os Ulates em grande obrigação aos noſſos pelo ſoccorro que lhes deram; e indo com ſua Armada tanto á vante, como o lugar de Ruanivé, lhe deram novas como D. Duarte de Menezes era falecido de humas febres agudas que lhe deram, ainda que alguns preſumíram que fora peçonha. O Sancho chegando á Fortaleza tomou poſſe della pelo deixar D. Duarte nomeado por Capitão.

Os Itos tanto que víram ido o Capitão mór, e D. Duarte morto, víram que lhes ficava boa conjunção pera ſe levantarem, e vingarem das vitorias que os noſſos tinham

nham havido contra elles, pera o que se carteáram com os principaes lugares da Ilha de Ito, persuadindo-os a se virem ajuntar com elles contra os nossos, affirmando-lhes que Reboangé, Capitão mór da Armada de Ternate, se fora refazer ás Ilhas de Burro, e Xuló pera tornar contra a nossa Fortaleza; ao que os moradores lhes respondêram, que se o Reboangé tornasse com o poder que diziam, que elles estavam prestes pera se juntarem a elles; ao que os Itos lhes tornáram a mandar dizer, que estivessem prestes pera a facção, que se juntariam a elles, porque Reboangé trazia maior poder do que lhes mandavam dizer, e tudo isto eram ardís de Reboangé, que estava refazendo-se na Ilha de Burro. Sancho de Vasconcellos estava innocente desta conjuração, e por isso descuidado do que lhe sobreveio, tinha lançado fóra huma Armada de sinco corocoras, em que elle quiz ir correr as Ilhas, e deixou em seu lugar Ayres Pinto da Fonseca: levava Sancho comsigo hum soldado chamado Simão de Abreu, de alcunha o Papa Ferro, a qual alcunha lhe puzeram, porque em sete desafios que teve tomou sete espadas a seus contrarios, e elle hia por Capitão de huma corocora, e na outra hum Alexandre de Matos da obrigação de D. Duarte, e nas

outras duas corocoras hiam dous filhos de Amboino mestiços. Com esta Armada passou Sancho de Vasconcellos á costa de Banaor a buscar mantimentos, e neste caminho fez muitas prezas. Os Itos tanto que souberam que o Sancho era fóra da Fortaleza, logo avisáram a Reboangé, e deram recado aos conjurados, pera que estivessem prestes, que logo seriam com elles, como fez em trinta corocoras. Juntos todos, foram buscar o Sancho á Ilha de Varenúla, de que elle teve aviso, pelo que logo se embarcou em huma corocora pequena, e muito ligeira, em que com grande pressa se foi pera a Fortaleza, por lhe não succeder algum desastre, deixando a Armada entregue ao Papa Ferro; e chegando a ella, foi avisado que o Reboangé era passado áquella costa de Termelor, onde tinha deixado o Papa Ferro com a Armada; pelo que o mandou avisar por huma embarcação muito ligeira, e dizer-lhe que logo se fosse pera a Fortaleza, e que fosse pela costa da Ilha de Rosalaor, cujos moradores eram nossos amigos; e achando novas que o Reboangé o hia buscar, se fizesse forte nos juncos dos Jáos, que tinham tomado de preza; e querendo o Papa Ferro fazer o que Sancho de Vasconcellos lhe mandava, embarcando-se na Armada, se
foi

foi affaſtando, e hum Padre da Companhia Italiano chamado Lomedo lhe diſſe com bom zelo, que não era bem deixar na praia de Calelobate quatro Portuguezes, que alli eſtavam por ſer tão perto; ao que o Papa Ferro voltou pera lá as proas, e chegando áquelle lugar, o achou queimado da gente do Reboangé, que nelle deſembarcou, e os noſſos Portuguezes ſe acolhêram ao mato, o que logo pareceo podia ſer: deſembarcando alguns, foram gritando, ao que elles acudíram, e ſe embarcáram na Armada, e deram por novas, que o Reboangé eſtava na enſeada, que era na meſma coſta, pelo que todos foram de parecer que ſe deixaſſem ficar aquelle dia, e que á noite atraveſſaſſem a Roſalaor, ou a Chiamão. Alguns dizem que o Papa Ferro perguntára aos quatro Portuguezes o que faria, ao que elles reſpondêram que elle era Capitão mór, que faria o que lhe bem pareceſſe, que elles o ſeguiriam; e dandolhe a deſconfiança diſto, diſſe que elle não era D. Jorge de Menezes o Baroche, nem D. Duarte de Menezes pera ter tamanha confiança, que ſe puzeſſe em fugida, ſem ver de que: que depois que viſſe o inimigo, faria o que o tempo lhe enſinaſſe, e mandou remar pela coſta adiante quaſi ás oito horas do dia; e como o Reboangé eſ-

tava dalli perto, descubrio logo os nossos navios, e lhe sahio muito apressado com toda sua Armada. Simão de Abreu largou os juncos dos Jáos que levava, e juntou a si as suas corocoras, que eram ligeiras, com tenção de romper por meio dos inimigos, que vinham em huma meia lua, e passar á outra banda. A corocora, em que hiam os quatro mestiços, não podia acompanhar as mais por levar ruim esquipação; e vendo-a os inimigos ficar atrás, atiráram-lhe algumas bombardadas; e pondo-se todos a huma banda, se virou a corocora, e elles se lançáram a nado, as outras lhe acudíram, e os salváram, e todos os mais. Naquella detença chegáram os inimigos á nossa Armada, com a qual traváram; entre elles se começou huma aspera batalha, e no furor della, em que o Padre Lomedo andava animando os nossos, lhe deram com hum tiro de arremeço, de que cahio morto. O Papa Ferro, e os mais foram pelejando, e rompendo pela Armada inimiga, e de passagem axorou o Papa Ferro huma embarcação dos inimigos; e virando a ella pera a tomar, parecendo-lhe que os mais o seguissem, os vio ir acolhendo voga arrancada. Vendo-o o Reboangé ficar só, virou a elle com outras corocoras, e logo o abordáram, e depois de huma grande ba-

ta-

talha, em que o Papa Ferro fez maravilhas, foi entrado, e morto com os vinte e sinco companheiros que levava. Antonio Lopes de Rezende, Capitão da outra corocora, que tinha honra, e valor, vendo o Papa Ferro abordado, virou a elle, e o foi soccorrer no maior impeto do conflicto, mas já achou tudo concluido, e na proa da sua corocora o Pate de Atua, que estava com sua espada, e Solabaco pelejando valerosamente, ao qual elle bradou que se lançasse a nado, que elle o tomaria; ao que elle lhe respondeo, que pois o seu Capitão era morto, que não queria elle escapar. Nesta detença foi o Antonio Lopes cercado dos inimigos, com os quaes pelejou denodadamente até tomar hum berço ao hombro; e vendo ir o Reboangé pera elle, disse a hum soldado, que quando lhe fizesse sinal, lhe puzesse fogo, como fez; e disparando o berço, foi tal sua ventura, que tomou o Reboangé por hum joelho, e deo com elle dentro na corocora; e cuidando os seus que era morto, acudio a elle toda a sua Armada, com o que Antonio Lopes teve tempo de se recolher, levando quatro companheiros feridos, que morrêram; e se as outras corocoras não fugíram, certo estava alcançarem os nossos a vitoria.

O Pate de Atua não se quiz salvar, como

mo digo, e deixou-se estar na embarcação do Papa Ferro com quem hia; e chegando-se a ella huma corocora pera ver se havia que roubar, achou o Pate, de que logo lançou mão sem o conhecerem, nem elle se quiz nomear; mas disse-lhe que o levassem á Ilha de Boano, que daria por si bom resgate, pelo que os Boanos o escondêram, e agazalháram bem. O Reboangé recolheo-se assim ferido a Varenula, e logo soube ser vivo o Pate de Atua; e como era grande seu inimigo, mandou lançar bando com grandes penas, que quem o tivesse lho levasse; e que quem lho descubrisse, lhe daria muito dinheiro; o que sabido dos Boanos, o leváram, porque logo foi conhecido; e posto diante do Reboangé muito inteiro, elle lhe disse que de duas cousas havia de fazer huma, ou arrenegar da Lei dos Christãos pelo elle ser, ou que havia de varar por sima delle a sua corocora; ao que o constante Cavalleiro de Christo respondeo, que elle era Christão, e que na Fé que professára, havia de morrer: e que não dizia elle varar a sua corocora por sima delle, mas que todas quantas trazia a sua Armada. Vendo o tyranno aquelle desengano, e constancia, mandou-o atravessar no varadouro dos navios, e por sima delle se varou a sua corocora, que era ta-

ma-

manha como huma galé, tendo elle sempre os olhos no Ceo, e chamando pelo nome de Jesus, e assim foi despedaçado: novo modo de martyrio, e grande occasião de darmos todos grandes graças a Deos nosso Senhor por vermos hum barbaro creado entre os rusticos, e espessos matos de Amboino tão constante, e inteiro na Fé de nosso Senhor Jesu Christo, o qual por certo temos lhe daria o galardão, e coroa do martyrio, que tão valerosamente soube merecer.

CAPITULO VIII.

Da grande vitoria, que Gonsalo Pereira alcançou de ElRey de Maluco.

PArtido o Capitão mór de Amboino, como dissemos, sendo tanto ávante como as Ilhas de Bacao por Negoriche, que são dezoito leguas de Ternate, lhe sahio este Rey, e o de Tidore com os Sangages daquellas Ilhas com sincoenta corocoras tamanhas como galés reaes; porque o Rey de Ternate tanto que soube que o Rey era partido de Amboino, logo ajuntou aquelles Senhores, e aquella Armada pera o ir esperar ao caminho. Gonsalo Pereira tanto que vio tão grossa Frota, ajuntou os seus navios, a sua galeota, e tomou no meio

as

as embarcações dos mantimentos, e se preparou pera aquelle conflicto, em que lhe era necessario mostrar todo o valor, porque bem vio que o negocio era muito arriscado; mas não perdendo ponto em seu animo, posto em sima do toldo, animou os seus soldados com a brevidade a que o tempo deo lugar, e esperou os inimigos mui confiado em Deos nosso Senhor, a quem se encommendou muito do coração. ElRey de Tidore endireitou com a galeota do Capitão mór, pera que o de Ternate com mais gosto lhe désse a irmã em casamento, como lhe tinha promettido, e lhe poz a próa pela rabada; e vindo já pera o investir, quiz Deos que hum soldado chamado João Machado, que trazia á sua conta hum falcão, lhe désse fogo em hora tão ditosa, que tomou a galeota de poppa á prôa; e como levava carga de huma boa roca de seixos, a axorou logo, despeçando a maior parte da gente, e o Rey de Tidore cahio tão mal ferido, que cuidáram todos que era morto; e juntando-se as suas corocoras, deram toa á de ElRey, e se affastáram; e o Rey de Ternate vendo aquelle destroço, foi-se á galeota do Tidore a saber se era morto. João Rodrigues de Béja vendo os inimigos affastados, foi-se á galeota do Capitão mór a ver se havia lá algum perigo;
e

e vendo-o são, e muito gentil homem, e alegre, se poz sobre o banco de alvorar armado de armas brancas com a espada na mão, capeando aos inimigos que chegassem. Succedeo naquelle tempo andarem algumas corocoras ligeiras pequenas atirando muitas bombardadas aos nossos, que estavam sem remar, e quiz a fortuna que endireitasse hum pelouro pera elle, e o tomasse pelo hombro esquerdo, que lho despedaçou, de que logo cahio mortal, e não durou mais que tres, ou quatro dias. Foi este Fidalgo filho de Rodrigo de Vasconcellos, Veador que foi do Infante D. Luiz; o Capitão mór sentio aquelle desastre na alma pelo muito que nelle perdia; e vendo-se aliviado dos inimigos, deo á véla pera Ternate, aonde chegou ao outro dia, que foi tão festejado de todos, como aquelle, que lhe levava o remedio.

CAPITULO IX.

Do soccorro que D. Leoniz Pereira Capitão de Malaca mandou a Maluco.

VEndo D. Leoniz Pereira Capitão de Malaca, que não vinha soccorro nenhum da India pera Maluco, e que aquella Fortaleza estava tão arriscada a se perder,

der, negociou hum fermoso galeão, e o mandou carregar dos mantimentos, munições, e roupas que pode, e pagou sessenta soldados, e elegeo pera aquelle soccorro a João da Silva Pereira seu sobrinho, filho de Ruy Pereira da Silva, o qual partio por via de Borneo; e deo-lhe nosso Senhor tão boa viagem, que em pouco tempo chegou a Ternate, com o qual soccorro os nossos parece que resuscitáram, e começáram a levantar cabeça. Andava neste tempo que João da Silva chegou, huma Armada de ElRey de Ternate, fazendo guerra a huma Fortaleza, que tinhamos no Morro, na qual estava por Capitão Henrique de Lima com sincoenta soldados, os quaes Gonsalo Pereira foi logo soccorrer; e chegando áquella Fortaleza, pareceo-lhe bem desfazella, e recolher a gente, porque o Capitão de Ternate assás tinha que fazer em se sustentar a si, quanto mais a outra Fortaleza, e assim o fez, e recolheo na sua Armada todos os Portuguezes; o que visto pelos naturaes, não quizeram ficar na boca do lobo, como dizem, porque o Rey de Ternate era seu inimicissimo; e tomando todos mulheres, filhos, e fazendas, se embarcáram tambem pera Ternate. Recolhido tudo isto naquella Fortaleza, logo o Capitão mór se partio pera Bachão, levando

do comſigo João da Silva pera naquella Ilha ſe ir prover de mantimentos, confiado naquelle Rey, que era Chriſtão, e amigo; mas achou-o já com o coração damnado, e andou entretendo o Capitão mór tantos dias, que de nojo, e trabalho veio a adoecer, pelo que ſe tornou pera Amboino; e chegando áquella Fortaleza, e ſabendo da morte de D. Duarte, e de como os lugares daquella Ilha eſtavam todos levantados contra os noſſos, e do desbarate da Armada do Papa Ferro, tomou tamanho pezar, que foi peiorando, e em poucos dias faleceo. Gabriel Rebello diz, que morreo indo de Bachão pera Amboino, e que o ſeu corpo fora lançado ao mar, como fizeram ao Rey Aeyro de Maluco; em cuja morte elle foi conſentidor: ſeja como for, elle acabou miſeravelmente cheio de dividas, do que tomou de fazendas ás partes. Abrio-ſe ſeu teſtamento, e achou-ſe nomeado em ſeu lugar João da Silva, que logo tomou poſſe da Armada, e começou a correr com ſuas obrigações.

CA-

CAPITULO X.

Da mudança da Fortaleza de Amboino pera o lugar da Cova.

JOão da Silva tanto que tomou poſſe do cargo de Capitão geral daquelle mar, começou a tratar das couſas que convinham áquellas Ilhas, que eſtavam em grande riſco, pelo ſitio em que a Fortaleza eſtava, que era na Ilha de Ito, cercada por todas as partes de inimigos, e não podia ſer ſoccorrida, ſenão com grande riſco; pelo que houve pareceres que aquellas Ilhas ſe haviam de largar, e irem-ſe todos pera Malaca, porque tanto trabalho, e fome não o podiam aturar corpos humanos; ſó Sancho de Vaſconcellos diſſe que nunca Deos quizeſſe que aſſim ſe largaſſe aquella Chriſtandade, que tantos cativeiros, mortes, e trabalhos tinham paſſado, aſſim pela Fé de Chriſto, como por ſuſtentarem a amizade dos Portuguezes; e tornando a haver grandes alterações ſobre o que eſtava votado, pelos mais em ſe irem todos pera Malaca, tornou Sancho de Vaſconcellos a dizer, que ſe deſenganaſſem todos, que elle não havia deſamparar aquella Chriſtandade, nem era razão deixarem aquellas ovelhas na boca dos lobos: que elle eſtava determinado

em

em ſe deixar eſtar em Amboino do modo que o Capitão geral ordenaſſe, ou por ſoldado, ou por Capitão, porque ou de huma, ou de outra maneira elle ſe atrevia a ter em pé, e ſuſtentar aquella Chriſtandade toda; e que quando o Capitão mór não quizeſſe, que elle tinha trinta ſoldados de ſua ſevadeira, com os quaes havia de fazer no lugar de Ulate hum recolhimento o mais fortificado que pudeſſe pera ficar com elles: e que affirmava mais, que quando aquelles trinta ſoldados não quizeſſem ficar com elle, que elle ſó havia de ficar alli, e que ſó com os Chriſtãos amigos havia de ſuſtentar aquellas Ilhas, que por muito ditoſo ſe haveria, quando ſua ventura foſſe tão grande que acabaſſe a vida naquelle ſerviço de Deos, e de ſeu Rey; e em fim foram taes as couſas, que ſobre iſto diſſe, que ſe envergonháram todos, e ſe retratáram a lhe parecer bem o que Sancho de Vaſconcellos dizia, e ſe conformáram todos em que mudaſſem a Fortaleza pera a ponta de Roſanive, na qual eſtava hum lugar de Ulilhenos, grandes amigos dos Portuguezes, que aſſim elles, como outros amigos os proveriam, o que não poderiam fazer ficando alli, onde então eſtava a Fortaleza, por ſer muito affaſtado delles.

Deſta ponta de Roſanive pera a Ilha de

de Ito faz huma enſeada muito penetrante, a qual ſerá de mais de quatro leguas de comprido pera dentro da terra, tres de largura na boca; e aſſim como vai pera dentro, ſe eſtreita, e falta-lhe por romper aquella Ilha, pera ficar em duas, até outro mar hum tiro de berço; mas iſto he no fim de hum eſtreito, que deſta enſeada vai pela terra dentro, que ſerá de duas leguas de comprido, pelo qual póde ir huma corocora de maré cheia, por grande que ſeja, ſómente lá no fundo do ſacco he neceſſario varalla, e levalla áquelle eſpaço que diſſe. Eſte fundo deſta enſeada ſe chama a Cova, ou deſde ſua boca até dentro; porque tanto que por ella entram quaeſquer náos, ficam como em hum muito brando, e fechado tanque. Neſta parte que digo ſe aſſentou fazer-ſe a Fortaleza, fica na terra da Ilha de Ito, com os lugares de Ative, Tarire, Curálo, Chuno; e da outra banda no fundo da enſeada eſtá o lugar de Roſanive, o qual goza de duas praias, e he lugar farto, e de muitos mantimentos, mas de pouco Ságum, que he como entre nós o trigo: mais pera dentro tem os lugares de Soya, Putá, Aló, e Bagoela, em que ha muito: da banda da contra-coſta do Sul eſtão eſtes lugares, Tiaire, Seiró, Quilão, Nacohema, e Timure, que são muito abaſ-
ta-

tados, e grandes noſſos amigos; e por todas eſtas razões ſe aſſentou, que ſe mudaſſe a Fortaleza pera aquella enſeada, o que logo ſe poz por obra, e ſe embarcáram na náo, em que foi João da Silva, e no galeão S. Franciſco, que tinha ido de Malaca pera a Ilha de Jaoa, na qual ſe embarcou Sancho, e todas as mais embarcações que havia. João da Silva com a ſua náo, e a maior parte das embarcações, foi pela parte de Vacaſſeo muito bem, e Sancho foi pela de Leſte, parecendo-lhes que lhes não faltariam virações da parte do Sul, pera poderem entrar mais folgadamente na enſeada da Cova, o que lhe aconteceo ao contrario, porque ventáram Leſtes, que alli são deſgarrões, com o que não pode ferrar a terra. O Piloto foi-ſe na outra volta, pera perder o fundo na ponta de Roſanive, por eſtar aconſelhado com os mais do galeão, com tenção de ſe çafarem pera Malaca, porque como naquella parte perdem o fundo, não ſe póde mais cobrar. Diſto foi Sancho de Vaſconcellos aviſado á meia noite; e diſſimulando o caſo, fallou com os ſoldados de ſua obrigação ſobre o que haviam de fazer, que foi tomarem as armas, e elle tambem o fez, e com elles ſe foi ao chapitel, e mandou governar ao Piloto pera terra; ao que o Meſtre reſpondeo,

deo, que ſe não podia chegar a ella, porque tudo eram baixos, em que ſe haviam de perder; ao que elle lhe reſpondeo que fizeſſem o que lhe mandava, e que ſe perdeſſem embora, porque antes queria morrer, que dizerem delle que fugia aos trabalhos; e como eſtes homens do mar são teimoſos, foram governando pera terra, e ácinte puzeram o galeão em ſecco. Vendo-ſe Sancho de Vaſconcellos daquella maneira, metteo-ſe no batel com os mais dos ſoldados, e ſe foi pera terra, onde os Roſanives os agazalháram, e por terra os leváram até outra banda da enſeada, onde João da Silva já eſtava, o qual ſentio muito a perda do galeão, mas acudio ao mais neceſſario, que foi próver o melhor que pode em algumas faltas que havia de provimentos pera aquella gente, que perecia á mingua; e como já era chegada a monção de Malaca, entregou tudo ao Sancho, e ſe partio pera paſſar a Goa a dar conta ao Viſo-Rey das miſerias, e trabalhos, em que os noſſos, e os Chriſtãos naturaes eſtavam, e primeiro ordenou huma maneira de Forte pera recolhimento dos noſſos, em quanto Sancho de Vaſconcellos não fazia a Fortaleza, que eſtava ordenada, e neſte eſtado deixaremos as couſas deſtas Ilhas, por irmos ſucceſſivamente continuando com as couſas em ſeus tempos.

CA-

CAPITULO XI.

Das cousas que passáram entre o Viso-Rey D. Antonio de Noronha, e Antonio Moniz Barreto, Governador de Malaca.

OS cercos passados não deram lugar pera continuarmos com as cousas, que passáram entre o Viso-Rey D. Antonio de Noronha, e Antonio Moniz Barreto, Governador de Malaca; e porque são materias substanciaes, darei razão dellas o mais abbreviadamente que puder, pera o que se ha de saber, que quando D. Antonio de Noronha foi eleito em Almeyrim por Viso-Rey, aonde eu tambem estava requerendo os serviços da India, tendo ElRey D. Sebastião informação das grandes inquietações, que o Achém dava á nossa Fortaleza de Malaca, praticando o remedio disto com os de seu Conselho, assentáram que era necessario haver em Malaca Governador separado do Viso-Rey da India, por não estar dependente do seu soccorro, e provimento, ao qual o Viso-Rey que aquelle anno fosse, désse Armada bastante pera dous mil homens, que tambem lhe havia de dar: e que as despezas daquella governança se fariam dos direitos das náos da China, Malaco, e das mais partes, que poderiam im-

 por-

portar trezentos mil pardaos, que ficavam faltando ao rendimento da India; e assentado isto, quando D. Antonio de Noronha foi eleito por Viso-Rey, logo ElRey lhe declarou o que neste particular se tinha assentado, de lhe dar dous mil homens, e Armada apparelhada pera elles, em que Antonio Moniz Barreto iria; e como este Viso-Rey estava pobre, e com filhos, acceitou a jornada com as condições assima ditas, e não sei se com obrigações, que deixou em conselho daquillo a que se obrigava, sabendo elle muito bem como Capitão, que tinha andado na India tantos annos, que nem a India tinha tamanho cabedal pera tirar de si, nem elle podia dar cumprimento ao que se obrigou; porque lhe pareceo que em chegando á India, ainda que não désse tudo aquillo a Antonio Moniz, que com qualquer cousa, que lhe désse moderadamente, se contentaria; e o mesmo Antonio Moniz Barreto conhecia muito bem, que o Viso-Rey D. Antonio de Noronha não podia cumprir o que lhe promettêra, de maneira que ambos se enganáram, ou os enganou a necessidade em que se viam: emfim a esta conta mandou ElRey negociar náos, e pagar quatro mil homens, de que não chegáram á India dous mil sãos, porque todos morrêram nesta viagem, que foi

tra-

trabalhosissima de febres, e inchações de pernas, porque cuido que traziam ainda algumas fezes daquella contagiosa peste, que deo no Reino de Portugal o anno atrás; e só na náo Chagas, em que eu vim embarcado com o Viso-Rey D. Antonio, que trazia novecentos homens, morrêram mais de quatrocentos e sincoenta; e na náo Belém, em que Antonio Moniz vinha, mais de trezentos, e assim pelas outras embarcações da Armada.

Chegada esta Armada a Goa, achando, como disse, toda a India de guerra, não teve Antonio Moniz que fazer; mas depois de feitas as pazes, e concertadas as cousas, vindo-se chegando a monção de partirem as náos, vio-se Antonio Moniz Barreto com o Viso-Rey D. Antonio, presentes o Secretario, Veador da Fazenda, e Fidalgos velhos do Conselho, e lhe mostrou suas provisões, e requereo que o negociasse, e lhe désse a Armada, que ElRey mandava, porque se queria partir cedo pera Malaca, porque havia naquellas partes necessidade da sua presença. O Viso-Rey lhe disse, que elle estava prompto pera fazer o que ElRey lhe mandava; mas que bem via o estado em que achou a India cercada de todos os Reys do Oriente, e a fazenda Real necessitada, e empenhada pelas

muitas despezas que fez nas guerras de Goa; e pelos soccorros que fez ás Fortalezas, a que foi necessario acudisse por se não perderem: e que tambem via que dos quatro mil homens com que do Reino partíram, não havia dous mil que estivessem sufficientes pera tomar armas; mas que com tudo suppostas as impossibilidades referidas, queria pôr em Conselho a Armada, gente, e provimentos que lhe haviam de dar, e do que se assentasse o mandaria avisar pelo Secretario; e com isto se recolheo o Governador Antonio Moniz Barreto, entendendo que não estava o Estado pera lhe darem tudo o que ElRey mandava.

O Viso-Rey poz aquelle negocio em Conselho dos Fidalgos, e Capitães, e lhes propoz sobre elle o que lhe pareceo mais serviço de ElRey, e bem do Estado, e entre todos se praticou o caso, e assentáram que o Estado da India não estava pera tirar de si tamanho cabedal: que quando ElRey ordenára aquella divisão do Estado, e que se désse aquella gente, e Armada que D. Antonio de Noronha promettêra em Portugal a ElRey, não sabia dos grandes cercos, trabalhos, e necessidades em que a India então estava; demais que ElRey mandára quatro mil homens, pera delles ficarem dous mil na India, e irem os outros

dous

dous mil com o Governador Antonio Moniz Barreto pera Malaca, dos quaes não havia dous mil que se lhe pudessem dar: que Antonio Moniz se fosse pera a sua governança de Malaca, e que lhe dessem dous, ou tres galeões, e algumas galés, e fustas com quatrocentos, ou quinhentos homens, e que pera o anno lhe mandariam tudo o que pudesse ser, porque estava já o Estado mais desafogado. Assentado isto, deo-se conta ao Governador Antonio Moniz, e se lhe respondeo por escrito, com o que elle se não satisfez, e disse que não havia de ir a Malaca senão pela ordem, e com o poder que ElRey lhe promettêra, porque se não queria deshonrar; e porque as náos eram já partidas, pera tomarem a carga da pimenta a Cóchim, escreveo a ElRey o caso, fazendo-lho mais feio do que fora; e tanto, que lhe affirmou que nunca o Viso-Rey o aviaria, e que a India ficava tão prospera de tudo, que bem lhe pudera o Viso-Rey dar tudo o que no Reino lhe promettêra, porque se elle estivera no governo da India, pudera dar a gente, e Armada a quem quer que fosse pera Malaca, assim como ElRey mandava se lhe désse; e representando-lhe as novidades que havia em Malaca, cercos que tinha do Achém ir sobre aquella Fortaleza, e que es-

estava arriscáda a se perder, e de como Gonsalo Pereira Marramaque em Maluca estava em grande aperto com a Fortaleza cercada, e Armada dos Castelhanos em Cebú, e outras cousas desta sorte, a que era necessario acudir-se, o que elle não podia fazer pelo não aviarem. O Viso-Rey D. Luiz de Ataíde foi-se embarcar a Cóchim na náo Chagas, em que tinha vindo do Reino o Viso-Rey D. Antonio, e chegou a Lisboa muito cedo; e pelas grandes vitorias que alcançou de todos os Reys da India, foi recebido de ElRey com pallio, e grandes honras, porque as merecia.

Despachadas as náos do Reino, sendo quinze de Janeiro de 1572. teve o Viso-Rey recado, que no rio de Bandá sinco leguas de Goa se recolhêram alguns paráos de Malavares contra o contrato das pazes tão pouco tempo havia celebradas com o Idalxá, pelo que com toda a pressa despedio D. Henrique de Menezes em huma galé, e sinco navios mais, de que foram por Capitães Antonio Mascarenhas, Pedro de Sousa, Luiz Machado, Duarte Pereira Sampayo, e Antonio de Oliveira em huma galeota de serviço da galé.

Recolhido D. Henrique a Goa, logo em dezesete de Fevereiro despedio o Viso-Rey a Jorge de Moura por Capitão mór da cos-

ta do Norte com duas galés, elle em huma, e Pedro Homem da Silva em outra, e seis fustas mais, Capitães Duarte Pereira de Sampayo, Ruy de Pina, Nicoláo de Brito, João Barriga Simões, e Diogo Duarte; e não fez mais que dar guarda á costa, e recolher-se em nove de Maio.

Nesta companhia foi D. Luiz de Almeida entrar na Capitanía de Damão; e porque em Fevereiro deste anno de setenta e dous acabava os tres annos da Capitanía de Ormuz D. Francisco Mascarenhas, que lá estava, e ao presente não havia provído nenhum, despedio o Viso-Rey a Fernão Telles, que depois foi Governador, pera lhe ir succeder, o qual partio de Goa em 21. de Fevereiro de setenta e dous, que foi no galeão S. João, e tomou posse da Fortaleza, e D. Francisco Mascarenhas se veio pera Goa no mesmo galeão.

Depois de Fernão Telles partido, logo em onze de Março despedio o Viso-Rey a Francisco de Sousa Tavares pera a costa do Canará pera dar guarda ás cafilas dos mantimentos que haviam de vir a Goa; levou duas galés, elle em huma, e Nuno Alvares Pinto em outra, tres fustas mais, Capitães Damião Furtado, Duarte de Villalobos, e Alvaro de Barros. Esta Armada gastou o verão em trazer as cafilas de manti-

timentos, e jangadas de madeiras, mastos, vergas, e outras cousas destas pera as Armadas.

Porque os Estreitos de Ormuz estavam desamparados de Armadas, que andassem na guarda das cafilas, que costumam a vir de Baçorá pera aquella Fortaleza, ordenou o Viso-Rey mandar huma galé, e tres navios mais pera de lá tornarem, dando guarda ás náos, que haviam de partir em Novembro, por haver novas andarem fóra algumas galés de Turcos, o que tudo quiz o Viso-Rey prover por lhe não succeder algum desastre. Nesta companhia despedio o Governador Antonio Moniz cartas pera ElRey pera se lhe mandarem por terra, em que lhe dava conta do que tinha passado com D. Antonio de Noronha Viso-Rey da India, e de como na entrada de Abril se tornára a offerecer pera ir a Malaca, como ElRey mandava, dando-lhe a Armada, e gente que elle lhe tinha ordenado, tornando a affirmar que se elle fora Viso-Rey, houvera despachar Governador, que fosse a Malaca com tudo o que lhe elle mandava dar, porque a India estava prospera, e não faltava mais que vontade ao Viso-Rey.

Partida esta Armada, despedio logo o Viso-Rey outra pera Ceilão, de que elegeo

por

por Capitão daquella Fortaleza D. Antonio de Noronha, que partio no primeiro de Maio com huma galé em que elle foi, e quatro fustas, Capitão Fernão Dias de Oliveira, Jeronymo Monteiro, e Antonio Machado, que todos chegáram a salvamento, e D. Antonio tomou posse daquella Capitanía. Destas Armadas atrás não escrevo os successos, porque não houve cousa notavel de que façamos menção.

CAPITULO XII.

Das cousas que succedêram em Maluco.

NEsta enseada que já disse, quando dei relação do lugar, que se elegeo pera mudarem a Fortaleza, sahe ao mar huma ribeira muito fresca, e graciosa, cuberta de arvoredo de frutas excellentes, ao longo da qual Sancho de Vasconcellos cortou toda a madeira pera a Fortaleza que fez de duas faces, fechada com suas chaves muito fortes, entulhada muito bem de maneira, que pera aquella parte ficava bastantemente defensavel, e tinha seus baluartes, e guaritas guarnecido tudo de artilheria: nesta obra ajudáram, ou pera melhor dizer, fizeram tudo alguns Atives, e Tarives fidelissimos assim a Deos, como aos Portugue-

guezes, e alli ficáram os nossos esperando o soccorro, passando fómes, e trabalhos immensos, porque não comiam mais que frutas dos matos.

João da Silva chegou a Malaca, e deo informação do risco em que os nossos ficavam: pelo que o Capitão daquella Fortaleza, que era D. Francisco da Costa, que succedeo a D. Leoniz Pereira, negociou com muita pressa hum galeão, de que fez Capitão hum foão Paes, e huma fusta, em que foi Alvaro Barreto, nos quaes navios mandou embarcar muitos mantimentos, munições, e roupas, e fez embarcar por força alguns soldados, porque naquelle tempo pera elles era hum desterro perpétuo. Partido este soccorro com homens forçados, os que hiam na fusta fizeram com que arribassem a Fundá; e o galeão se foi metter na enseada de Japará, onde deo á costa, e todos os que nella hiam foram cativos: dizem que hum mestiço, que hia degradado, cortára de noite a amarra ao galeão, e o fizera rolar a terra. Hiam neste galeão dous Padres da Companhia, hum dos quaes era Pedro Mascarenhas, Religioso de muita virtude, e caridade, homem Fidalgo, e Letrado, natural de Arzila; e o outro era Italiano, e alli onde fóram cativos os resgatáram os Portuguezes que por lá andavam,

e

e os embarcáram em huma fusta pera Malaca. O mestiço que fez todo este mal, dizem que logo se fez Mouro, e era tão máo, e perverso que o mandou aquelle Rey matar por velhaco, ou o permittio Deos nosso Senhor assim por suas torpezas: os Padres da Companhia foram depois ter a Malaca, aonde fizeram muitos serviços a Deos nosso Senhor, e passáram os trabalhos que ao diante diremos.

Estando as cousas de Maluco, e Amboino neste miseravel estado que dissemos, chegáram a Ternate os dous galeões, que o Viso-Rey D. Antonio de Noronha despedio no Abril passado com muitos provimentos, dos quaes foram por Capitães Fernão Ortiz de Tavora, provído daquella viagem, e Pedro Lopes Rebello, que foram recebidos dos nossos como soccorro vindo do Ceo; e porque era monção do cravo, carregáram logo, e se partíram pera Amboino com os provimentos que hiam forçados pera aquella Fortaleza, com que os que nella estavam se animáram, e os naturaes ficáram mais seguros na amizade que sustentavam. De Amboino se partíram estes galeões em Maio deste anno de setenta e dous em que andamos; e indo atravessando o golfo, abrio o galeão de Pedro Lopes Rebello tantas aguas, que se hia ao fun-

do;

do; e acudindo-lhe Fernão Ortiz de Tavora, lhe salvou toda a gente; e como era muita, foi-lhe faltando a agua, pelo que lhe foi necessario arribar ao Macassar, e tomou da outra banda do mar da Jaoa já sem agua alguma, e como desesperados se foram á Ilha do Salazar pera se proverem; e estando surto nella, lhe deo huma tormenta de Sudoeste, que varou com o galeão á costa, e a gente se salvou no batel, e em outras embarcações da terra, e se passáram ao Macassar, e aquelle Rey os recolheo humanamente, e os mandou levar a Malaca em juncos, dando-lhes tudo o necessario, que tambem entre os barbaros não falta caridade; e parece certo que tinha Deos nosso Senhor o açoute de sua Divina justiça sobre aquella gente de Maluco pelas crueldades que usáram com aquelle Rey, e injusta morte que lhe deram, porque depois que o matáram até hoje não passáram lá senão muito poucos galeões, e o lugar de Ative está em huma Ilha entre a de Ito, e a de Liaser, oito leguas da Fortaleza, e he muito povoada, e tem junto de si dous lugares de sua facção, cujos moradores são muito cavalleiros, as mulheres muito fermosas, e deshonestas. Neste lugar fizeram os Padres da Companhia huma Igreja, á qual acudíram todos aquelles Christãos á roda.

da. Estes Atives, que eram grandes amigos dos nossos, desejavam offerecer-se alguma occasião pera se vingarem de alguns aggravos que lhes pareciam ser-lhes feitos, e cumprio-lhes o demonio seus desejos por esta maneira. Tanto que víram ausente o Capitão mór, e desbaratado, e morto a Simão de Abreu o Papa Ferro, como dissemos, ordenáram de dar nos nossos, e convocáram os dous lugares assima nomeados, e huma noite foram demandar o lugar, em que a Igreja estava, e matáram sinco Portuguezes. Os Padres da Companhia, que tinham a Igreja em hum' alto, e lá ouvíram o reboliço, e entendendo o que era, o Padre Pedro Mascarenhas disse ao companheiro, que se fossem pera os matos; e estando neste conselho, deram os inimigos na Igreja, e matáram o companheiro do Padre Pedro Mascarenhas, e elle quiz Deos que tivesse tempo, e lugar pera escapar daquella furia, e ir-se embrenhar nos matos. Feito isto, recolhêram-se os inimigos, e o Padre andou pelos matos oito dias, sem comer mais que humas frutas pequenas, e beber agua que havia alli muita, e muito boa. Os moradores do lugar de Oma, que eram nossos amigos, e viviam na costa da outra banda do Sul, tiveram logo aviso do negocio, e de como o Padre se acolhêra

aos

aos matos, e foram logo em buſca delle; e o achàram aſſentado ao longo de huma ribeira tão fraco, que ſe não podia bullir; e vendo aquella gente, cuidando que o hiam matar, ſe deixou eſtar muito ſeguro, offerecendo-ſe a Deos no ſeu coração em ſacrificio. Os que o buſcavam chegando a elle, o conſolàram, e o mettêram em hum andor, dizendo-lhe que ſe não receaſſe de couſa alguma, e no ſeu lugar o agazalhàram, e provêram de tudo o neceſſario. O Padre ficou conſoladiſſimo com aquelle não eſperado ſoccorro, entendendo lhe viera da mão de Deos noſſo Senhor, que ſempre coſtuma acudir onde menos eſperança ha de humano remedio.

Sancho de Vaſconcellos ſabendo tamanha traição, convocou os vizinhos amigos no meſmo dia; e embarcando-ſe na Armada á meia noite, chegou ao lugar de Achua, aonde deſembarcou ſem ſer ſentido; e commettendo o lugar, o entrou, e deſtruio, mettendo á eſpada toda a couſa viva, ſem perdoar nem a velhos, nem a meninos de peito; e pondo fogo ao lugar, aſſim elle, como todos os mortos ſe convertêram em cinza, e com eſta vingança, e ſatisfação ſe tornàram pera a Fortaleza, onde ſe apercebeo de algumas couſas, e logo ſe tornou a embarcar, e foi demandar a Ilha Roſa-

ler

ser doze leguas da nossa Fortaleza, cujos moradores eram grandes inimigos dos Portuguezes, e desembarcou nella, e foi por huma serra assima, onde elles tinham suas tranqueiras, e estavam descuidados de tal sobresalto; e commettendo-as os nossos, foram entradas á força de braço, e dentro matáram mais de duzentos, e lhes escaláram as casas, em que lhes acháram razoadas prezas, com que se recolhêram bem satisfeitos.

CAPITULO XIII.

Torna a continuar as cousas da India, e as Armadas que o Viso-Rey lançou fóra: e de como o Mogor se senhoreou do rio de Cambaya.

NA sexta Decada, livro decimo, Capitulo dezeseis démos larga conta de como por morte de Soltão Mamúde Rey de Cambaya levantáram os grandes do Reino por Rey a Soltão Mahamud, que diziam ser filho do morto, o qual como era de sete pera oito annos, ficou em poder dos tres tutores Alucan, Itimitican, e Madre Maluco, em cujo poder andou o triste, e pobre moço até agora, que bem pobre se póde chamar, pois não mandava cousa alguma, por ser como huma estatua muda sem

sem poder fallar, porque o não deixavam ser senhor de suas acções: e prouvera a Deos que succedêra esta desgraça só aos barbaros, e não chegára a abranger a alguns Reys Christãos, e de xaque em xaque, como Rey de Xadrés, andava o pobre moço ora nas mãos de hum, ora nas de outro dos tutores, sem elle ter vontade, nem querer, sobre o que via entre aquelles tres tyrannos que mandavam, e comiam tudo com grandes invejas, e ciumes: e succedeo naquelle tempo que o Viso-Rey D. Constantino tomou a Cidade de Damão, que foi no anno de mil e quinhentos e sincoenta e nove, em que este pobre moço teve modo, com que fugio de Madre Maluco pera o Itimitican, o qual como era máo homem, sempre se receou dos grandes do Reino, e pera se segurar quiz usar de huma das maiores traições, que nenhum vassallo usou com seu Rey, e foi esta.

Estava o Hibar Rey poderoso dos Mogores na Cidade de Agará, onde então tinha sua Corte, que poderiam ser . . . . jornadas do Reino de Cambaya, o qual era o maior senhor de todo o Oriente, e andava com pensamentos de conquistar todos os Reinos do Decan, pera ficar maior senhor que o Grão Tamorlão de quem descendia; e além da má inclinação que o Itimi-

mi-

mitican tinha, parece que suspeitou que o Mogor tinha tambem os olhos naquelle Reyno; e querendo-se segurar em seu estado, quiz quebrar hum olho a si (como dizem) por quebrar ambos aos levantados, e em grande segredo despedio Embaixadores ao Mogor, pelos quaes lhe mandou dar conta do estado em que as cousas daquelle Reino de Cambaya estavam, e que se quizesse senhorear-se delle, que elle lho entregaria sem golpe de espada, e lhe poria o Rey moço em seu poder, com tanto que o havia de deixar a elle Itimitican por Viso-Rey de todo aquelle Reyno, e com outros partidos largos, que o Mogor lhe concedeo liberalmente; e não dilatando o negocio, se partio com sincoenta, ou sessenta mil cavallos, com que em poucos dias entrou pelo Reyno de Cambaya, e o Itimitican o foi esperar á Cidade de Amadabá, onde lhe entregou aquelle Rey, e se poz em suas mãos. O Mogor que nunca tal imaginou, avaliando por grande aquella felicidade, recolheo o Rey com muita honra, e o entregou a hum Capitão, que tinha dez, ou doze mil cavallos, pera que livremente o trouxesse em sua guarda, e elle foi entrando pelo Reyno, e senhoreando-se delle sem golpe de espada até chegar á Cidade de Cambaya, donde mandou prover as cou-

ſas do Reyno, e mandou levar a ſi todos os Capitães principaes, e os entregou a quem os trouxeſſe em boa guarda.

Eſtavam naquelle tempo na Cidade de Cambaya alguns ſincoenta, ou ſeſſenta Portuguezes mercadores, que ſe não puderam recolher por terem ſuas fazendas em terra. Eſtes vendo aſſim o Reyno entregue, ajuntáram-ſe todos veſtidos o mais cuſtoſamente que pudéram, e ſe foram offerecer ao Mogor, que lhes fez grande gazalhado; e como no jogo da fortuna eſtava com tanta ganancia, ſem cuſto algum lhes fez mercês de barato, ſegurando-os que ſe não temeſſem, e mandou que ſe lhes não buliſſe em couſa alguma de ſuas fazendas, e lhes diſſe que lhe pediſſem mercês, porque lhas faria: o que viſto por elles, lhe pedíram de mercê que quitaſſe os direitos aos Portuguezes mercadores, que foſſem áquelle porto com ſuas fazendas, o que o Mogor lhes concedeo facilmente, ſuppoſto que não pode o Rey cumprir eſta ſua vontade, porque hum Capitão, ou Veador da fazenda lhe foi á mão, dizendo-lhe que lhe importava aquillo todos os annos trezentos mil cruzados, pelo que a mercê não teve effeito; e parecendo-lhe bem aquelle trajo dos noſſos, mandou fazer outros de capas de raxa, chamalotes, roupetas, calções, e

bo-

botas, e pedio aos Portuguezes algumas gorras, que se então costumavam de Milão, e alguns chapeos, e vestio-se á Portugueza com espada, e adaga, pelo que os nossos lhe beijáram a mão.

O Mogor ficou concertando as cousas do Reyno, e mandou tomar posse das Fortalezas de Baroche, e Surrate, em que poz Capitães Mogores, como fez nas mais Cidades, e só alguns Regulos, que viviam em serras fortes, se sustentáram nellas, e alguns levantados mais que se ficáram com as partes que governavam, quando morreo Soltão Mahamede lá pera as serras de Jurager.

Disto teve logo o Viso-Rey aviso; e vendo quão máo vizinho era o Mogor, e que era necessario acudir a segurar as Fortalezas do Norte, despedio pera esse effeito a Jorge de Moura com huma galé, em que elle hia, e seis fustas, de que foram por Capitães Christovão do Amaral, João Correia de Brito, Vicente Paes, João Barriga Simões, Nicoláo de Brito, e Henrique Barbosa da Silva, que todos partíram em dezesete de Agosto deste anno de setenta e dous, levando por regimento que não quebrasse com o Mogor, nem fizesse mais que andar á vista da Fortaleza de Damão, e que em segredo defendessem que

não fossem mantimentos pera Cambaya, o que elle fez com muito cuidado, e diligencia; e porque segundáram as novas, D. Luiz de Almeida Capitão de Damão escreveo ao Viso-Rey, que estava aquella Cidade aberta, que era necessario acudir-lhe, porque se o Mogor tentasse alguma maldade, a não tomasse, pelo que com muita pressa despachou outra Armada de duas galés, e sete fustas, de que foi por Capitão mór D. Jorge de Menezes, que depois foi Alferes mór do Reyno, o qual partio de Goa em quinze de Outubro seguinte, elle em huma galé, Diogo de Azambuja em outra; das fustas foram por Capitães D. Sancho de Vilhena, D. Luiz de Menezes, Pedro Boto Meirelles, Estevão de Pina, Manoel Alvares, Pedro Soares, Apollinario de Val de Rama, que se foi direito a Damão, e andou por aquella costa com grandes intelligencias no Mogor, e veio com huma grande cafila de navios a Goa, donde o Viso-Rey o tornou a despedir pera Cananor a buscar outra com que chegou a Goa, estando já o Viso-Rey pera dar á véla pera Damão.

Como nas Cortes dos Reys do mundo nunca faltam lisongeiros desejosos de ganhar terra com elles, assim succedeo aqui com este barbaro, que estando pondo em

ordem as cousas daquelle Reyno, de que se fez Senhor em tão breve tempo sem golpe de espada, sendo sua potencia tão grande nos tempos passados, que assombrava todo o Oriente, lhe disseram que as terras de Damão, e ainda as de Baçaim com suas Cidades eram do Reyno Guzarate, as quaes os Portuguezes comiam, e possuiam, sendo de direito suas, que era descredito da sua potencia dissimular com isso, tendo-as tão perto, e tão certas que não estava em mais senhoreallas que em mandar seus Capitães sobre ellas; e tanto lhe disseram, que mandou fazer prestes Cutibidican com dez mil cavallos, de que logo D. Luiz de Almeida foi avisado, e despedio recado com muita pressa ao Viso-Rey, affirmando-lhe a certeza daquella jornada, que ficava a risco de se perder aquella Cidade pela pouca defensão que tinha, e juntamente se começou a fortificar o melhor, e mais apressadamente que pode ser. O Capitão do Mogor despedio hum enviado ao Capitão da Cidade, pelo qual lhe mandou dizer que o Mogor seu Senhor lhe mandava rogar que lhe despejasse a Cidade, e largasse as terras, que eram do Reyno de Cambaya, cujo Senhor elle era, e que folgaria de não romper com elle sobre o que era seu. D. Luiz lhe respondeo, que

que estava alli da mão do Viso-Rey da India, sem cuja licença elle não podia fazer cousa alguma: que lhe mandaria recado; e mandando elle que lhe entregasse tudo, o faria com muito gosto; e sobre este negocio tornou o Mogor a replicar por vezes, e de todas ellas o foi entretendo D. Luiz com a escusa de esperar pelo recado do Viso-Rey, até elle chegar, como ao diante diremos.

Este recado chegou ao Viso-Rey na entrada de Dezembro, e logo com muita pressa se começou a fazer prestes pera acudir em pessoa áquelle negocio com todo o poder que na India houvesse, porque era mui arriscado o caso; se nelle houvesse descuido algum; e assim quando foi a ultima oitava do Natal, sahio pela barra fóra com a Armada seguinte. Nove galés, huma em que hia o Viso-Rey, e das outras foram Capitães, D. Jorge Alferes mór que foi, que tinha vindo do Norte com huma grande cafila, D. Garcia de Noronha, neto do outro que foi Viso-Rey, D. Henrique de Menezes, D. Miguel de Castro, filho do Viso-Rey D. João de Castro, D. João da Gama, filho de D. Vasco da Gama, segundo Conde da Vidigueira, Francisco da Silva de Menezes de Campo Mayor, Diogo de Azambuja, e Rodrigo Homem da

Sil-

Silva. Levou oito galeotas Latinas, cujos Capitães foram: D. Diogo de Menezes, Manoel Furtado de Mendoça, irmão de André Furtado, que foi Governador, Fernão de Albuquerque, que ainda hoje vive, Gaspar de Brito do Rio, João de Mello de Sampayo, filho do Doutor Gaspar de Mello, Nuno de Mendoça, e Diogo Dias do Preste. Fustas levou setenta e seis, de que foram Capitães Manoel de Sousa Coutinho, que depois foi Governador, D. Rodrigo de Sousa, D. Rodrigo de Castro, D. Francisco de Sousa, D. Martinho da Silveira, Ayres Falcão, Jorge da Silva Pereira, filho de Ruy Pereira da Silva, D. Antonio de Castro, Alexandre de Sousa, Antonio Mascarenhas, João Gomes de Abreu de Lima, Diogo da Silva, Jeronymo Carvalho, Francisco Paes de Mello, Nuno Cordeiro, Gonsalo Guedes de Reboredo, Antonio de Espinola, Luiz de Sousa, Gaspar de Sá, Manoel Fernandes de Béja, Fernão Alvares do Oriente, Pedro Furtado de Mendoça, João Fernandes da Costa, Christovão de Araujo Evangelho, Antonio de Sousa Coutinho, Luiz Ferreira o Chatim, Gregorio Boto, Pedro Fernandes Brochado, Vasco da Silva, Manoel de Miranda, Francisco Pereira, Antonio Vaz Correia, Estevão Gonsalves, Mestre Capitão

tão dos Inhames, Manoel Dias, Fernão Gomes, Lopo Pereira, Pedro Zuzarte Tição, Alvaro de Abreu Pereira, D. Leoniz Pereira, Capitão que foi de Malaca, Manoel de Mello, Damião Furtado, Diogo Collaço, Christovão de Tavora, Martim Affonso de Mello, João Ferreira Fialho, Diogo Lopes de Mesquita, que foi Capitão de Maluco, D. Paulo de Lima Pereira, Antonio Telles de Menezes, Alvaro Ferreira, Manoel Rodrigues, Cosme Duarte, Luiz Fernandes, Rodrigo Monteiro. O Licenciado Antonio Correia, Ouvidor geral, Diogo Fernandes o Forte, João Pereira, Francisco Pereira, Diogo do Quintal, Diogo de Mello Coutinho, e Zofocão Principe do Balagate, D. João Principe de . . . . o Inquisidor Bartholomeu da Fonseca, Agostinho Nunes, Francisco de Mello, Antonio Luiz, Gaspar Tavares Cananôr, D. Luiz de Menezes, Henrique Dias, Apollinario de Val de Rama, D. Sancho de Vilhena, Estevão de Pina, Pedro Boto Meirelles, Manoel Alvares, Manoel de Saldanha, D. Garcia Malavar, Bartholomeu de Magalhães, Pedro Fernandes, e outros.

Levou mais sinco galeões, cujos Capitães foram D. Pedro de Castro, D. Francisco Henriques, Ayres de Sousa, Manoel

de

de Brito, e Mem Lopes Carrasco. Nesta Armada hia o melhor de tres mil homens de armas a fóra a gente da terra, cujos provimentos de toda ella me encarregou o Viso-Rey, e em menos de hum mez deo á véla; e como ventavam terrenhos, e virações, em poucos dias foi tomar Baçaim, onde teve recado de D. Luiz de Almeida, que os Mogores estavam já menos de duas leguas daquella Cidade, pelo que teve conselho com seus Capitães, e Fidalgos velhos sobre o que faria, e os mais delles votáram que o Viso-Rey ficasse naquella Cidade de Baçaim, e mandasse toda aquella potencia a Damão; porque vendo os Mogores, e sabendo que o Viso-Rey ficava em Baçaim, haviam de ter pera si que com elle ficava outro poder maior, e que vendo-o em Damão, tambem haviam de cuidar que levava comsigo todo o poder que na India havia, e que era muito differente huma cousa da outra pera os Mogores não passarem sobre Damão: em fim debatido o negocio, assentou o Viso-Rey de passar adiante, porque houve votos que se conformáram com elle, dando por razão, que quando os Mogores o lá vissem, não haviam de medir a gente pela que levava a Armada, senão pela potencia da sua máquina, em que ao menos haviam de cuidar

dar que hiam mais de ſeis mil homens, e que ſó o nome de eſtar o Viſo-Rey da India em Damão havia de enfrear muito os Mogores, no que ſe não enganou; e tomando alli mais doze, ou quinze navios, que ſe lhe ajuntáram de Chaul, e Baçaim, os quaes os Fidalgos alli caſados tinham armados pera acompanharem o Viſo-Rey, deo á véla pera Damão, aonde chegou em poucos dias, e deixando os galeões fóra, entrou o rio com as galés, e com a Armada de remo, que ſe eſtendeo de huma, e outra parte, ficando o rio entulhado de embarcações que ao entrar ſalváram a Cidade com tanto eſtrondo, que foi eſpanto, e o meſmo fizeram os galeões, cujos terremotos foram dar nos ouvidos dos Mogores, que os aſſombrou de maneira que não ſabiam parte de ſi. O Viſo-Rey deſembarcou em terra, e foi viſitar as fortificações, e as mandou renovar com muita preſſa, porque não tinha a Cidade mais muros que huns entulhos altos de arêa, e mettidos por elles humas arvores, e hervas leiteiras mui grandes, e eſpeſſas, ás quaes ſe não póde chegar pera as cortar, porque o leite que dellas ſalta, ſe dá nos olhos, logo os céga, e trata mal, e com a artilheria não ſe podem bater, porque nos pés dellas nos entulhos de arêa ficam os pelou-

ros

ros enterrados, e mais assim a passam pelas arvores sem fazerem damno; e nos baluartes, que tinha da mesma feição, mandou pôr algumas peças de artilheria pera varejarem o campo que se descobre todo; e poz nelles Capitães com seus soldados de maneira, que ficou a fortificação segura, e assim entendeo o Viso-Rey em outras cousas de que havia necessidade com muita ordem, e brevidade.

Tanto que soube o Capitão dos Mogores ser o Viso-Rey chegado, logo avisou o seu Rey, que estava em Baroche, pelo que se passou a Surrate por ficar mais perto de Damão, donde proveo em muitas cousas do Reyno, e houve ás mãos os Capitães alevantados, que mandou ter a bom recado, e mandou prover aquellas Fortalezas de outros seus vassallos com que os segurou; e tendo recado em como o Viso-Rey estava em Damão com aquelle poder, não quiz romper com elle, antes procurar amizades pelo proveito que disso tinha na navegação de suas náos pera Meca, em que elle determinava de metter grande cabedal, e sua mãi, e algumas mulheres desejavam de ir visitar o sepulcro de Mafamede; pelo que ordenou hum Embaixador com grande apparato, e magestade pera o ir visitar, e tratar com elle amizades, o

qual

qual em breves dias foi ter a Balſar, e dahi mandou fazer a ſaber ao Viſo-Rey da ſua vinda, o qual lhe mandou preparar hum grande recebimento, e lhe mandou os parabens della por Chriſtovão do Couto Lingua do Eſtado, que pera iſſo foi muito acompanhado, e ambos aſſentáram o dia, em que queriam fazer ſua entrada, que foi por eſta maneira.

Mandou o Viſo-Rey chegar os galeões o mais perto da barra que pode ſer, e as galés que ſe puzeſſem pelo meio do rio em fileira, e hum eſpaço diante huma da outra, e as fuſtas que ſe eſtendeſſem de longo da ribeira de huma, e outra parte, e os baluartes da Cidade ſe encheſſem de bandeiras, como fizeram os galeões, e as fuſtas todas, e as galés com ſuas flamulas, galhardetes, e bandeiras todas fermoſiſſimas; e a galé baſtarda, em que o Viſo-Rey eſtava, ſe poz no meio das outras com ſeu toldo de borcado franjado de ouro, que arrojava quaſi até a agua, e na quadra a bandeira Real das Armas de noſſo Senhor Jeſu Chriſto, e na poppa tres grandes faroes dourados, e a chuſma veſtida o melhor que pode ſer, e a coxia do maſtro até a eſtanteirola cuberta de fermoſas alcatifas, e o toldo com outras mais ricas, e por ſima guarnecidas de pannos de ouro,
de

de maneira que eſtava a Armada tanto pera temer, como pera ſe folgar de ver; e o dia da entrada do Embaixador mandou o Viſo-Rey chamar pera a ſua galé todos os Fidalgos velhos, e Capitães, que eram mais de duzentos, que foram cuſtoſiſſimamente trajados, e armados por baixo, os quaes ſe eſtendêram pela galé de poppa á proa por ſima dos baleſteiros, e o Viſo-Rey dentro no toldo aſſentado em huma cadeira de borcado, veſtido de huma roupa preta, e huma ſaia de malha muito rica por baixo, e hum pagem com hum montante nú junto delle, no cabo da coxia encoſtado á eſtanteirola eſtava D. Jorge de Menezes, que depois foi Alferes mór do Reino, armado de armas inteiras brancas mui reluzentes, e huma cellada de aço na cabeça a modo de viſeira, e nas mãos hum grande montante dourado nú; e como era hum dos fermoſos homens de ſeu tempo, aſſim na eſtatura do corpo, como no valor de ſua peſſoa, e animo, ſó pera o ver ſe pudéra tomar qualquer trabalho.

O Embaixador do Mogor chegou á outra banda da praia, onde o eſperava D. Luiz de Almeida Capitão da Cidade com ſeus parentes, e amigos muito louçãos, e nas viſtas tiveram grandes cumprimentos; e tomando elle o Embaixador pela mão, o em-

embarcou em huma fusta ricamente preparada, e o levou ao toldo, onde se assentáram cada hum em sua cadeira de veludo, e ao affastar, e desamarrar da praia se fez hum final, com o qual começáram os galeões a disparar aquella soberba furia de artilheria huma, e muitas vezes, e o mesmo fizeram as galés, indo já o Embaixador pelo meio dellas, o qual fez parar a embarcação, porque com as nuvens do fumo não viam por onde hiam, porque escurecia a claridade do Sol, e depois das galés fizeram o mesmo as fustas, e navios de remo, o que tudo foi de muito maior espanto pera os Mogores, que nunca imagináram de ver, e cuido certo que de boa vontade trocára o Embaixador as honras de se ver naquelle lugar por se não ver nelle: durou esta salva largas duas horas; e tanto que o estrondo cessou, que se começáram a espalhar as nuvens de fumo, foi o navio em que o Embaixador hia remando pera a galé, e antes de chegar a ella lhe deo tambem huma fermosa salva: foi a fusta demandar a proa como estava ordenado, pela qual, e por sima daquelles fermosos canhões, e bazilifcos foi o Embaixador desembarcado, e pela coxia o foi o Capitão D. Luiz sempre levando de mão, indo elle muito grave, pondo os olhos naquel-

quella fermosa fidalguia que de huma, e outra parte estava; e chegando á estanteirola, deo com D. Jorge de Menezes em pé na fórma que disse; e parando hum pouço a olhar pera elle, lhe fallou. O Viso-Rey ao entrar do toldo se levantou, e deo alguns passos a tomar o Embaixador, que se lhe vinha humilhando, e o levou nos braços, e pela mão o levou ao toldo, onde se assentáram, e o Viso-Rey lhe perguntou pela saude do Hecobar, e de seus filhos, ao que lhe respondeo em fórma; e passados estes primeiros cumprimentos, lhe disse o Viso-Rey que elle vinha muito alvoraçado pera ver o Hecobar, parecendo-lhe que o achasse mais perto; mas pois não podia satisfazer este desejo, o mandaria fazer por seu Embaixador, que despediria em sua companhia: e que estimava muito que fosse Senhor do Reyno de Cambaya por ficar mais perto das nossas Fortalezas, donde os Capitães dellas, e elle Viso-Rey o serviriam, e sustentariam com elle huma firme amizade pera melhor conservação de seus Estados. O Embaixador depois de ter sobre aquelles pontos os agradecimentos devidos, e cumprimentos necessarios, lhe deo sua embaixada, que toda redundava em desejar com o Estado da India a mesma paz, e amizade de que a todos resultaria gran-

grandes bens, e accrescentamentos; e por fim vieram a assentar, que o Viso-Rey mandasse seu Embaixador a concluir as pazes com o mesmo Hecobar, que estava em Surrate: e que elle Embaixador esperasse dous, ou tres dias da outra banda, onde tinha as suas tendas até se aviar a pessoa que com elle havia de ir, e que recolhesse a gente de guerra das terras de Damão, porque os moradores das aldeas, que era gente coitada, estavam assombrados, e não ousavam cultivar suas terras, o que o Embaixador prometteo, e cumprio inteiramente, e com isto o despedio com algumas peças ricas que lhe deo, e ao desembarcar teve outra salva semelhante á passada, e o Capitão D. Luiz o poz da outra banda, e se tornou pera a Cidade.

O Viso-Rey tratou logo da eleição da pessoa, que havia de ir por Embaixador, e por parecer dos mais foi eleito Antonio Cabral, que era homem Fidalgo, e de bom entendimento, e de muitos annos da India, e que poderia fazer muito bem aquelle negocio, o qual logo se fez prestes de trajos, e apparatos pera o lugar, que hia representar diante de hum tamanho Monarca, e o Viso-Rey lhe deo apontamentos das cousas, que havia de tratar sobre as pazes, e provisão pera conceder ao Hecobar

bar

bar huma náo ſua pera ir de Surrate ao porto de Méca forra dos direitos. Negociado Antonio Cabral, paſſou-ſe da outra banda, levando comſigo Chriſtovão do Couto Lingua do Eſtado, e oito, ou dez homens de ginetes muito bém ataviados, e outra gente de ſerviço, e em companhia do Embaixador Mogor foi a Surrate, tendo o Hecobar já reçado do ſeu Embaixador das couſas que tinha paſſado com o Viſo-Rey, e de como lhe mandava ſeu Embaixador, ao qual elle mandou receber mui honradamente, tendo com elle as práticas ordinarias de lhe perguntar pela ſaude de ElRey de Portugal, e do Viſo-Rey, e por outras couſas, a que lhe reſpondeo Antonio Cabral muito em fórma, e commetteo alli logo ás peſſoas que lhe pareceo a conclusão do negocio das pazes, com as quaes Antonio Cabral ficou correndo, ſendo em tudo Chriſtovão do Couto a Lingua, porque era homem muito reſoluto naquelles negocios, e por fim ſe vieram a concluir as pazes, e a ſe jurarem, Antonio Cabral por parte do Viſo-Rey; e da parte do Hecobar não pude ſaber ſe as jurou elle, ſe outrem em ſeu nome; e os pontos principaes com que ſe concluíram ſe poderáõ ver melhor deſte formão que dellas paſſou o Hecobar, das quaes eu te-
 nho

nho tres traslados na Torre do Tombo, cujo theor he o ſeguinte.

PODEROSO DEOS HUM SO'.

Mandado de Gelaldim Mamede Hecobar Patagaſi.

» AOs meus nobres, e honrados Rege-
» dores, Governadores, Capitães, e
» Fidalgos, e a todos os deſta dignidade,
» e a todos os mais meus criados, e Offi-
» ciaes, a que o conhecimento deſte perten-
» cer, mórmente aos que regem, e gover-
» não eſta Provincia de Guzarate, e prin-
» cipalmente aquelles que tem mandado ſu-
» premo em Baroche, e Surrate, e na Pra-
» ſara, de Nauſaury, e de Velodára: ſai-
» bam todos que o muito honrado dos mui
» illuſtres, e affamados deſte tempo, obe-
» diente ao alto mandado, D. Antonio de
» Noronha Viſo-Rey dos Portuguezes me
» mandou offerecer, e moſtrar quanto de-
» ſejo tinha de minha amizade, e quanta
» vontade tinha de fazer ſerviços a eſta mi-
» nha alta, e Real caſa, offerecendo-ſe-me
» pelo honrado Antonio Cabral, que por
» elle chegou a ſupplicar, e beijar o pé de
» meu alto aſſento, a qual offerta, e offe-
» recimento me contentou, e houve por
» bem

» bem mandar passar este meu alto, e il-
» lustre formão, pelo qual vos mando em
» geral a todos, e a cada hum por si, que
» Damão, e suas terras, de que elle está
» de posse, e as tem em seu poder, que
» lhas não tomeis, nem mandeis tomar,
» nem nellas entrar por nenhum caso, nem
» chegar a seus extremos; e os Malavares
» que vierem com mercancia, e navegarem
» em seus paraos, e fustas, sendo ladrões, e
» malfeitores, e merecerem ser castigados,
» não os favoreçais, por serem perjudiciaes
» a toda a nação; mas antes vos mando
» que favorecendo os ditos Portuguezes, se-
» ja notorio a todos este favor, que lhes
» eu mando dar: fazei-o de maneira com
» que elles fiquem do mal livres, e do da-
» mno que lhes poderáõ fazer, pera que
» com isso vivam contentes; e ás ditas ter-
» ras não irá ninguem, nem a seus extre-
» mos; e não consentireis a outrem que
» lhe faça damno algum; e o que virdes
» que he rebelde a este meu alto mandado,
» castigareis de maneira com que por ne-
» nhum caso possa fazer damno algum: e
» todo o escravo de Portuguezes que vier
» a lugares, e terras nossas fugindo das suas,
» examinareis a tenção que pera isso teve,
» e conforme a lei será julgado, e entre-
» gue a seu dono: pelo que vos mando

 » que

» que em se cumprirem estas cousas não ha-
» ja dúvida alguma. Feito a dezoito de
» Março de mil e quinhentos e setenta e
» tres. » Este formão tiveram alguns pera
si que ficára em descredito do Estado pela
grande soberba, que este barbaro nelle usá-
ra, e houve dúvidas se se havia de acei-
tar, ou se se havia dissimular, por se não
arriscar aquella Fortaleza pela grande po-
tencia com que este Rey estava tão perto
della.

O proprio com o sello pendente do
Hecobar feito em huma folha de papel de
marca maior, achei eu na mão de hum
homem, que me não lembra seu nome,
nem como me disse viera a seu poder, o
qual eu levei ao Viso-Rey, que me pare-
ce era D. Francisco Mascarenhas, pera
que se veja como se guardam as cousas que
tanto importam, e se põe em cobro neste
Estado, onde se não trata mais que de
ajuntar, e andar; e ainda este proprio que
eu descubri, e dei ao Viso-Rey, não sei
que he feito delle, sendo obrigação estar
na Torre do Tombo, como padrão de hu-
ma doação de tanta importancia, como he
o de huma Cidade com mais de doze le-
guas de jurisdicção: e por eu lembrar estes
descuidos, ElRey D. Filippe, que está em
gloria, quando me commetteo esta histo-
ria

ria da India, mandou logo ordenar esta Torre do Tombo, aonde mandou se recolhessem todos os papeis, livros, e cousas que houvesse em casa do Secretario, e na Chancellaria, e todas as instrucções, e regimentos que vem do Reino todos os annos, o que nunca pude acabar com os Viso-Reys que o fizessem assim executar, e quasi que está esta casa por fórma só com o titulo de Torre do Tombo, sem ter mais que huns poucos de livros velhos, que aqui lançáram os Officiaes por lhes não aproveitarem, nem servirem de cousa alguma.

E porque a mãi, e mulheres do Hecobar desejavam, como disse, irem-se offerecer á casa de Mafamede pera segurança da náo em que fossem, pedíram os Ministros do Mogor a Antonio Cabral salvo conducto pera poder partir de Surrate huma náo cada anno pera Méca forra dos direitos, que elle concedeo livremente, encommendando aos Capitães no salvo conducto que lhe déssem, e fizessem todo o favor, e serviço á mãi, e mulheres do Hecobar que lhe fosse necessario. Feitas estas amizades, e celebradas em Surrate, e em toda Cambaya, se despedio Antonio Cabral do Mogor, e se foi pera Damão, onde o Viso-Rey ainda estava dando despacho a muitas cousas.

E

E porque não fique isto pera outro lugar por caber neste, direi o que custa este cartaz todos os annos ao Estado. Andava a Alfandega de Dio neste tempo arrendada; e sabendo os rendeiros da liberdade desta náo, reclamáram ao Viso-Rey, pedindo abatimento do que importavam seus direitos, o que correo diante dos seus Officiaes da fazenda, onde se alvidrou que se descontassem dezoito mil pardáos cada anno da renda, visto pagarem outras, que se despachavam em Dio a mesma quantia, de que os rendeiros apresentáram certidões dos livros das Alfandegas. E assim ficáram faltando nas rendas do Estado cada anno áquelles dezoito mil pardáos: e não foi só esta a perda que por aqui recebeo, mas pelos tempos adiante recebeo mais de sinco mil cruzados por esta maneira. Tanto que os moradores de Cambaya (que costumavam ir a Méca em suas náos, que eram doze, e quinze, e tinham obrigação de irem carregar a Dio, e pagar alli os direitos) víram ser esta náo liberta dos direitos, lá em Méca embarcavam nella o seu ouro, prata, e brocados, coral, e outras fazendas ricas, que era o principal rendimento daquella Alfandega; e as náos da obrigação daquella Fortaleza chegavam á ella com o rebotalho das fazendas, que na

ou-

outra ſe não pudéram carregar, e a de menos ſubſtancia, de que a Alfandega recebe grandes perdas, em que não ha remedio algum, por quanto ſe havia de guardar aquelle cartaz que ſe concedeo, porque importa aſſim ao Eſtado pelo credito, e pela quietação da Cidade, e terras de Damão, em cuja defensão ſe gaſtaria duas, e tres vezes mais do que iſto monta pera ſe defenderem. Eſtando o Viſo-Rey aqui em Damão provendo em muitas couſas, lhe chegáram cartas de Maluco, aſſim da morte de Gonſalo Pereira Marramaque, como do eſtado perigoſo em que a Fortaleza de Ternate ficava, pelo que abbreviando os negocios, fez logo volta pera Goa.

O Mogor tanto que concluio com as couſas de Cambaya, e deixou dada ordem a ſeus governos, foi-lhe neceſſario acudir aos outros Reinos, porque ſe receava que aſſim os Liquios, que confinão com elle pela parte do Norte, como os Patanes, que lhe ficam ao Naſcente, que todos são ſeus mortaliſſimos inimigos, vendo-o muito tempo auſente lhe entraſſem por ſeus Reinos, como já fizeram por algumas vezes, como ſe verá na minha quinta, e ſexta Decadas: pelo que ſe poz logo a caminho, levando comſigo o Rey entregue (como diſſe) a hum Capitão, que o tratava

mui-

muito bem, e o meſmo fez ao Itimitican; que lhe entregára o Reino, e aos mais Capitães, por aſſim ſegurar melhor a ſua cauſa; e como he muito natural nos Reys eſtimarem a traição, e aborrecerem aos traidores, em pago de o Itimiticam lhe entregar aquelle Reino, lhe mandou em Laor cortar a cabeça, porque eſte foi o galardão que lhe deo, dando por razão que quem fora traidor ao ſeu Rey natural, e que chegou a entregallo em peſſoa com o Reino, não guardaria lealdade a quem não tinha obrigações; e o meſmo fez aos mais dos outros Capitães por lhe não ficar couſa de que ſe pudeſſe temer, e recear, e por ficar ſeguro naquelle Eſtado, que tanto aſſombrou todo o Oriente. Chegou o Viſo-Rey a Goa na entrada de Abril, e logo tratou do ſoccorro de Maluco por achar novas certas do miſeravel eſtado em que aquellas partes eſtavam, e mandou negociar hum galeão, huma náo, e tres galeotas, em que ſe mettêram muitas munições, mantimentos, e roupas. Partio na entrada de Maio, e elegeo por Capitão mór deſte ſoccorro a Antonio Valadares de Lacerda, que era provído da viagem de Bandá, que havia de ir fazer depois de deixar eſte ſoccorro em Maluco: da náo foi Antonio Machado Capitão; das galeo-

tas

tas foram Francisco de Mello Soares, que depois foi Capitão de Barcellor, Christovão Machado, e D. Francisco de Lima. Partidos de Goa, não pudéram as galeotas dobrar a ponta de Gále, e arribáram a Ceilão, onde invernáram, o galeão, e a náo a passáram, e foram seguindo sua jornada, de que ao depois daremos razão.

E por quanto o Çamori fazia movimentos contra a Fortaleza de Cranganôr, despedio o Viso-Rey no mesmo tempo a Vicente Dias de Villalobos com duas galés, e sinco fustas pera ir invernar naquella Fortaleza: nas galés hia elle, e Vasco Fernandes Pimentel; nos navios hiam João Fernandes da Costa, Ruy Gonsalves Ribeiro, Manoel Carvalho de Oliveira, Bartholomeu Fernandes, e D. Garcia o Malavar.

E assim proveo as Fortalezas do Canará de alguns Capitães, e soldados, e a de Columbo em Ceilão com dous navios, em que foram Francisco Gomes Leitão Capitão do Campo, e Jeronymo Monteiro, e com isto se cerrou o inverno.

Muita perda foi pera os Chatins de Barcellor aquella Fortaleza em seu porto, porque não só lhes tirava os provimentos, mas ainda a sua liberdade; porque ficavam como cativos, sendo de antes tão livres, que não havia quem lhes fosse á mão: pelo que ven-

vendo entrado o inverno, e que a Fortaleza ficava com pouca gente, determináram de a tomar; e ajuntando sinco, ou seis mil homens, foram sobre ella, e lhe puzeram hum rijo cerco. Ruy Gonsalves da Camera, que nella estava por Capitão, foi avisado das preparações que faziam, e com muita pressa despedio recado ao Viso-Rey, que lá chegou no fim de Agosto; e vendo que era forçado acudir áquelle negocio, logo com muita pressa mandou lançar ao mar tres galeotas, e elegeo pera irem nellas a Gonsalo Nunes, filho de Leonardo Nunes, Fysico mór de ElRey, por Capitão mór, e a Rodrigo Homem da Silva, filho de Vasco Homem Fernandes, e Ruy Gonsalves Ferreira, que com ser inverno tormentoso sahíram pela barra fóra em nove de Junho, e em sua companhia foram Antonio de Menezes de Vasconcellos, e Diogo Lopes da obrigação de Ruy Gonsalves da Camera, cada hum em sua almadia forçando os mares, e os ventos por ser o tempo grosso, quasi alagados chegáram áquella Fortaleza, que estava muito trabalhosa, e tinha todos os dias grandes rebates, e assaltos dos inimigos; mas com o soccorro ficáram mais aliviados, e todavia os inimigos foram mettendo cada vez mais cabedal, e apertáram muito com os nos-

sos,

fos, do que Ruy Gonſalves aviſou ao Viſo-Rey, e lhe pedio mais ſoccorro, que elle logo negociou; e elegeo por Capitão mór delle D. Jorge de Menezes, que depois foi Alferes mór, a quem mandou armar doze galeotas, e fuſtas, que em breves dias ſe apercebêram, e partíram de Goa em dezenove de Julho, e os Capitães, a fóra D. Jorge, foram os ſeguintes. Roque de Brito, que hia por Feitor da Armada, Triſtão Gomes Pereira, filho do Tanadar mór de Goa, Franciſco Pereira, Sebaſtião Gonſalves de Alvellos, Leonel de Lima, que em Portugal foi Provedor da Caſa da India, Pedro Boto Meirelles, D. Eſtevão de Menezes, filho de D. Jorge de Menezes o Baroche, Cuſtodio Mendes de Vaſconcellos, D. Diogo da Silveira, filho de D. Simão da Silveira o Velho, Thomé de Souſa Coutinho, irmão de Manoel de Souſa Coutinho, que depois foi Governador da India, Domingos Ferreira Eſcorcio, e Diogo Rodrigues, homem da terra.

D. Jorge de Menezes não pode ſahir pela barra fóra por ſer o tempo muito tormentoſo, e eſtarem os bancos areados, e ſoberbos, pelo que determinou de ir pela de Goa velha, e aſſim foi por dentro dos rios rodeando a Ilha até a boca da barra, que ſe chama Murmugão, que he mais larga

ga que a de Goa, e mais opposta ao vento travessão, onde os mares fazem grandes escarceos, e por sima daquellas carrancas commetteo a sahida, na qual esteve toda a Armada perdida, e com grande trabalho, e risco tornáram pera dentro todos alagados, e com os mantimentos perdidos; e sem querer D. Jorge tornar a Goa, mandou recado ao Viso-Rey, o qual me mandou chamar, porque corria (como disse) com os armazens dos mantimentos, pera que provesse aquella Armada de novo, como fiz em vinte e quatro horas, e o Capitão mór gastou tres, ou quatro dias em reformar os navios, porque sahíram todos destroçados; e tomando os novos provimentos, tornou D. Jorge a commetter a barra, já em quatro, ou sinco de Agosto, e porfiando contra os ventos, e mares, sahio fóra ao largo, e deo á véla com toda a sua Armada junta, indo correndo a costa, porque ainda que o vento era furioso, servia pera a jornada, e ao outro dia foi tomar o rio Janquiser, onde levava por regimento ir queimar huma galé que diziam se fazia alli, e castigar aquelle Naique por estar levantado, como o anno passado o castigára D. Diogo de Menezes. D. Jorge commetteo a entrada do rio, que he muito ruim, e de muitas pedras, e com muito

tra-

trabalho, e risco entrou dentro, e foi pôr a proa na povoação, em que mandou desembarcar trezentos homens com seus Capitães com ordem do que haviam de fazer; e entrando a povoação, acháram huma náo, que se estava fazendo em estaleiro, e lhe puzeram o fogo; ao que o Naique acudio com suas gentes, que eram mais de mil e quinhentos homens, com os quaes os nossos travaram huma muito razoada batalha. Na Armada se ouvio a revolta, e os nossos que della vieram fugindo, deram recado ao Capitão mór, o qual saltou logo em terra armado com hum montante nas mãos, e os soldados do seu navio foram correndo áquella parte, deixando no navio André de Sousa, irmão de Francisco de Sousa o Manco, hum Fidalgo mancebo de muitas partes, pera que lho tivesse naquelle lugar, e a Pedro Boto Meirelles com a gente do seu navio, pera que se não affastasse da Armada, e pera que recolhesse alguns desmandados. D. Jorge foi até á povoação, onde os nossos andavam de volta com os inimigos, que logo se desbaratáram com sua chegada, e D. Jorge foi recolhendo os seus, e encaminhando pera a praia. Os dous Fidalgos, que elle deixou em guarda dos navios, deo-lhes a desconfiança de verem ir o Capitão mór da-

quel-

quella maneira pera a povoação, e de ouvirem a revolta da briga, pelo que largando tudo, foram caminhando pela povoação dentro por huma rua differente da por onde o Capitão mór ſe vinha recolhendo, e deram com hum corpo de inimigos, que vinham ladrando aos noſſos; e vendo aquelles Capitães com poucos ſoldados, denodadamente remettêram a elles, que tiveram por affronta fugirem-lhes, antes lhes fizeram roſto, e com grande valor travâram com elles huma aſpera batalha, em que fizeram altiſſimas cavallarias; mas como os inimigos eram tantos, e os tinham rodeados por muitas partes, os matáram de innumeraveis feridas, e ainda lhes cortáram as cabeças. D. Jorge chegando á Armada, e achando menos aquelles dous Fidalgos, bramia como hum leão de lhe ſahirem contra ſeu mandado; e mandando-os buſcar, os acháram ſem cabeças, e os trouxeram á praia, o que D. Jorge ſentio em extremo, porque ſó aquelles dous Fidalgos ſe perdêram por deſconfiança; e mandando-os embarcar, os foi enterrar em huma Ilha que ſe faz no meio do rio, onde pera ſempre ficáram.

Feito iſto, partio D. Jorge pera Barcellor onde entrou, e na barra achou huma náo de Méca que tomou, e mandou pôr

a

a bom recado; e chegando á Fortaleza, a achou já desapressada, e sem trabalho; e deixando-lhe gente, e munições, voltou logo pera Goa, levando a náo comsigo, a qual o Viso-Rey mandou entregar ao Veador da fazenda; mas era cousa de pouco porte.

CAPITULO XIV.

Vai D. Henrique de Menezes ao Norte, toma duas náos de Méca, e perdem-se com tormenta.

PArtido D. Jorge de Menezes pera Barcellor, logo o Viso-Rey mandou preparar outra Armada de huma galé, e sete galeotas, de que fez Capitão mór D. Henrique de Menezes, porque foi avisado que em Dabul se esperavam algumas náos do Idalxá, que haviam de vir de Méca sem cartazes, dando por regimento a D. Henrique que as tomasse, senão trouxessem salvo conducto, conforme ao contrato das pazes; e que trazendo-o, lhes fizesse cumprimentos, e corresse com elles como náos de Rey amigo. D. Henrique se fez á véla no fim de Agosto, elle na galé, e nas galeotas Antonio Mascarenhas, Fernão de Sousa Coutinho, Gonsalo Guedes de Reboredo, Vicente Carvalho, Manoel de Lima, Al-

Alvaro Peixoto, e Martim de Aguiar, e com o tempo que ainda era verde foi navegando pera o Norte; e andando assima dos Ilheos de Anguirála sete, ou oito leguas de Chaul, houveram vista de huma fermosa náo, que vinha com o mesmo tempo com todas as vélas enfunadas a demandar a terra; e indo-se a ella, a rodeou com os seus navios, e lhe mandou pedir o cartaz, ao que lhe respondêram com muitas bombardadas: pelo que o Capitão mór a foi varejando com a artilheria tezamente sem poderem os navios chegar a abordarem-na pela grossidão dos mares. Ella que hia poderosa, e levava muita gente, deixou-se ir seu caminho, defendendo-se com algumas peças de artilheria muito bem: aquelle dia, e noite a foram os nossos seguindo até desapparelharem de todo que se rendeo, e o Capitão mór mandou metter na galé o Capitão, e Officiaes, e mandou pelos navios dar toas á náo; e sabendo do Capitão, e da gente della que atrás vinha outra náo, a esperou, e dalli a tres, ou quatro dias appareceo; e indo-a demandar, a rodeou, e lhe perguntou pelo cartaz, a que tambem lhe respondêram com muitas bombardadas. Os nossos lhe começáram a fazer seus officios tão bem feitos, que em pouco tempo se rendeo, porque tomáram

por

por melhor conselho fazerem-no assim, que arriscarem as vidas. D. Henrique vendo-se com duas náos tão poderosas ricas, deo logo á véla pera Goa; mas como os gostos do mundo não costumam nunca ser de muita dura, sendo tanto ávante como a enseada dos Bragmanes abaixo de Dabul, lhe deo huma tormenta do Sul tão grossa, que obrigou aos nossos a lhe virarem a ança; e como hiam perto de terra, e os ventos, e mares andavam mui grossos, deo logo com huma das náos á costa, onde se fez em pedaços, e o que se salvou foi roubado dos da terra. D. Henrique de Menezes foi correndo tormenta com a galé que era velha, e já aberta por algumas partes, e defronte daquellas Ilhas se lhe abrio de todo, pelo que foi forçado virarem a terra, donde se salváram milagrosamente do mar, mas não da gente, porque logo foram prezos, e levados dalli ao Tanadar, que os mandou ao Idalxá, cujas as náos eram, padecendo trabalhos no caminho, e na Corte os mandou aquelle Rey ter a bom recado; e de sincoenta soldados, e Fidalgos que levava, só me lembra de D. João de Ataíde, que depois foi Capitão de Baçaim, irmão de D. Alvaro de Ataíde, que neste mesmo tempo estava por Capitão em Maluco de cerco, e em trabalho, como logo di-

diremos; e não só fez isto o Idalxá, mas mandou logo repreza todos os Portuguezes, que estavam na sua Corte, com cavallos, e outras fazendas.

As náos da Armada de D. Henrique, que foram com a outra náo, pairáram o melhor que pudéram; e como passou o tempo, foram seguindo sua derrota pera Goa; e sendo tanto ávante como o rio Tarvorá, dezoito, ou vinte leguas de Goa encontráram com nove paraos, e os foram demandar com grande determinação. Os Capitães dos nossos navios chegáram á galeota de Antonio Mascarenhas, que hia por cabeça delles, e lhe disseram que lhes parecia bem recolherem-se dentro da náo com os navios á roda, onde se defenderiam melhor, porque levavam todos os navios abertos da tormenta que passáram, e que não estavam pera passarem trabalho, nem pera jogarem artilheria. Antonio Mascarenhas, que era muito cavalleiro, e desconfiado, disse que tal não havia de fazer, e que havia de pelejar com os paraos barba a barba, e não havia de dar occasião a que dissessem que elle lhe fugíra, que o seguissem, que Deos lhe daria a vitoria, e assim voltou aos paraos, que já vinham perto delles, e huns, e outros se commettêram desnodadamente, disparando sua artilheria, e

es-

espingardaria. Os paraos abordáram os nossos, e dous delles a Antonio Mascarenhas, que valerosamente foi morto com a maior parte dos seus, e o mesmo foi Fernão de Sousa Coutinho; e algumas pessoas das que escapáram desta refrega me disseram, que primeiro que os matassem fizeram grandes cavallerias, e pela mesma maneira foram os mais dos nossos. Alguns navios que víram a cousa mal parada foram-se recolhendo á náo, da qual se defendêram valerosamente. Os Malavares lhe puzeram bandeira branca, e lhes mandáram dizer que se entregassem, que lhes dariam hum navio dos seus, em que se fossem livremente pera Goa; e havido conselho entre si, assentáram que sería bem acceitarem o partido, porque já estavam sem munições, e os Mouros vitoriosos que os não haviam de largar até os não renderem. Assentado isto, o disseram aos Malavares, os quaes por lhes ficar a náo de preza, lhes concedêram o partido, e lhes mandáram pôr a bordo hum navio, em que todos se embarcáram, e deram á véla pera Goa; e por este succeisso infelice se póde conhecer quanto mal faz huma desconfiança, e quão perigosa cousa he na guerra, porque as mais das vezes dá em perdições, e em trabalhos grandissimos, como nesta occasião vemos

que ſuccedeo; porque ſe Antonio Maſcarenhas ſe recolhêra na náo com toda a gente, nem elle fora morto, nem a Armada desbaratada, nem os Malavares ſe logrâram da náo, que tanto trabalho lhes cuſtou; e depois que tomáram poſſe della, dando-lhe buſca, recolhêram aos navios todo o bom que acháram, e a náo com o que lhe não ſervio, deixáram no mar, ainda que me parece (ſe mal me não lembra) que tambem a leváram comſigo á toa.

Chegando a Goa a fuſta da companhia de D. Henrique de Menezes com os que eſcapáram dos Malavares, ſentio muito o Viſo-Rey o caſo, aſſim por não ſaber ainda novas de D. Henrique, como pela perda das náos, que eram de grande importancia, e podiam remediar o Eſtado, que eſtava mui endividado, e impoſſibilitado por cauſa das grandes guerras que houve; e chamando Fernão Telles, lhe mandou que até o outro dia ſahiſſe pela barra fóra na ſua galé baſtarda, e com alguns navios mais, com que os Fidalgos ſe offerecêram ao acompanharem; e ſem ſe affaſtarem dalli, mandáram embarcar muitos provimentos em navios de mercadores, que álli ſe trouxeram, porque corrêram as novas do caſo pela Cidade, e tinha acudido ao caes toda a ſoldadeſca, que havia em

Goa

Goa com ſuas armas, o mandou o Viſo-Rey embarcar; e tanta preſſa ſe deram, que de noite ſe acabáram de embarcar, e provêram do neceſſario, e deram á véla: Fernão Telles na galé, como diſſe, e nos navios que ſe pudéram negociar foram os Capitães ſeguintes: Gaſpar de Brito, Franciſco da Silva de Menezes, Diogo de Azambuja, D. Eſtevão de Menezes, filho do Baroche, Belchior Calaſſa, D. João de Souſa, e Pedro Rodrigues Malavar, que todos ſe fizeram á véla a vinte e oito de Setembro, e foram correndo a coſta, levando diante navios ligeiros pera deſcubrirem os portos; e indo até Dabul ſem acharem novas da náo, nem da Armada Malavar, ſe tornáram a recolher a Goa já com os mantimentos gaſtados. Neſte tempo em fim de Setembro foi D. Franciſco Henriques entrar na Fortaleza de Malaca, e foi embarcado na náo com Triſtão Vaz da Veiga, que tinha vindo de fazer duas viagens da China pera Japão, e hia pera Sunda fazer dez mil quintaes de pimenta pera de lá ſe ir pera o Reino, por contrato que fez com o Viſo-Rey D. Antonio, por ter ElRey mandado que por aquella via foſſe huma náo todos os annos, e não achei a fórma do contrato.

Recolhido Fernão Telles, veio logo re- ca-

cado ao Viso-Rey que na Fortaleza de Beligão estava D. Henrique com os Portuguezes reteudos, e ainda todos os que andavam na Corte do Idalxá com muitos cavallos, e outras fazendas, que se lhe depositáram, pelo que lhe pareceo que pera conservação da amizade daquelle Rey era necessario mandar-se-lhe desculpar do caso; e porque lhe disseram que andavam huns agentes daquelle Rey em Goa comprando hum cavallo que havia de fama, e algumas espadas largas, mandou elle comprar o cavallo, e mandou guarnecer algumas espadas muito fermosas, que se buscáram, e elegeo pera mandar a este negocio a Christovão do Couto, Lingua do Estado, homem muito prático nas artes daquelles Reys, e de quem todos tinham muito conhecimento, pelo qual mandou visitar ao Idalxá, e lhe escreveo huma carta de muitos cumprimentos, desculpando-se do caso das náos, e pondo a culpa aos donos dellas de navegarem sem cartazes, e ao tempo tormentoso que as desbaratou, porque a sua tenção era, se foram ter a Goa, não se bulir nellas, e mandar-lhas de presente, porque nisso servia a ElRey de Portugal seu Senhor, como lhe tinha encommendado.

Christovão do Couto foi em breves dias á Corte, aonde tratou de lhe ElRey dar au-

audiencia, e apprefentar-lhe a carta, e prefente do Viso-Rey, o que não pode acabar com elle, nem ElRey o quiz ouvir, antes o mandou deter, de que elle logo avisou ao Viso-Rey, o qual vendo aquillo, e fendo informado que havia ainda outras duas náos do Idalxá pera virem de Méca, determinou de as mandar tomar pera com ellas fazer as pazes, e amizades com aquelle Rey, pera o que defpedio Fernão Telles com duas galés, e treze fuftas, de que foram por Capitães, elle em huma galé, e da outra D. João da Gama, e das fuftas D. Sancho de Vilhena, D. Eftevão de Menezes, D. Bernardo de Noronha, D. Luiz de Menezes, Manoel de Miranda Henriques, Diogo Taveira, Fernão de Albuquerque, Eftevão de Pina, Gafpar de Brito, Nuno Fernandes de Ataíde, Gafpar de Soufa, e Domingos Ferreira Efcorcio. E com efta Armada fe fez á véla no fim de Outubro, e com ella toda junta fe foi pôr na paragem, que as náos de Méca haviam de vir demandar, e affim o deixaremos: nefta companhia foi Fernão de Soufa Chichorro entrar na Capitanía de Dio.

Antes de partir Fernão Telles de Goa, chegáram de Portugal as náos S. Gregorio, de que veio por Capitão Antonio Rebello, irmão de Pero Lopes Rebello, de quem nef-

te

te Epilogo fallei muitas vezes, e a náo Belém, Capitão Theotonio de Vaſconcellos, e a náo Santa Clara, de que veio por Capitão Luiz Dalter, todos tres da companhia de D. Franciſco de Souſa, que tinha partido por Capitão mór de quatro náos, o qual foi tomar Cóchim no fim de Outubro, e logo ſe embarcou pera Goa por trazer a ſeu cargo couſas de muita importancia, como logo veremos, e chegou a eſta Cidade na entrada de Dezembro, o qual logo ſe foi ver com o Arcebiſpo D. Gaſpar, e lhe deo huma inſtrucção de ElRey com huma carta em ſima pera elle, na qual lhe dizia que ſe o Viſo-Rey D. Antonio de Noronha não tiveſſe mandado a Antonio Moniz Barreto pera Malaca, ou não eſtiveſſe já pera o deſpachar pera lá, em tal caſo abriſſe huma ſucceſsão da governança da India, que com aquella hia, e mandaſſe chamar a Antonio Moniz á Sé, e D. Franciſco de Souſa Capitão mór da Armada do Reino, e o Secretario, e o Veador da Fazenda, D. Pedro de Souſa Capitão da Cidade, e os Vereadores, e Officiaes da Camera, Deſembargadores, e Fidalgos, e todas as mais peſſoas públicas, e que a peſſoa que nella eſtiveſſe, fizeſſe logo entregar da governança da India, e que D. Antonio de Noronha ſe embarcaſ-
ſe

se pera o Reino na náo Capitânia com D. Francisco de Sousa quasi como prezo. Tanto que o Arcebispo vio o estilo da instrucção, que ElRey lhe commetteo, sem fazer mais diligencia alguma naquelle negocio, mandou chamar á Sé todas as pessoas assima nomeadas em nove de Dezembro de mil e quinhentos e setenta e tres; e sendo todos presentes, mandou ler a instrucção de ElRey pelo Secretario Rodrigo Annes Lucas, por virtude da qual tirou logo do peito a via da succesfsão, que ElRey lhe mandou, que tambem mandou ler diante de todo aquelle concurso em alta voz, a qual de *verbo ad verbum* he a seguinte, que quiz aqui pôr, por quanto foi cousa nova naquella Cidade.

CAPITULO XV.

Manda ElRey desapossar do governo a D. Antonio de Noronha.

» EU ElRey faço saber aos que este virem, que por alguns respeitos de meu serviço tenho assentado que D. Antonio de Noronha do meu Conselho, meu Viso-Rey da India, ou qualquer outro Governador que lhe tiver succedido, se venha pera este Reyno nas náos desta Ar-

» ma-

» mada, de que vai por Capitão mór D.
» Francisco de Sousa, como se contém em
» huma carta que ao Arcebispo escrevo,
» e ao dito Viso-Rey; e pela muita con-
» fiança que tenho de Antonio Moniz Bar-
» reto do meu Conselho, que encarreguei
» de Governador de Malaca, e partes do
» Sul, hei por bem de meu serviço que o
» dito Antonio Moniz succeda na gover-
» nança da India, e entre logo nella, co-
» mo se nestas náos fora por mim proví-
» do de Governador da India. Notifico-o
» assim ao dito Viso-Rey D. Antonio de
» Noronha, ou qualquer outro Viso-Rey
» que lhe tiver succedido, e lhe mando que
» logo tanto que esta Provisão lhe for ap-
» presentada, entregue a dita governança
» da India ao dito Antonio Moniz Barre-
» to, sem dúvida alguma, e todos os regi-
» mentos, cartas minhas, e Provisões, que
» deste Reyno levou, e lhe mandei o an-
» no passado, e ora envio nas náos desta
» Armada, tendo-se na dita entrega o mo-
» do que se usa, e guarda em semelhan-
» tes entregas de huns Governadores a ou-
» tros, de que se farão autos, e se passa-
» rám Certidões na fórma que se costumam
» fazer; e feita logo a dita entrega pela
» dita maneira, desde agora em diante hei
» ao dito D. Antonio de Noronha, ou a
» qual-

» qualquer outro Governador, por desobri-
» gado da homenagem que me fez da di-
» ta governança, e ao dito Antonio Mo-
» niz Barreto por obrigado a ella; e po-
» rém elle dito Antonio Moniz a faça em
» fórma, e assim o juramento, que me fa-
» zem os Governadores da India junta-
» mente, e conforme o que se costuma na
» India, quando se abrem as succesões da
» dita governança: e mando a todos os
» Officiaes de Justiça, e de minha Fazen-
» da das ditas partes, Capitães das Forta-
» lezas, e de minhas Armadas, e navios,
» Fidalgos, Cavalleiros, e gente de ar-
» mas, que nas ditas partes me andam ser-
» vindo, e a quaesquer outras pessoas, a
» todos em geral, e a cada hum em par-
» ticular, que recebam ao dito Antonio
» Moniz Barreto por meu Capitão mór, e
» Governador das ditas partes, e lhe obe-
» deção, e cumpram em tudo seus manda-
» dos inteiramente, e o deixem usar da ju-
» risdição, e alçada que tinha concedido
» ao dito D. Antonio de Noronha, sem dú-
» vida, nem embargo algum que a isso se-
» ja posto, que assim o hei por bem de
» meu serviço; e ficando o dito Antonio
» Moniz por Governador da India por bem
» desta Provisão, hei por bem de meu ser-
» viço que succeda na governança de Ma-
» la-

» laca a peſſoa nomeada na primeira ſuc-
» ceſsão da dita governança, e em defeito
» da tal peſſoa haverão effeito as mais ſuc-
» ceſsões por ſuas precedencias: e hei por
» bem que eſte valha, e tenha força, e vi-
» gor, como ſe foſſe Carta feita em meu
» nome por mim aſſignada, e paſſada por
» minha Chancellaria, e ſellada com o ſel-
» lo de minhas Armas, ſem embargo da
» Ordenação do livro ſegundo, titulo vin-
» te, que defende que não valha Alvará,
» cujo effeito haja de durar mais de hum
» anno: e valerá outro ſim, poſto que não
» ſeja paſſado pela Chancellaria, ſem em-
» bargo da dita Ordenação, que o contra-
» rio diſpõe. Miguel de Moura a fez em
» Xabregas a doze de Março de mil e qui-
» nhentos e ſetenta e tres.» REY.

Lida a ſucceſsão, logo Antonio Moniz Barreto deo a homenagem do Eſtado da India na fórma da ſucceſsão nas mãos do Arcebiſpo, e juntamente fez o juramento ordinario que fazem os Viſo-Reys, e Governadores, cujo traslado, porque he notavel, e não ſei ſe todos o guardam, o porei aqui, poſto que já em huma das minhas Decadas o fiz, e o que juram he o ſeguinte, poſtas as mãos em hum Crucifixo em ſima de hum Miſſal.

» Juro aos Santos Evangelhos, em que

» ponho as mãos, que não dei, nem da-
» rei, nem prometti de dar, nem mandar
» cousa alguma a nenhuma pessoa por cau-
» sa de me ser dada esta Capitanía, e go-
» vernança, nem pera ao diante a vir a
» ter: e assim juro que quanto a mim, e
» a minhas forças, e juizo for possivel, eu
» servirei o dito cargo, e governança bem,
» e fielmente, como ao serviço de Deos,
» e descargo da consciencia de S. A. e mi-
» nha cumprir: e trabalharei quanto em
» mim for, que inteira, e igualmente se
» guarde direito, e justiça ás partes, sem
» alguma differença, nem respeito que ha-
» ja de grandes a pequenos, nem de ricos
» a pobres, nem de estrangeiros a natu-
» raes, porque quanto em mim for, pro-
» curarei que a todos se faça, e guarde
» por inteiro, e especialmente terei cuida-
» do dos prezos, orfãos, e viuvas pobres,
» e pessoas miseraveis: e trabalharei quan-
» to em mim for, que todos os negocios,
» e despacho que a meu cargo pertence-
» rem se despachem bem, justa, e breve-
» mente, sem alguma paixão de odio, amor,
» nem affeição, ou parentesco, nem de ou-
» tros semelhantes respeitos: e assim mes-
» mo juro, que nem por mim, nem por
» interposta pessoa não receberei dadivas,
» presentes, nem serviço algum de nenhu-
» ma

» ma pessoa que seja ; e quando alguns
» Reys , ou Senhores das ditas partes me
» mandarem alguns presentes , ou dadivas ,
» que pareça que por serviço do dito Se-
» nhor , e por evitar escandalo lhos devo
» tomar , em tal caso os mandarei logo en-
» tregar inteiramente ao Feitor de S. A.
» da Feitoria onde estiver , e os mandarei
» carregar sobre elle com receita pelos Es-
» crivães de seu cargo : e assim com dili-
» gencia trabalharei que os Capitães do di-
» to Senhor , Feitores , Escrivães , e quaes-
» quer outros Officiaes , assim de Justiça ,
» como da Fazenda , que nestas partes esti-
» verem , sirvam seus Officios bem , e ver-
» dadeiramente , e segundo seus regimen-
» tos , os quaes inteiramente farei guardar
» sem mingua alguma , e assim todas as
» Provisões de S. A. , e assim mesmo juro ,
» e prometto de guardar todas as ordens ,
» e provisões do dito Senhor ; e por firme-
» za de tudo assima promettido , e jurado
» assignei aqui neste assento. »

CA-

CAPITULO XVI.

De como succedeo na governança de Malaca D. Leoniz Pereira.

ACabado este acto, o Arcebispo D. Gaspar tirou do seio huma successão, que lhe ElRey tinha tambem mandado com a outra, que mandava que na mesma hora se abrisse, e que a pessoa que nella se achasse, succedesse na governança de Malaca, e partes do Sul, assim como o Governador Antonio Moniz viera declarado de Portugal, a qual se abrio logo, e se achou que havia ElRey por bem que succedesse nella Gonsalo Pereira Marramaque; e por ser falecido, se abrio a segunda successão, em que se achou D. Leoniz Pereira, que por não estar presente o mandou o Governador logo chamar a S. Francisco, pera onde logo se foi com todos os que estavam alli presentes; e indo lá ter o dito D. Leoniz Pereira, se lhe leo a successão que elle aceitou, e alli logo deo a homenagem daquellas partes do Sul nas mãos do Governador Antonio Moniz Barreto; e acabada ella, fez o mesmo juramento atrás, que o mesmo Governador tinha feito. Feitos estes actos, foi-se o Governador, Arcebispo, Capitão mór das náos com

to-

todos os mais que estavam presentes, assim Capitães, e Fidalgos, como Officiaes de Justiça, e Fazenda, assim como alli estavam, ás casas da Fortaleza, onde estava o Viso-Rey D. Antonio de Noronha, que já sabia de tudo, e soffreo este golpe com grande constancia de animo, sem turbação alguma, e perante elle se leo pelo Secretario a Carta de ElRey pera o Arcebispo, por virtude da qual se abrio a successão da governança da India, da qual ElRey escusava ao dito D. Antonio de Noronha, e lhe mandava se fosse pera o Reino com todas as mais cousas atrás, que tudo ouvio o dito D. Antonio sem alteração, nem sobresalto algum exterior; e depois de tudo lhe ser notificado, disse que elle havia por muito bem ordenado tudo o que S. A. tinha mandado, e que elle lhe obedecia, e punha suas Provisões todas sobre sua cabeça, e que naquillo lhe faria a maior mercê do mundo em o mandar ir pera sua mulher, e filhos, que elle despejava logo a Fortaleza pera se embarcar pera o Reino, onde confiava de S. A. lhe fizesse justiça, e désse satisfação daquelle caso, em que elle se havia de mostrar sem culpa. Com isto se despedio o Governador, Arcebispo, e os mais, a quem o Viso-Rey acompanhou até ás escadas; e porque muitos

tos

-tos Fidalgos seus parentes, e amigos se deixáram ficar com elle, lhes pedio que tal não fizessem, e que fossem acompanhar o seu Governador.

Este foi o mais novo, e escandaloso caso que na India aconteceo, do qual muitos tiveram a culpa, porque deram occasião a se desapossar do governo hum Fidalgo tão honrado, e tão benemerito. Caso era este digno de se castigar; mas deixando os que em Portugal tratáram disto com ElRey, a pessoa a quem se deo maior culpa desta descompostura foi ao Arcebispo D. Gaspar; porque dizendo-lhe ElRey na carta, que lhe escreveo, que se D. Antonio de Noronha não tivesse mandado Antonio Moniz Barreto a Malaca, ou se não estivesse pera o mandar (isto segundo se dizia publicamente, que eu não achei nem as cartas, nem as instrucções que deviam mandar-se pera o Reyno) que se abrisse aquella via particular que lhe enviava: se assim foi, parece que estava obrigado a saber do Viso-Rey se havia de mandar Antonio Moniz a Malaca na monção seguinte de Abril, assim como ElRey o mandava; e que posto que lhe dissesse que o havia de mandar, esperasse até ver se o mandava; e quando não, poderia então livre de toda a calumnia abrir a successão, e não tão accelerada-

mente, sem fazer diligencia alguma; porque aquella particula da carta que dizia, ou se não estiver pera o mandar (se tal he, como já disse) parece que se havia de esperar até á monção de Abril, em que de ordinario se parte pera Malaca, e não tomarem assim hum Fidalgo tão velho, e honrado tanto de sobresalto, e havendo tempo pera elle poder dizer que enviaria Antonio Moniz, como ElRey mandava. Isto he o que geralmente se praticava em Goa; e quanto ao Arcebispo eu o tinha por grande virtuoso, tão honrado, e tão grande Theologo, que não havia de fazer cousa tão grave sem muita consideração; porque ficaria em restituição a D. Antonio de Noronha de sua honra, fazenda, e ainda da vida, porque de puro nojo faleceo em Portugal; e do mesmo modo me dizem falecêra D. Fernão Alvares de Noronha seu cunhado, e sua irmã D. Francisca, mulher do mesmo D. Antonio de Noronha: e ainda me certificáram mais, que a pessoa que fez com ElRey D. Sebastião que ordenasse esta mudança, que tambem morrêra do mesmo. Justos juizos são de Deos, cujos caminhos ficam incognitos ao nosso limitado juizo, em parte estam todos onde se sabe a verdade deste caso, e lá terão o galardão, ou castigo que por elle merecêram.

O

O que eu como testemunha de vista sei, e posso com verdade affirmar, he, que o Viso-Rey D. Antonio não teve culpa alguma em não mandar a Malaca Antonio Moniz Barreto, o qual melhor que ninguem conhecia esta impossibilidade, pois achou o Estado, quando chegou á India, nas guerras já referidas, e Goa cercada com o poder maior que no Oriente se vio dos mais poderosos Reys delle, e Chaul de cerco tão rigoroso como temos visto; e o Thesoureiro sem hum só pardao em dinheiro, os armazens sem artilheria, nem munições, e a Fortaleza de Chalé cercada do Çamori, e em tal aperto, que se entregou a partido, como dissemos, Maluco em tantos trabalhos, como tenho mostrado; e que huma Armada tão poderosa, como Gonsalo Pereira Marramaque levou tão cheia de gente, e provída de bastimentos, e munições tudo por lá se consumio: e que pera se fazerem as Armadas da costa do Malavar, e do Norte não havia navios, nem cabedal, porque por causa da guerra geral as Alfandegas não rendêram cousa alguma; e que pera se aviar Antonio Moniz do modo que ElRey mandava não havia gente, vasilhas, nem artilheria; e quanto ao cabedal mal se podia fazer o que havia de levar com quatrocentos mil pardaos, que

não havia donde se tirassem, como tudo logo se mostrou bem claro; porque mandando ElRey a Antonio Moniz que despachasse pera Malaca a D. Leoniz, do mesmo modo que ElRey mandára ao Viso-Rey D. Antonio que o despachasse a elle, não houve com que, nem foi, como melhor ao diante se verá, pelas quaes razões ElRey foi muito enganado, como sempre será de quem lhe aconselhar que divída o governo da India; porque está claramente manifesto, que nem hum, nem outro se poderam sustentar, porque o de que depende a governança de Malaca, e de que se póde sustentar, he só dos direitos da China, e do cravo de Maluco, que não sei se renderám duzentos mil xarafins, que tantos he força venham a faltar nos rendimentos da Alfandega de Goa, que piedosamente se póde sustentar com todos os rendimentos; como por muitas vezes se tem mostrado ao Rey nas receitas do que rende, e nas despezas do que se gasta, que demais a mais passam as despezas cada anno de duzentos mil pardaos: como se poderá logo sustentar a governança de Malaca separada da India? E já por varias vezes tenho mostrado pelo discurso das minhas Decadas, que algumas vezes que os Reys de Portugal pertendêram estas divi-

sões,

sões; ellas por si se acabáram, e desfizeram, porque as cousas grandes com o mesmo tempo cahem.

Primeiro que passe daqui, quero contar o que me aconteceo com o Viso-Rey D. Antonio de Noronha no princípio de Agosto passado, que fazia a Armada pera D. Henrique de Menezes, que foi esta. Tinha eu a meu cargo os Armazens dos mantimentos, e hum dia me mandou chamar, estando só, pera me encommendar os provimentos daquella Armada, e de prática em prática me perguntou pelas novas que corriam em Goa; ao que lhe respondi que nenhumas, e que pera Agosto, que nunca víra tão poucas. E isto lhe disse, porque na India he muito antigo tanto que entra o mez de Agosto desenfronharem-se as mentiras, que todo o inverno estiveram rebuçadas; porque como esperam por náos do Reyno, os inimigos dos Viso-Reys affirmam que lhes vem successor, e ainda sobre isso ha largas apóstas, os amigos publicam o contrario, outros publicam outras cousas, e são tantos, e tão varios os pareceres, como os desejos, e conveniencias de quem os dá. O Viso-Rey, quando lhe eu disse que nunca víra tão poucas novas em Agosto, sorrio-se, e respondeo-me que não estava eu no mundo; que havia Fidalgos

em

em Goa, que pelo seu ponto faziam naquellas náos Viso-Rey na India, do que eu me ri, porque aos dous annos de seu governo não podia imaginar tal cousa. Vieram as náos (como disse) não veio Viso-Rey em pessoa, mas veio em papel na via que se abrio, de que eu fiquei maravilhado, quando me achei ao abrir da successão, deitando muitos juizos donde aquillo podia sahir; porque do demonio (donde os feiticeiros, que ha muitos na India, que sempre, ou as mais das vezes mentem) não podia ser; porque a noticia do futuro, conforme a doutrina recebida dos Theologos, he obra propria de Deos nosso Senhor; e que os demonios nunca puderam imitar; e posto que elles denunciáram algumas cousas, que sahíram verdadeiras; e algumas que a razão natural por astronomia póde alcançar, supposto que o que se contém em suas cousas necessarias mais he do presente, que do futuro, donde vem que não adivinham os Astrologos, quando predizem os eclipses antes que succedão, porque nas sciencias da Astrologia, e Filosofia natural fazem os demonios grande ventagem aos homens, não negando que souberam muitas cousas, que os Anjos, que são Ministros de Deos, denunciáram. O certo he que a subtileza do demonio, e a scien-

sciencia excede a dos homens em conjecturar, e daqui vem terem noticia das cousas que hão de succeder, ou por sua natural Filosofia, e noticia, ou por arte, e sciencia, ou por conjecturas: em fim que este negocio de que trato não podem os demonios alcançar, porque como foram cousas forjadas no conceito do Rey, e dos Ministros, os quaes conceitos só são presentes a Deos, e elle só os penetrou, e soube, por onde me affirmo que o alcançar-se que nestas náos vinha Viso-Rey foi conjectura, e presumpção do mesmo Antonio Moniz pelas cousas que tinha escritas a ElRey contra o Viso-Rey D. Antonio de Noronha, as quaes presumpções elle communicaria com seus amigos, que no fim lhe sahíram verdadeiras.

O Viso-Rey D. Antonio de Noronha logo se embarcou pera Cóchim no galeão S. Leão, Capitão Antonio de Morim, e de Cóchim se embarcou pera o Reino na náo Capitânia, sem lhe darem gazalhados, nem liberdades, nem pera seus criados, como he costume, soffrendo este Fidalgo tudo com grande prudencia, e constancia, e outras muitas vexações, que ainda mais lhe fizeram, que ao diante direi, porque quero aqui concluir com este Viso-Rey, por entrarmos com o governo de Antonio Moniz

niz Barreto. Foi filho de D. Martinho de Noronha, e de sua mulher, foi casado com D. Francisca de Noronha, irmã de D. Fernão Alvares de Noronha, Capitão geral que foi das galés do Reino, e Sumilher de ElRey D. Sebastião, da qual teve hum filho, que lhe morreo moço, estando elle por Viso-Rey da India, e duas filhas.

Foi Fidalgo mui continente, amigo da justiça, e tão verdadeiro, que podia ter escola de verdade; antes que se embarcasse se tinha retratado, e posto na casa, onde estam todos os Viso-Reys; e Antonio Moniz depois que acabou, se mandou tambem retratar, e poz o seu retrato junto delle, porque todos estam successivamente; e tão naturaes ambos, que he pasmar. Eram homens corpulentos, espadaudos, de grandes rostos, e carregados, e ficáram os retratos postos de feição, que ficavam olhando hum pera o outro com grandes carrancas, como se se desafiáram. Invernou em Moçambique, indo pera o Reyno, aonde depois chegou em Maio seguinte; e quando desembarcou em Lisboa, onde logo foi ao Mosteiro, em que sua mulher estava enterrada, e foi muito bem recebido dos Padres, que o leváram á sua cova, onde fez oração, e lhe lançou agua benta; e porque não sabia ainda da morte do filho, lhe

dis-

disse o Prelado, que estava junto della, que Deos fora servido levar tambem pera si a D. Antonio; e sobresaltado o Viso-Rey com aquella nova, interrompeo com hum gemido, dizendo alto: » Sem mulher, sem » filho, e sem honra, não ha quem possa vi- » ver; » e recolhendo-se em seu aposento, veio a adoecer, e em pouco tempo a morrer, e fazer companhia a sua mulher, e filho; e disseram que ElRey D. Sebastião ficára arrependido da rigorosa demonstração que com elle mandou usar; e estando a huma janella, quando lhe deram as novas de sua morte, dando de mão á porta, a cerrou de pancada, mostrando grande sentimento disso; e tem-se entendido que se vivêra, lhe houvera ElRey de restituir sua honra, pela qual hia muito determinado a puxar; mas em fim com sua morte se acabou tudo, como tambem acabáram os que foram occasião della.

CAPITULO XVII.

Das cousas que succedêram em Malaca neste tempo: e do cerco que os vizinhos puzeram áquella Fortaleza.

NAõ ficou fóra da conjuração geral, que os Reys da India fizeram contra as nossas Fortalezas, o Achém tyranno, inso-

solente, e poderoso, e o maior inimigo de todos, o qual tambem foi solicitado pelo Cota Maluco, hum dos da liga, que o mandou prover com muitas munições, pera fazer guerra á nossa Fortaleza de Malaca, o qual não se contentou de metter todo o cabedal pera esta jornada, mas ainda convocou a Rainha de Japará, senhora poderosa, e rica, a qual folgou muito de se lhe offerecer aquella occasião pera ajudar a destruir aquella Fortaleza, que tão pezada era a todos os Reys daquellas partes; e como o Achém era a principal cabeça nesta expedição, e estava mais prospero, poz logo no mar sua Armada, que eram mais de noventa vélas, em que entravam vinte e sinco galés, e todas as mais fustas, e lanchas mui bem artilhadas, e cheias de munições, e sete mil homens de peleja Achéns, que são valentes homens, e crueis; e tendo tudo prestes, sem querer esperar pela Rainha de Japará, pelo ordenar assim Deos por sua misericordia, porque ainda que castigava aquella Cidade com cercos, o fazia como Pai, porque se ambos se ajuntáram, não pudéra escapar aquella Cidade de totalmente ficar destruida. Posto em fim o Achém no mar, deo á véla em a entrada de Outubro deste anno de setenta e tres, e aos treze já sobre a

tar-

tarde chegou á vista daquella Fortaleza; e logo de noite desembarcou todo o poder naquella parte chamada de Malaca, á differença da outra chamada de Ilher, que he do Poente, a que logo mandou pôr o fogo, a que acudio D. João Bandarra, natural, e Capitão de todos os Gentios, que era muito bom cavalleiro, e em todos os cercos o mostrou; e como sahio com poucos a dar nos inimigos, ainda que foi fazendo sua obrigação, peleijando valerosamente, todavia foi morto; e posto que Malaca teve este castigo de perder hum tão grande defensor, com tudo logo Deos acudio com suas costumadas mercês, que foi na maior força do incendio cahir do Ceo hum tão grande diluvio de aguas com tamanha tempestade, que deo com muitos navios á costa, e o fogo se apagou; porque senão fora aquella misericordiosa mercê de Deos, todos os moradores daquella parte acabáram abrazados, e não deixáram ainda de perecer alguns, que fugindo ao fogo, morrêram affogados no rio, aonde se lançáram.

O Alcaide mór, que succedeo por morte de D. Miguel de Castro, acudio com toda a gente ás portas, e aos muros, e o Bispo, e Religiosos em toda a noite estiveram com as armas nas mãos, e mandou

met-

metter gente em duas, ou tres náos, que estavam no Porto, e provellas de munições. O Achém, que não tinha ainda desembarcado, tambem esteve a risco de dar á costa com a tormenta, e ao outro dia mandou recolher toda a sua gente á Armada; e determinou levar aquelle negocio por outro rigor mais perigoso que o das armas, que era o da fome, pera o que assentou de tomar os estreitos, e não deixar passar pera aquella Fortaleza nenhuma cousa, que lhe pudesse levar provimentos, pera assim a pôr no extremo das necessidades, e pera isso se quiz ir lançar na costa de Muar, sinco leguas de Malaca, com toda a sua Armada estendida por onde as embarcações do soccorro haviam de passar; e primeiro que se partisse, que foi ao terceiro dia de sua chegada, mandou commetter as náos, que estavam no porto, que foram batidas muito rijamente; porém dellas, e da Fortaleza foram as embarcações da Armada muito bem varejadas com a artilheria; e vendo o Achém que não podia fazer cousa alguma, foi-se pera o rio de Muar, onde se deixou estar com grande vigilancia sobre os navios que não passassem pera a Fortaleza. Poucos dias depois, que foram aos dous de Novembro, surgio sobre aquella Fortaleza a náo de Tristão Vaz da Veiga,

ga,

ga, em que vinha D. Francisco Henriques; que logo desembarcou, e tambem tomou posse daquella Fortaleza: e foi grande mercê de Deos nosso Senhor pôr na vontade ao inimigo que fizesse aquella mudança que disse; porque se estivera sobre aquella Fortaleza com tão grossa Armada, corrêra aquella náo grande risco. Ao outro dia convocou o nosso Capitão a conselho o Bispo, Vereadores, e pessoas principaes, e com todos praticou o remedio, que se poderia dar pera lançar aquelle inimigo do lugar de Muar, porque com medo delle não ousavam os mercadores a lhe trazerem mantimentos, nem ainda os pescadores a sahirem ao mar a pescar, com o que totalmente padecia aquella Cidade tanta falta de tudo, que não havia quem se pudesse valer; e debatido o caso, foram todos de parecer que não havia outro melhor remedio, que pedir a Tristão Vaz da Veiga tomasse aquella empreza á sua conta, e que se lhe dessem todos os navios que se pudessem remediar; e como elle estava presente, lhe pedíram todos que por serviço de Deos, e de ElRey quizesse ser restaurador daquella Cidade, e libertador de tão duro cativeiro, como o da fome que começavam todos a padecer, que não podia ser maior que verem-se todos acabar sem golpe

pe de espada ; que se estiveram cercados dos inimigos, e ás mãos com elles, lhes fora de grande consolação morrerem, tomando nelles satisfação daquelles males. Tristão Vaz da Veiga aceitou a jornada com grande gosto, promettendo que se Deos nosso Senhor, por cujo serviço se offerecia áquelle perigo, lhe désse a vitoria, que em sua infinita bondade esperava, que elle promettia de não pedir a ElRey satisfação alguma, e que logo se hia fazer prestes na sua náo; e que os navios que lhe haviam de dar se negociassem com muita brevidade, porque na pressa, e resolução consistia o remedio daquella Cidade. Acabado o conselho, foi-se Tristão Vaz da Veiga negociar, e o Capitão com os Vereadores ordenáram os navios que havia de levar, aos quaes se deram a maior pressa que pudéram, e os que se achâram capazes foram hum galeãozinho de hum mercador de Cóchim chamado João de Torres, e tres galeotas velhas, e cem postiças como fustas, mas tambem do mesmo toque, e todas posso dizer que sem vélas, porque as que levavam se podiam mais chamar redes, e todas mal esquipadas de marinheiros, cujo lugar suppríram os escravos dos mercadores: munições tão poucas, que em cada fusta não havia mais que duas arro-

bas

bas de polvora de bombarda, e meia de espingarda. Tristão Vaz tinha as suas munições que trouxe de Goa, e o mesmo João de Torres, dono do galeão, se offereceo pera esta jornada, e alguns Fidalgos, e Cavalleiros; e o primeiro, e principal foi Fernão Peres de Andrade, Fidalgo velho, grande cavalleiro, que em todos os cercos que alli houve, e batalhas que os nossos no mar tiveram com o Achém, e Jáos, mostrou o valor de sua pessoa; Francisco de Lima o de Maluco, que estava em Malaca pera ir de soccorro, tambem grande soldado, e homem muito nobre, e cuido que Fidalgo nos livros de ElRey, Fernão de Lemos, que tinha chegado da China rico, Manoel Henriques casado na terra, homem muito nobre, João Troche, Pero Dias de Leão, Nuno Rodrigues do Basto, casados na terra: Ayres Pinto tambem casado nella, comprou huma galeota, e ajuntou parentes, e soldados com que se quiz achar nesta jornada; e com se metter todo o cabedal da soldadesca que havia não se pudéram achar mais que trezentos soldados, mal armados, e peior pagos, porque lhe não deram hum quartel. O Capitão mór se poz no mar com esta pobre Armada em comparação do poder do inimigo, e logo foi navegando pera o rio Fermoso, que

era,

eta, como já disse, doze leguas de Malaca, e ao outro dia chegou á vista delle, e vio sahir de dentro mais de vinte navios ligeiros, e logo todo o mais corpo da Armada, que hia demandar a nossa. Vendo Tristão Vaz da Veiga que era já necessario baralhar-se com elles por lhe ser forçado, entregou a sua náo a hum Manoel Ferreira, e elle embarcou na galeota de Ayres Pinto, porque vissem os nossos que elle se não queria valer da Fortaleza da sua náo, estando elles arriscados em navios tão pequenos, e mal petrechados, e chegou toda a Armada a si, e animou a todos, affirmando-lhes que os inimigos os queriam commetter com desconfiança que era final de sua perdição, pois se queria valer do balravento, que trabalhava por lhe tomar; porque quando elle se queria tambem ajudar daquella ventagem, final era que a confiança que trazia não era grande, que elle entendia naquellas mostras que lhe havia Deos nosso Senhor de dar vitoria contra aquelle inimigo; e logo mandou que se chegassem pera a náo, e galeão, assim pera os segurar, como pera se valer de sua artilheria. O inimigo se poz á balravento, e veio descahindo sobre a nossa Armada, e travaram hum fermoso jogo de bombardadas, do qual elles recebêram bem

grande damno das nossas náos, e após isto se investíram com grande determinação. Tristão Vaz da Veiga teve sempre o olho na Capitánia do Achém, que era huma muito fermosa galé com mais de duzentos homens; e virando a ella, lhe deo huma muito fermosa surriada de arcabuzaria, e após ella a abordou, e travou com ella huma aspera batalha, em que elle, e Ayres Pinto, e os mais fizeram tão altas cavallerias, que pelo rigor da espada entráram dentro. Succedêram grandes casos, ora declinando a huma parte, ora a outra; e por fim permittio Deos que o General dos Mouros fosse derrubado de huma espingardada, com que a vitoria se acabou de declarar pelos nossos, não lhe valendo sete fustas que trazia por poppa, que por varias vezes o cevâram de gente, as quaes foram tambem abrazadas dos nossos.

Os mais Capitães da nossa Armada ao mesmo tempo com o Capitão mór investíram cada hum com sua galé, e á que abordou Fernão de Lemos carregáram todos os inimigos a huma banda de tal feição, que se virou a galé, e no mar matou muitos, e cativou outros: os mais que estavam atracados, cada hum com sua galé, fizeram taes façanhas em armas até que as rendêram com morte da maior parte dos inimigos.

A mais Armada tanto que vio a galé do seu General desbaratada, e perdida a bandeira, e farol, largando tudo, se foram acolhendo pera a sua terra, não escapando ainda estes da furia da artilheria das nossas náos, que fez nelles grande estrago. Vendo Tristão Vaz da Veiga a mercê, que Deos nosso Senhor lhe tinha feito, deo-lhe muitas graças, e deixou-se ficar no lugar da vitoria tres dias curando os feridos, que eram muitos, os mortos não passáram de dez; depois se recolheo a Malaca, aonde chegou com as galés por poppa, e as bandeiras dos inimigos arrastando pela agua; e salvando a Cidade, desembarcou nella, e foi recebido com solemne triunfo, e foi levado á Igreja em procissão, onde deram todos muitas graças ao alto Deos por tamanhas mercês, e com isto ficou a Cidade desapressada do trabalho, e começáram a vir embarcações de fóra com mantimentos, e provimentos.

Tristão Vaz da Veiga, que hia fazer pimenta a Jundá pera carregar pera o Reino, partio-se logo; mas como Deos nosso Senhor o tinha guardado pera remedio daquella Fortaleza, ordenou que não achasse pimenta, pelo que se tornou logo pera aquella Fortaleza de Malaca, onde achou D. Francisco Henriques muito mal, de que

veio a falecer em Novembro de ſetenta e quatro, deixando em ſeu teſtamento nomeado por Capitão Triſtão Vaz da Veiga, conforme a huma Provisão que pera iſſo levava, o qual tomou poſſe da Fortaleza, e começou a correr com ſuas obrigações.

CAPITULO XVIII.

Entra o tempo do governo de Antonio Moniz Barreto, que he o da minha nona Decada.

A Primeira couſa, que eſte Governador fez, foi ordenar huma Armada pera levar os navios dos mercadores, que vam aos rios do Canará carregar de arroz por eſtar a Cidade falta delle, pera a qual elegeo D. Antonio de Menezes Cantanhede com duas galés, huma em que elle hia, e outra Antonio Lobo, e ſeis fuſtas, cujos Capitães eram os ſeguintes. D. Diogo da Silveira, filho de D. Simão da Silveira o Velho, Paulo Antonio Telles, Antonio Cabral, Franciſco Fernandes, Pedro Rodrigues Malavar, e Pero Gomes. Eſta Armada partio de Goa em vinte e dous de Janeiro de mil e quinhentos e ſetenta e quatro, até Abril em que ſe recolheo, e trouxe a Goa duas cafilas de mantimentos, com

que a Cidade ficou abaſtada; e porque não lhe ſuccedeo mais, acabaremos aqui com ella.

E porque o Governador ſabia que Fernão Telles, que andava no Norte, levava por regimento que reprezaſſe as náos do Idalxá que vieſſem de Méca, aſſentou em conſelho geral que ſe não bulliſſe nellas, antes ſe as encontraſſe, lhes fizeſſem cumprimentos, e as favoreceſſe em tudo, e que ajuntaſſe as cafilas de Cambaya, e de todas as Fortalezas, e ſe recolheſſe com ellas, porque era neceſſario virem depreſſa pelas muitas fazendas, que haviam de trazer pera a carga das náos do Reyno, e muitos mantimentos, que haviam de vir naquellas cafilas pera a Cidade de Goa, o que Fernão Telles fez, e trouxe pera a Cidade de Goa tudo o que levava por regimento; mas não encontrou as náos do Idalxá, e no fim de Dezembro chegou com toda aquella cafila a Goa.

Aos quatorze do meſmo mez de Dezembro ſe ajuntou o Governador Antonio Moniz Barreto com todos os Capitães, Prelados, e Officiaes da Fazenda em conſelho, no qual aſſiſtio D. Leoniz Pereira, Governador de Malaca, e D. Franciſco de Souſa, Capitão mór das náos do Reyno, e o Arcebiſpo D. Gaſpar, e lhes propoz em como o Idalxá tinha retheudos D. Henrique

que de Menezes, e todos os Portuguezes, que andavam em sua Corte com suas fazendas; e que não bastando isto, o fizera tambem a Christovão do Couto, que o Viso-Rey D. Antonio tinha mandado, que pedia a todos votassem livremente o que entendessem naquelle caso, porque era de muita consideração; e debatido o negocio, foram todos de parecer, que se não devia de dar por achado daquellas cousas, antes havia de dissimular com ellas, porque tomando-se disso, ficava obrigado a satisfazer-se daquella affronta; e que o bom sería que o Secretario Rodrigo Annes Lucas escrevesse como de si huma carta a Christovão do Couto, em que lhe désse conta de como Antonio Moniz Barreto governava a India, e que ElRey mandára ir pera o Reyno ao Viso-Rey D. Antonio de Noronha; e que assim como houvera aquella mudança no governo, assim a procurasse elle em seu negocio com os Capitães, com quem solicitasse sua causa, e que era necessario saber do Governador o que lhe mandava, e que trabalhasse o mais que pudesse por vir pera Goa, porque não sabia se o que se tratasse dalli em diante satisfaria ao Governador. Assentado isto, escreveo logo o Secretario a Christovão do Couto a carta do theor seguinte.

CA-

CAPITULO XIX.

Da carta do Secretario do Estado a Christovão do Couto, que estava retheudo na Corte do Idalxá.

» PElas mudanças que Sua Alteza hou-
» ve por bem de fazer, e prover nas
» náos, que ora chegáram ao governo des-
» te Estado, me pareceo necessario, como
» Official que sou, e vosso amigo, avisar-
» vos do que passa, pera que assim como
» nisto houve mudança nova, tomeis tam-
» bem em vossos negocios nova traça, se
» vos parecer. O Viso-Rey, que foi D. An-
» tonio de Noronha, houve ElRey nosso
» Senhor por bem, que não governasse mais,
» o que sería pelas informações, que lhe
» iriam na Armada do anno passado, e
» mandou que governasse Antonio Moniz
» Barreto, ao qual pareceo não faltavam
» as qualidades, que são necessarias a quem
» tiver este cargo, porque tem experien-
» cia de muitos annos deste governo, tem
» pessoa, tem disposição, e valor pera com
» sua presença assistir nos negocios da guer-
» ra, e pera as cousas que cumprem a el-
» la resolução, valentia, conselho, e ex-
» periencia: tem verdade, e bondade pe-
» ra conservar a paz com os Reys com

» quem

» quem elle á assentar, e lha merecerem,
» e determinação pera lhes fazer guerra,
» quando lhe for necessario: não tem cu-
» biça do alheio, pera que por essa causa
» faça desordens, e tem cuidado do pro-
» prio de ElRey nosso Senhor, tanto, quan-
» to cumprir. Até agora este Fidalgo nem
» tomou, nem mandou tomar, nem foi
» participante por communicação que lhe
» désse D. Antonio de Noronha da toma-
» da das náos dos Capitães do Idalxá, nem
» fica lugar pera se lhe poder pedir conta
» disso, senão com muita razão, e modos
» de amizade por outras muitas vias; e re-
» presentadas estas razões, e outras que pe-
» ra vosso negocio vos parecerem necessa-
» rias ao Idalxá, e seus Capitães com quem
» correis, parece-me que devem procurar
» logo vossa vinda pera Goa, pera poder-
» des dar razão ao Governador do que lá
» passou, pera lhe a elle ficar tempo de
» poder dar conta nestas náos que vam a
» ElRey nosso Senhor, do estado em que
» ficam as cousas delle, e como está com
» os vizinhos que lhe elle tanto encommen-
» da conserve em sua amizade, porque vos
» affirmo que lhe convem dar a Sua Alte-
» za conta de tudo, pois elle mostra pela
» execução que fez que terá differente or-
» dem no governo, do que tiveram os Vi-
» so-Reys passados. » O

» O não vos receber o Idalxá com o
» presente que levastes, isso não affronta o
» Governador, pois não foi o author del-
» le, nem lho enviou: e ainda digo por
» parte do Viso-Rey D. Antonio que tão
» pouco não havia razão pera deixar de
» lho aceitar, pois isso não foi enviado co-
» mo presente, nem foi mais que satisfa-
» ção ao Idalxá com duas espadas, e hum
» cavallo que a esta Cidade mandava com-
» prar, e por escrever sobre isso cartas ao
» proprio Viso-Rey, pera que lhe fosse
» com brevidade, e favorecesse a pessoa que
» a isso enviava, em resposta do que pera
» mais satisfação lhe enviou o cavallo, e
» espadas que vós levastes, e elle deseja-
» va, a que devia mostrar-se agradecido,
» não pelo preço, senão pela vontade com
» que o servia naquellas cousas.

» Não tenho nisto mais que vos lem-
» brar, senão que procureis de vos partir
» pera esta Cidade, tanto que lá se souber
» por esta, ou pelas novas que correm que
» já não governa o Viso-Rey D. Antonio
» de Noronha, e que quem está no gover-
» no, não tem culpa no desgosto que suc-
» cedeo na tomada das náos, ou deposito
» que se queria fazer nellas, até se ver o
» que o Viso-Rey ordenava se fizesse del-
» las, e o que se fez não foi cousa nova,

» pois

» pois ſempre foi coſtume darem as náos
» que navegam razão de ſeus cartazes, e
» ſe trazem couſas defezas, e não pôrem-
» ſe logo em defensão, e reſiſtencia de ar-
» mas, como fizeram os Capitães dellas
» com a noſſa Armada; e o que ſuccedeo
» aſſim ás náos, como ao noſſo Capitão
» mór, fello a juriſdicção da tormenta, e
» acontecimentos varios do mar, que coſ-
» tuma fazer ſeu curſo, e não o que os ho-
» mens pertendem. De Goa, quatorze de
» Dezembro de mil e quinhentos e ſeten-
» ta e tres. »

Recolhido Fernão Telles da Coſta do Norte, onde andava no fim de Dezembro de ſetenta e tres com huma grande cafila, e huma galeota de Malavares que tomou, e hum Embaixador que o Grão Mogor mandava ao Viſo-Rey D. Antonio de Noronha, que veio grandemente acompanhado; homem de muita peſſoa, e gravidade, que por ſer o primeiro que paſſou á India o recebeo o Governador com grande mageſtade, e apparato, e foi em Goa mui banqueteado de alguns Fidalgos velhos, e ricos, principalmente de D. Leoniz Pereira, e de Ayres Telles de Menezes, nos quaes banquetes foi o Embaixador ſervido com todas as baixellas que havia em Goa, e com todos os regalos que a India podia

dar

dar de si, e me affirmáram que em cada jantar se gastáram mil cruzados: logo o Governador Antonio Moniz Barreto o tornou a despedir, e a Fernão Telles por Capitão mór da costa Malavar com quatro galés, e oito, ou dez fustas, que partio de Goa meiado Janeiro de setenta e quatro. Os Capitães das galés, a fóra elle, eram D. João da Gama, Fernão Pereira de Miranda, e Antonio Cabral; e das fustas D. Luiz de Menezes, Fernão de Albuquerque, Gonsalo Rodrigues Caldeira, Diogo Taveira, Gonsalo de Sousa, Pedro de Anhaya, Estevão de Pina, Roque de Brito, seu irmão, e outros a que não achei os nomes.

No fim deste mez foi D. Diogo de Menezes entrar na Capitanía de Ormuz, que lhe ElRey tinha mandado, e lhe deo o Governador Antonio Moniz a galeota S. Vicente pera ir nella.

Logo na entrada de Fevereiro despedio o Governador por Capitão mór da costa do Norte a D. Antonio de Menezes com duas galés, elle em huma, e em outra Antonio Lobo Falcão, e oito fustas, de que foram por Capitães Paulo Antonio Telles, D. Duarte Deça, D. Diogo da Silveira, Francisco Pereira Escorcio, Sebastião Gonsalves de Alvellos, e outros. Nesta companhia foi Ayres Falcão entrar na Capitanía de

de Baçaim, e Antonio Ferrão por Veador da fazenda das Fortalezas do Norte.

Deixemos agora os succeſſos deſtas Armadas, e continuemos com as couſas do Idalxá, e cativos que eſtavam em ſua Corte. Com a carta que o Secretário Rodrigo Annes Lucas eſcreveo a Chriſtovão do Couto, houve algum abalo nos Capitães do Idalxá, a quem elle deo cópia da carta, que parece communicáram tudo com o Idalxá, o qual ſabendo da mudança do governo, e que nelle eſtava Antonio Moniz Barreto, deſpedio logo hum Embaixador a dar-lhe os parabens de ſua ſucceſsão, o qual em breves dias chegou a Goa na entrada de Fevereiro, e lhe fez o Governador hum grande recebimento, e o mandou agazalhar, e prover muito bem, e o Embaixador lhe deo huma carta do Idalxá, e outra de Fratel Maluco ſeu Regedor, e Governador de ſeus Reynos, que ambas eram de muita ſubſtancia, e nella lhe davam os parabens de ſeu governo, e lhe pediam que mandaſſe ſatisfazer a perda das duas náos, que lhe D. Henrique de Menezes tomára por mandado do Viſo-Rey D. Antonio de Noronha, as quaes o Governador mandou ler em conſelho geral que pera iſſo ſe ajuntou, e nelle ſe aſſentou que pera ſe dar ſatisfação áquelle Rey ſe fi-

fizessem algumas diligencias sobre aquelle negocio á vista do Embaixador, as quaes eram despedir hum catúr ligeiro a Cóchim, com provisões rigorosas, pera que se ainda estivesse o Viso-Rey D. Antonio por embarcar, lhe tomasse o Capitão da Cidade a homenagem de se não ir até estar a direito com o Idalxá; e que sendo partido, lhe sequestrassem toda a fazenda que se lhe achasse; e a mesma diligencia mandou fazer publicamente em Goa, deitando grandes pregões com grandes penas, a quem soubesse de alguma fazenda sua, se a não descubrisse dentro em tres dias, o que tudo foi á vista do Embaixador, o qual pedio ao Governador alguns cartazes pera suas náos navegarem pera Ormuz, e outras partes; e que os passos da Ilha de Goa fossem francos pera todos os que quizessem passar, e tornar por elles, pagando os direitos de suas fazendas, e outras cousas, com que o Embaixador se mostrou satisfeito; e porque era necessario pera a liberdade de D. Henrique de Menezes, e de todos os mais que lá estavam retheudos, despedio o Embaixador com brevidade, fazendo-lhe muitas honras, e dando-lhe presentes pera o Idalxá, e Fratel Maluco, e lhe escreveo cartas em resposta das suas, e a de ElRey era deste

theor,

theor, deixando os titulos, e cortezias do introito.

» A cousa que mais me encommenda,
» e manda ElRey meu Senhor em suas car-
» tas he o serviço de Vossa Alteza, e que
» pera elle lhe offerecia este Estado todas
» as vezes que lhe cumprir: e que mo não
» mandára, satisfizera eu com a mesma
» obrigação, pois tenho de longe conheci-
» mento da sua vontade, que he não dar
» nunca occasião aos Reys que tem por
» amigos; e quando elles a pertendam, e
» busquem, ou vam contra as pazes por
» elle juradas, ficará ElRey meu Senhor
» desculpado com Deos, e com os homens.
» Com as cousas do serviço de Vossa Al-
» teza tenho corrido em tudo como pude,
» e nada me ficou por fazer depois que
» sou Governador: e he tanto isto assim,
» que em chegando o Embaixador de Vos-
» sa Alteza, logo mandei fazer prestes hum
» catúr ligeiro, pera que com toda a bre-
» vidade fosse a Cóchim deter o Viso-Rey
» D. Antonio, ou que deixasse fiança a tu-
» do o que contra elle se julgasse. Escre-
» vi a ElRey meu Senhor sobre este par-
» ticular, e lhe enviei a carta de Fratel
» Maluco; e se Vossa Alteza quiz, e me
» mandou que sobre este negocio escreves-
» se a Portugal, e désse particular conta

» de

» de tudo , eu o fiz por Vossa Alteza assim
» mo mandar. E que razão poderei eu
» dar a ElRey meu Senhor, que neste cargo
» me poz, de me determinar neste caso
» sem resposta, e ordem sua, tendo-lhe escrito
» na fórma , que Vossa Alteza me
» mandou ? Se nisto ha culpa (o que na verdade
» me não parece) Vossa Alteza a tem,
» pois quiz a determinação mais cumprida
» do que eu a pudéra dar ; mas tudo
» irá a melhor. Mandei apregoar que toda
» a pessoa, que soubesse da fazenda, ou
» dinheiro do Viso-Rey D. Antonio , o viesse
» manifestar dentro em tres dias, e por
» serviço de Vossa Alteza faço da minha
» parte todas as justificações possiveis pera
» acertar em seu serviço, e não consinto
» ficar-me nenhuma por fazer. Ao Embaixador
» concedi os cartazes que me pedio
» , e os passos da Ilha francos pera o
» que quizessem ; e sendo todos os Fidalgos
» de meu conselho de Estado de parecer
» , que já que Vossa Alteza retinha
» em prizão, e não mandava vir os Portuguezes
» que lá estavam , mandasse eu esperar
» as suas náos de Ormuz , e Bengala,
» e as retivesse tambem, e eu só fui o
» que contra tantos pareceres prevaleci. O
» Embaixador traz por escrito grandes poderes,
» e não usa delles, deve de ser em
» se-

» ſecreto aſſim mandado de Voſſa Alteza;
» pelo que lhe peço de mercê mande ſol-
» tar os prezos com que lhe ficarei em
» obrigação de ſempre o ſervir ; porque,
» Senhor, quem pede juſtiça não deve uſar
» de força , que he quebrar as leis , que
» Voſſa Alteza tem obrigação de fazer a
» todos guardar ; e fazendo-me Voſſa Al-
» teza eſta mercê, e juntamente mandar a
» ſeus Tanadares deſtes portos , que não
» recolham nelles inimigos deſte Eſtado,
» pois he contra o contrato das pazes ce-
» lebradas, ficarei cativo, e criado de Voſ-
» ſa Alteza, e obrigado a não ſahir nunca
» de ſeu ſerviço , e mandar caſtigar rija-
» mente a quem os recolher , como que-
» brantador do bem público, e da paz ce-
» lebrada. Noſſo Senhor guarde o Real Eſ-
» tado de Voſſa Alteza , e a vida accreſ-
» cente por largos annos. Goa dezeſeis de
» Fevereiro de mil e quinhentos e ſetenta
» e quatro. »

E pera que não foſſem tudo rogos, tambem tratou o Governador de entrar com alguns ameaços, eſtes foram mandar paſſar Proviſões, pera que os Portuguezes não levaſſem cavallos , nem outras fazendas ao Balagate , porque com iſſo obrigaria aos mercadores daquelle Reyno a virem comprar eſtas couſas a Goa pela neceſſidade

que

que dellas tinham ; e com isso não só seguravam os vassallos de ElRey nas consciencias pelos escrupulos que ficavam de levarem cavallos, e fazendas aos Mouros, mas ainda ficavam engrossando os rendimentos das Alfandegas, porque pera a compra destas cousas haviam de trazer muitas fazendas a Goa, de que não só pagariam direitos da entrada, mas tambem das que levassem á sahida : e que além destes proveitos seguravam aos vassallos de ElRey de Portugal as fazendas, que levavam ao Balagate, e muitos cavallos que cada vez que os Mouros quizessem, podiam lançar mão de tudo, como já algumas vezes fizeram. Estas Provisões mandou o Governador apregoar pela Cidade, pera que os Mouros do Balagate, que nella andavam, avisassem de tudo ao Idalxá, com o que poderia ser o movessem a soltar os prezos pela necessidade que tinham, de que lhe levassem aquellas cousas que lhe defendiam.

Na entrada de Fevereiro deste anno de mil e quinhentos e setenta e quatro chegáram as náos de Malaca, nas quaes escrevêram D. Francisco Henriques Capitão daquella Fortaleza, e Tristão Vaz da Veiga, que nella estava, por não poder passar a Jundá a carregar de pimenta conforme o seu contrato, nas quaes lhe representáram

ram o miſeravel eſtado em que aquella Fortaleza eſtava, e de como o Achém com a Rainha de Japará eſtavam conjurados em ſeu damno, e que em ambos aquelles Reynos ſe faziam grandes preparações, e ſe lançavam ao mar groſſas Armadas, que aquella Fortaleza ficava com pouca gente, e muito falta de munições, e mantimentos, que lhe pediam a ſoccorreſſem, e ſenão que ſe perderia tudo; e o meſmo eſcrevêram a D. Leoniz Pereira Capitão de Malaca, o qual ſe foi ver com o Governador, e lhe moſtrou as cartas, e lhe diſſe que elle eſtava preſtes pera ſe partir pera Malaca, dando-lhe elle Governador o que ElRey lhe mandava; e ſobre iſto fez ſuas lembranças em boa fórma diante do Secretario do Eſtado, Veador da Fazenda, e outros Officiaes. O Governador Antonio Moniz Barreto lhe reſpondeo que bem via o Eſtado como eſtava falto de tudo pelas guerras paſſadas, ſem Armadas, nem gente pera lhe poder dar o que ElRey mandava, mas que ſe fizeſſe preſtes, que elle lhe daria tudo o que pudeſſe ſer, e que ajuntaria Conſelho geral, e o que nelle ſe aſſentaſſe iſſo ſe faria, não vendo eſte Governador que cahia na trampa que armou ao pobre Viſo-Rey D. Antonio de Noronha, por onde o fez remover do Eſtado com

tanta affronta , tendo elle naquelle tempo menos tudo , porque as grandes guerras passadas, e as muitas despezas que com ellas se fizeram, não em huma, mas em todas as Fortalezas da India, contra as quaes se conjuráram todos os Reys della, era bastante razão que tinha por si pera não aviar ao Governador Antonio Moniz Barreto, como ElRey mandava , porque nem ametade, nem a quarta parte se lhe podia dar naquelle tempo: e assim como Deos he justo Juiz , assim permittio que se visse logo a innocencia do Viso-Rey D. Antonio , e a paixão , e odio dos que o affrontáram, de o fazerem tirar do governo ; e póde bem ser que se não se mettêra de permeio a desaventurada perda de ElRey D. Sebastião , que pagára este Governador ao Viso-Rey D. Antonio de Noronha o mal que lhe fez , pois agora tinha mais obrigação de enviar a D. Leoniz Pereira, pelo recado que sobreveio do aperto que se esperava em Malaca; mas deixemos estas cousas, e vamos com a nossa historia.

Logo aos quatro de Março deste anno tornou o Governador a ajuntar o Conselho geral , no qual propoz as necessidades , e trabalhos em que estava a Fortaleza de Malaca, e o pouco commodo que havia pera se poder soccorrer; mas que todavia faria

o

o que se assentasse que era necessario fazerse sobre aquelle negocio; e debatida entre todos a proposta, foram os mais de parecer que se devia aviar o Governador de Malaca, a cuja conta todas aquellas Fortalezas estavam, e aquellas partes, e desobrigar-se della o Governador Antonio Moniz Barreto; e que se não pudesse ir do modo que ElRey mandava, fosse como o Estado pudesse pelas impossibilidades presentes, e que esta resolução se fizesse logo a saber ao Governador D. Leoniz Pereira pera se determinar, ao que logo o Secretario o foi buscar, por se elle não querer achar naquelles conselhos; e lhe deo conta do que se passára, e que visse como queria ir, porque o Governador estava prestes pera o aviar: ao que D. Leoniz lhe respondeo, que mais prestes estava elle pera ir servir a ElRey da maneira que elle mandava; mas porque o Governador, e os do Conselho não cuidassem que elle se forrova dos trabalhos, que dando-lhe Antonio Moniz Barreto huma Armada, como mandava a qualquer Rey do Malavar, de duas galés, e seis fustas, que elle se contentaria pera ir servir ElRey naquella empreza.

Com esta resposta foi o Secretario ao Governador Antonio Moniz, que achou ainda com todos os do Conselho juntos; e

dando publicamente relação do que passava, tornáram a debater sobre o caso, e assentáram que por então não poderia o Estado dar mais de si que dous navios de alto bordo; e que se das Armadas que andavam fóra, pudessem ir algumas fustas, que se aviassem pera isso, e que pera Setembro poderia o Governador dar a D. Leoniz Pereira Armada com que se pudesse ir. Assentado isto, tratou logo o Governador das cousas que havia de mandar a Malaca, e Maluco; e em quanto se fazia isto prestes, despedio a Henrique Moniz Barreto pera a costa do Canará com huma Armada pera ir dar guarda ás cafilas que haviam de trazer os mantimentos pera as Armadas, o qual partio de Goa em oito de Março com duas galés, elle em huma, e Gomes Eannes de Freitas em outra, e sete fustas mais, de que foram por Capitães Manoel Furtado de Mendoça, João Rodrigues Deça, Mathias Pereira de Sampayo, Antonio de Monroy, João de Mello de Sampayo, Pedro Rodrigues, e Pedro Soares Malavares. A esta Armada não succedeo cousa alguma mais que tornar a Goa em vinte e dous de Abril com muitos mantimentos.

Partida esta Armada, despedio logo o Governador Miguel de Abreu de Lima, que ti-

tinha vindo do Reyno pera ir por Embaixador á Persia, o qual partio em vinte de Março nas náos que foram pera Ormuz; e porque a causa desta embaixada, e as cousas que succedêram a este Embaixador, se hão de contar em outro lugar, não tratarei aqui dellas.

Em vinte e sete de Abril deste anno partio Belchior Botelho a fazer as viagens de Maluco no galeão Santa Catharina muito cheio de mantimentos, e munições: foi mais D. Antonio da Costa em huma galé pera ir de soccorro a Malaca, e o Licenciado Martim Ferreira por Veador da Fazenda pera Malaca no galeão S. Diniz, e com Belchior Botelho foi embarcado Nuno Pereira de Lacerda pera ir entrar na Capitanía de Ternate, de que estava provído por Sua Magestade.

Falta-nos continuarmos com Fernão Telles, que anda no Malavar, o qual andou todo o resto do verão correndo aquella costa com grandes intelligencias sobre os paráos; e sendo avisado que no rio da Pedra se recolhêram sinco, que vieram do Norte carregados de prezas, foi sobre aquelle rio, e o mandou entrar pelos navios de remo, os quaes foram ainda tanto a tempo que os tomáram ainda dentro no rio com todo o seu recheio; e endireitando com elles, os

in-

investíram muito determinadamente; e posto que entre todos houve huma muito aspera briga, sendo os contrarios favorecidos da gente da terra, e tanto apertáram os nossos com elles que houveram por bom partido lançarem-se a nado a terra, e deixarem os navios nas mãos dos nossos com todo o recheio, que foram tirados á toa pera fóra, e cada hum tomou o que pode. Não especifico aqui os que primeiro abalroáram, nem os que foram neste negocio, porque todos os Capitães das fustas foram nelle, e investíram os inimigos juntamente. Fernão Telles deo muitas voltas áquella costa, e já a tempo de se recolher foi dar com huma náo do Çamori que vinha de Méca; e mandando-a commetter pelos navios pequenos pela não querer metter no fundo com a artilheria das galés, foi depois de grande referta entrada, e a maior parte dos Mouros mettidos á espada, e alguns cativos, e com estas prezas se recolheo a Goa no fim de Abril.

CAPITULO XX.

Francisco Barreto eleito Governador pera a Conquista das Minas do Reyno de Manomotapa.

TInham tantas vezes persuadido a El-Rey D. Sebastião a que mandasse conquistar as riquissimas Minas do Reyno de Manomotapa, que se moveo a fazello, e pera esta jornada, e conquista escolheo El-Rey Francisco Barreto, que tinha sido Governador da India, e que então era General das galés do Reyno, e tinha vindo daquella fermosa jornada do Pinhão, donde foi com huma grossa Armada por mandado de ElRey D. Sebastião pera se achar naquelle feito com D. Garcia de Toledo, na qual os Portuguezes ganhāram o nome que sempre tiveram: tratou-se do titulo, e jurisdicção que se lhe daria, a qual foi de Capitão geral, e Conquistador dos Reynos, que jazem desdo Cabo das Correntes até o de Guardafum, e que lhe dariam tres náos com mil homens, e cem mil cruzados em dinheiro, em quanto as Minas não pudessem supprir estas despezas, e munições, e mantimentos pera a Armada; e que todos os annos, em quanto durasse a conquista, se lhe dariam os cem mil cruzados assima

ma com quinhentos homens; e que se por algum caso fosse ter á India, ou se encontrasse no mar com o Viso-Rey, ou Governador, levariam ambos suas bandeiras, e faroes, e que governariam nos successos da guerra, em que se achassem ambos de dous em conformidade, e que por seus mandados fariam os Officiaes da fazenda da India as despezas de sua Armada nos provimentos della, com outras mercês, e favores que deixo, porque não fazem ao caso de nossa historia.

Pera esta jornada mandou ElRey que se preparassem as tres náos, e se pagassem mil homens de armas; e pela novidade della, e ser a descubrir Minas de ouro, abalou toda Lisboa, e acudíram muitos Fidalgos pera se acharem nella, e tanta gente houve que sobejava pera outra Armada. Pera ir Francisco Barreto se negociou a náo Rainha, que andava na carreira da India, pera a qual se pagáram seiscentos soldados, em que entravam mais de trezentos Fidalgos, e mais de duzentos criados de ElRey, e toda a mais gente mui limpa, e nobre: as outras duas náos eram de duzentas e sincoenta toneladas, e em cada huma se embarcáram duzentos homens de armas, a fóra gente do mar, das quaes eram Capitães Vasco Fernandes Homem, e Louren-

ren-

rençço Carvalho. Levava mais Francisco Barreto nesta Armada cem homens Africanos, porque determinava mandar buscar cavallos á India, e levallos no seu exercito pera maior fortaleza. Em fim, preparada esta Armada, se fez Francisco Barreto á véla, com as suas náos juntas no fim de Abril do anno de 1569. e seguindo sua viagem, logo se apartáram; e Lourenço Carvalho por não poder dobrar os abrolhos arribou ao Reyno, Francisco Barreto foi invernar ao Brazil, só Vasco Fernandes Homem se negociáram os seus Officiaes melhor, e trabalháram tanto que chegáram a Moçambique em Agosto, estando todas as náos da Armada do Viso-Rey D. Antão de Noronha de arribada, e elle morto, como dissemos no titulo de sua Armada, e estava na Fortaleza por Capitão Pedro Barreto, que tanto que soube que Francisco Barreto vinha com aquelles poderes pera proseguir na conquista, houve-se por aggravado de ElRey, e affrontado de Francisco Barreto, tanto, que largando hum anno, que lhe faltava por acabar naquella Fortaleza, logo se embarcou pera o Reyno, como foi tempo na náo Chagas, e faleceo no caminho antes de chegar ao Reyno, na qual companhia eu tambem fui requerer os serviços que tinha feito na India.

Fran-

Francisco Barreto, que estava invernando no Brazil na Bahia de Todos os Santos, tanto que foi tempo partio-se pera Moçambique, aonde chegou a salvamento com toda a gente sã, e muito bem disposta; e tomando informação da terra, que achou falta de mantimentos, vendo que pela falta da gente da outra náo, de quem não sabiam novas, não podia ir proseguir na conquista, e que havia de estar alli alguns mezes, até virem as náos do Reyno, em que esperava mais soccorro, pareceo-lhe bem dar huma volta até a costa de Melinde, assim pera castigar o Rey de Pate, que estava levantado, como pera arrecadar as pareas, que deviam de alguns annos todos os mais Reys, e pera trazer de lá muitos mantimentos pera a jornada que esperava fazer, e ajuntou todos os pangaios, e embarcações que pode, em que se embarcou com toda a gente, deixando por Capitão na Fortaleza a Lourenço Godinho, Alcaide mór, e foi surgir sobre o porto de Pate, onde aquelle Rey veio logo á obediencia, e lhe pagou as pareas que devia, como pagáram os mais Reys, e todos os Senhores daquella costa, com que largamente fez as despezas de sua Armada, e trouxe muitas embarcações carregadas de mantimentos, que lhe foram muito bons por

ha-

haver em Moçambique poucos, e esses muito caros; e dos Mouros daquella costa, que são muito sutís, e penetrão todo o sertão da Cafraria, se informou de muitas cousas pera sua entrada por aquellas terras dentro; e de huns do Reyno de Atoude soube que de Quiloa, ou do Atoude por quinze, ou vinte leguas de caminho pelo sertão dentro poderiam chegar até o outro mar de Angola, e que foram algumas vezes á sua feira, onde vinham os mercadores daquelloutro mar contratar com elles em suas fazendas; e disto achei na feitoria de Moçambique registada huma carta, que Francisco Barreto escreveo a ElRey sobre este negocio, assim secca, sem dizer se estes Mouros hiam por mar, ou por terra, nem lhe pedir o roteiro daquella viagem; que foi grande descuido; e com esta carta achei tambem registada a resposta de ElRey, na qual lhe estranhava muito deixar a principal jornada, a que fora enviado que era a das Minas, e ir-se á costa de Melinde; mas que tambem lhe agradecia algumas cousas que lá fizera, as quaes cartas eu trasladei por curiosidade, sendo bem moço naquelle tempo. Francisco Barreto, depois que fez na costa de Melinde o que dissemos, tornou-se pera Moçambique, aonde achou as duas náos, que o Viso-Rey D. Luiz de Ataíde

de

de lhe tinha mandado com roupas, e munições, mantimentos, e cavallos; e por aquellas náos teve novas da conjuração de todos os Reys do Oriente (como contámos) e de como o Nizamoxá ficava com hum grosso poder sobre Chaul, que por nenhum caso poderia deixar de tomar aquella Cidade por estar toda aberta, e sem defensão: o que sabido por Francisco Barreto, propoz em hum Conselho geral, que mais serviço de ElRey sería acudir a Chaul, que ir ao negocio das Minas, que a todo o tempo se poderia fazer, dando muitas razões que todos approváram, e assim se começou a preparar pera aquella jornada, pera a qual tinha as suas duas náos, e huma que tinha chegado de descubrir o Cabo de Boa Esperança, por mandado de ElRey, da qual era Capitão Manoel de Mesquita, e outras embarcações mais pequenas, em que poderia levar oitocentos homens; e tendo tudo prestes, chegou D. Antonio de Noronha, que tinha partido do Reyno por Viso-Rey da India, com sinco náos todas em huma maré, e o Viso-Rey D. Antonio vinha muito doente de tericia, e tal que cuidavam que não poderia viver. Estavam elle, e Francisco Barreto mui desavindos já do tempo da India, e sem embargo disso foi em huma manchua metter as náos den-

dentro no rio, e amarrallas; e depois de as ter seguras, entrou na náo do Viso-Rey, que estava em hum catre pequeno deitado na varanda, e chegando a elle o abraçou, e lhe disse: »Quebre-se, Senhor, este en» cantamento: peza-me de Vossa Senhoria » vir nesse estado, porque o tomára ver » muito bem disposto, pera supprir as ne» cessidades em que, Senhor, haveis de to» mar a India, pera onde eu espero de vos » acompanhar; e pois Vossa Senhoria vem » desse modo, faça-me mercê de se ir pera » minha casa, aonde se tratará de vossa sau» de o melhor que puder ser.» O Viso-Rey lhe agradeceo muito aquelle termo, e lhe pedio o houvesse por escuso, porque era velho, e rabugento, e que lhe mandasse dar casas, em que se pudesse agazalhar; o que Francisco Barreto fez, mandando-lhas perfumar muito bem, com muitos cheiros, e verduras; e com o Governador Antonio Moniz Barreto tambem teve outros cumprimentos, como parentes que eram, e o levou pera sua casa.

Passados alguns dias, em que o Viso-Rey tomou algum alento, fez Francisco Barreto hum ajuntamento de todos os Capitães, e Fidalgos velhos, o Governador Antonio Moniz Barreto, Vasco Fernandes Homem, Religiosos que havia alli muitos,

e

e muito bons Letrados, e o Padre Francisco de Monclaros da Companhia, e presentes todos, lhes propoz as cousas seguintes, pera se resolver com seu parecer: » Que elle estava prestes com aquellas tres náos,
» e oitocentos homens pera ir soccorrer a
» Fortaleza de Chaul, que estava em gran-
» de aperto; e que parecendo bem a to-
» dos, o faria: e assim mais propoz, que el-
» le trazia no primeiro capitulo de seu Re-
» gimento, que na Conquista das Minas
» não fizesse nada, sem o parecer do Padre
» Francisco de Monclaros, que estava pre-
» sente; que pera as Minas de Butuá, e
» Manicá havia dous caminhos, hum pela
» serra, e terra de Manomotapa, e outro
» por Çofala, que pedia a todos se ouvis-
» sem os homens velhos, e praticos naquel-
» la terra, e que com as razões que des-
» sem se assentasse qual destes caminhos se
» havia de seguir. » E ouvindo os homens todos o que Francisco Barreto disse, tratando-se daquella materia, vieram todos a conformar, e assentar em que o caminho se havia de fazer por Çofala, por ser mais facil, e menos arriscado, porque pelo outro da serra haviam de passar forçosamente pelas terras de hum Rey chamado Omigos, o mais poderoso de toda a Cafraria; e que succedendo aos nossos alguma quebra com el-

elle, ficaria o Governador Francisco Barreto inhabilitado pera proseguir a conquista que lhe ElRey mandava. Este parecer tomou o Governador assim com tanta solemnidade, porque o Padre Francisco de Monclaros apertou muitas vezes com elle que fosse pela serra, e terras de Manomotapa, tendo elle sabido dos homens praticos, que não iriam bem encaminhados; e porque Francisco Barreto não quiz seguir o parecer do Padre, andavam elles quebrados, e differentes, e ainda nesta junta o estavam, e o Padre teimava em que se havia de fazer o caminho da conquista por onde elle queria, e não por onde geralmente a todos parecia, o que era zelo piedoso, mas damnoso; porque a razão porque nisso insistia era, pera que o Governador Francisco Barreto tomasse do Manomotapa alguma satisfação da morte do Padre D. Gonsalo da Silveira, que elle mandou martyrizar, como em seu lugar contei, e pera ver se poderiam achar as reliquias de seus ossos, o que não podia ser, porque todos os homens que naquelle tempo tratavam pera as terras de Manomotapa affirmavam, que tanto que lançáram o corpo deste santo Padre no rio, logo os lagartos, e cocodrillos o comêram, e engolíram, donde não pudera tornar a apparecer, senão no

ul-

ultimo juizo universal; e debatido o negocio naquelle grande concurso de Capitães, Theologos, e mercadores praticos daquellas Minas, assentáram todos que ao Governador Francisco Barreto lhe era necessario fazer seu caminho por Çofala, assim por ser mais perto, como menos arriscado. Assentado este negocio, assignáram todos no termo que disso se fez, em que tambem o Padre Francisco de Monclaros assignou por lhe parecer muito bem.

E sobre o primeiro ponto que o Governador Francisco Barreto propoz, de que estava prestes pera soccorrer Chaul, disse o Viso-Rey D. Antonio que naquillo tinha bem cumprido com o serviço de ElRey, e obrigação de sua pessoa, que a tenção era muito boa, e fora muito bem acertada a jornada, se faltáram náos; mas que pois elle Viso-Rey hia pera a India com tamanha Armada, que escusava elle Francisco Barreto aquelle trabalho, pois tinha o outro da conquista das Minas, que ElRey tanto lhe encommendava; mas que pois alli estavam juntos aquelles Capitães Fidalgos, e Religiosos, e Cavalleiros, lhes pedia que praticassem sobre se iria elle D. Antonio com toda a Armada demandar Chaul, que era o que estava mais arriscado, ou se iria direito a Goa; porque se Chaul fosse perdido,

do; elle já o não podia remediar; e se estivesse ainda cercado, que com a nova que chegasse aos inimigos de sua vinda com tamanho poder, estava certo levantarem-se logo daquella Cidade sobre que estava; e que chegando elle a Goa, lhe poderia logo mandar todos os soccorros que quizesse; e concluido isto com tanta satisfação de todos, se partio o Viso-Rey pera a India.

Francisco Barreto começou a mandar muita parte da fabrica da conquista pera Çofala em muitas embarcações; e elle se começou a preparar pera a jornada; mas como ao Padre Francisco de Monclaros lhe parecia que se fazia offensa á sua authoridade, e letras, e ao que ElRey delle fiava que aconselharia ao Governador o que fosse justo, e honesto, conforme a seu serviço, e não á suas pertenções, foi-se hum dia ao Governador, e lhe pedio licença pera se ir pera a India pela Costa de Melinde; porque entendia que elle Governador hia contra sua consciencia, e contra o serviço de ElRey em querer fazer seu caminho por Çofala, como estava assentado, parecendo-lhe ao mesmo Padre muito acertado o que se assentou em hum Conselho tão authorizado, como se convocou pera esta materia de hum Viso-Rey, dous Gover-

nadores, e mais de vinte Padres de S. Domingos, Theologos, querendo que seu parecer só vencesse a todos estes, paixão muito natural em muitos Religiosos, pela qual deitáram a perder na India grandes occasiões, e se arriscáram, e ainda perdêram algumas Fortalezas, como pelo discurso de minhas Decadas se verá; porque muito sabido he nas Escrituras Divinas, e Humanas que cada dia erra o homem, que se governa por seu parecer, e que as mais das vezes acertou quem se governou pelo alheio: em fim a paixão deste Padre chegou a tanto, ou o medo, e temor que o Governador Francisco Barreto tinha aos Prelados da Companhia, e ao Mestre de ElRey D. Sebastião, que foi o que o encaminhou pera esta jornada, que fez remover o parecer que estava tomado de tantas pessoas tão eminentes, e fazer nova junta, em que tornou a propôr o negocio, no qual parece que o Padre tinha feito o que pertendia com os que haviam de ser chamados; e tornado a debater o negocio, votáram que fosse o Governador pela serra, e não por Cofala: e nisto se poderá bem ver o que podem respeitos, que o que hoje pareceo bem a huns, á manhã parece mal aos mesmos: ora deixemos isto, que não servio de mais que de escandalizar a quem

o soube. O Governador Francisco Barreto tornou a remover o que estava assentado, e mandou embarcações a Çofala, pera que toda a fabrica que lá estava, o fosse esperar no forte da serra, como fez; e elle como se hia chegando o tempo em que havia de partir, se foi fazendo prestes, e se proveo bastantemente de muitas cousas pera aquella jornada, pera a qual levou mais de duzentas peças de pannos de cores pera se vestirem os soldados no tempo do inverno, que he lá muito frio. Aqui quero contar este caso, que me aconteceo com elle. Vim eu do Reyno, como já disse, com o Viso-Rey D. Antonio de Noronha; e como Francisco Barreto comprava todos estes pannos, parece soube que eu trazia humas trinta peças, que me mandou rogar lhe vendesse, as quaes eu lhe mandei logo, e depois fui ter com elle, que estava fazendo contas com hum Feitor seu, que comprava estes pannos, o qual me perguntou a como os havia de dar, ao que Francisco Barreto, que estava praticando comigo nos assentos da janella, lhe respondeo estas palavras: » Ora estais muito gracioso, » perguntai a este senhor soldado por ar» mas, e dar-vos-ha razão dellas: pagai» lhe as suas peças por aquillo que as mais » caras vos custáram » o que elle logo fez:

trouxe isto, pera que se veja a natureza, e grandeza deste Fidalgo.

CAPITULO XXI.

Parte Francisco Barreto pera a Conquista das Minas: e da descripção de toda a Costa do Cabo Delgado até o Cabo das Correntes, e do Reyno de Manomotapa, e das Minas de Butuá, e Manicá.

PRestes Francisco Barreto de tudo, ajuntou todos os navios, que havia no rio de Moçambique, e mandou embarcar a fabrica toda; e assim os cavallos, e huma quantidade de jumentos, e alguns camellos, que lhe trouxeram das costas dos Bodoins pera o serviço do exercito, e serviço delle: levou o Governador mil soldados, muitos escravos, e alguns Mouros, que sabiam a terra, muitas roupas, mantimentos, e odres pera agua, e em fim tudo o que lhe disseram ser necessario pera aquella jornada, e no mez de Novembro se embarcou, e foi com tudo a salvamento até o rio de Quilanamé noventa leguas de Moçambique, que he o rio dos Bons Sinaes, onde Vasco da Gama, quando foi ao descubrimento da India, espalmou as suas náos; e porque me pareceo que sería accei-

to

to dos curiosos fazer aqui huma descripção desta costa toda do Cabo Delgado até o Cabo das Correntes, a farei, começando do Cabo Delgado pera o das Correntes.

Esta costa do Cabo Delgado até Moçambique quasi que imita a feição de hum arco, começa em nove gráos do Sul, e acaba em quatorze e meio, em cuja distancia ha estes rios, e Ilhas. Cabo Delgado, Ilha dos Passaros, Ilha de Mesa, rio Pandagi, tem huma Ilha na boca do seu nome, Ilha Macoloé, Ilha de Matemo, Ilha de Quiribá, Ilha da Cobra, junto della rio Melvané, Ilha de Quizoé na sua boca, Ilhas das Cabras, a estas Ilhas lhe puzeram o nome os soldados da Armada de Vasco da Gama, quando por alli passou a primeira vez, Ilhas do Açoutado, porque nellas mandou Vasco da Gama açoutar o Piloto, que o levou de Moçambique, porque o metteo entre ellas, a fim de lhe fazer perder as náos. Vai logo o rio Mesente, o rio Noculubó, o rio Jitú, o rio Abé, o rio Xagás, o rio Samouco, o rio de Veloso Xaracapá, enseada de Fungo, o rio de Pendá, que tem huns baixos que lanção duas leguas ao mar do seu nome, o rio Quisimalúco, o porto de Velhacos, Tintágoné; onde fazem as aguadas; tem dous Ilheos fóra da boca Moçambique: daqui

até a ponta da enseada da Sanca, que está em vinte e hum gráos e meio, vai encurvando a terra pera dentro de longo, da qual jaz aquelle perigoso parcel de Çofala, na qual distancia ha estes rios abaixo de Moçambique, o rio Mocugó, o rio Basonis, o rio Mosigé, o rio Moguncualé, que tem na boca huns baixos que lançam duas leguas ao mar, aonde eu já estive perdido em huma naveta indo pera Çofala, por sima dos quaes cavalgou a embarcação, e milagrosamente se sahio com o leme quebrado, o rio Janguasé, o rio Ambuzio, as Ilhas de Angoxa, que sam tres, o rio Monja, o rio Macolongo, que tem tres Ilheos na boca, o rio Tendamagé, o rio Corrobecá, o rio Quisingó, o rio Loranjá, o rio Quinami, o rio Locangó, o rio Monguló, o rio Mafutá, barra de Quilinamé, que está noventa leguas de Moçambique, em cuja costa jazem os rios assima, capazes de navegarem por elles Pangayos de cem candís de carga; corre logo a Ilha Chinogá adiante trinta leguas até á barra de Lucabó vam logo estes rios, Tendeculó, rio Quiloé, rio Tambambugoé, rio Miasé, rio de Çofala, que faz na entrada huma Ilha chamada Inhasantó, rio de Loané, rio de Mamboni, rio Mulinem, rio Quilamacosi a ponta de Bosicá, que está em vinte

e

é dous gráos do Sul, onde começa huma concha da feição de hum briguigão, que vai acabar junto do Cabo das Correntes em vinte e tres gráos, por sima da qual costa está o Tropico de Capricornio: chama-se esta concha, ou enseada da Sovea, dentro he aparsellada toda, entre a derradeira ponta da banda do Sul, e do Cabo das Correntes faz o rio Inhabané, onde os Capitáes de Moçambique mandam fazer resgate de marfim, donde lhe vem grande quantidade delle; e ainda pera o Cabo das Correntes ha outro rio, que se chama Inhangé.

CAPITULO XXII.

Das terras que possue o Manomotapa: e dos lugares a que os Portuguezes vam fazer suas feiras, por commutação de roupas, e conta com ouro.

TOda a terra que o Manomotapa senhorea, beija a boca do rio Cuama ao Nascente, ao redor de duzentas e sincoenta leguas, que della pudéram alcançar os Portuguezes, e Mouros, que vam pela terra dentro, e presume-se que vai a passar muito mais ávante até confinar com os Reynos do Sertão do Preste João da Abassia. Esta terra he cortada pelo meio com hum fer-

formosissimo rio chamado Zambosé, no qual se mette o rio Quiri, que corta a terra chamada Barono, e o rio Mansovo, o rio Arroenha, e o Cabreza, e o Arrugé, e o Arruboy, todos rios prosperissimos de agua, afóra outros muitos de menos quantidade, ao longo dos quaes vivem muitos Reys, huns izentos, e outros vassallos do Manomotapa, e o mais poderoso dos izentos he o Rey chamado Mongé, que confina com os nossos fortes de Sena, e Tete, e participa em algumas partes do rio Zambosé. As mais ricas Minas de todas sam as de Masapá, de que já tratei em algumas partes, e onde mostro na minha Abassia, que a Rainha Sabá levou a maior parte do ouro, que foi offerecer ao Templo de Salamão, a qual eu tenho pelo Ophir de que trata a Sagrada Escritura, e a semelhança do nome o mostra claramente, porque seus Cafres lhe chamam Fur, ou Fura, e os Mouros Aufur, que hum, e outro, tirando-se poucas letras, e com pouca corrupção na pronunciação (que estes barbaros adulteram) he mui semelhante a Ophir: he esta Mina tão rica, que ha bem poucos annos que della se tirou huma pedra, de que se tiráram mais de quatro mil cruzados de ouro, e arrebentam debaixo as veias do ouro com tanta força, que se achou subi-
rem

rem pelas raizes dos pés das arvores affirma; e de huma veia, que veio arrebentando assima, tiráram hum pedaço de ouro, que em pedra pezava doze mil cruzados, a modo de hum grande Inhame com alguma terra por partes que fazia veias, a qual foi ter ás mãos dos nossos Portuguezes, e não se cavou mais nestas veias, porque havia grandes penas de mortes, e tormentos aos que nellas bulissem; e em outras partes se acháram á flor da terra pedaços, ou esgalhos de ouro como gengivre de pezo de quatro mil cruzados: ha outra tambem muito prospera, que se chama de Manicá, em que tambem não podem cavar os naturaes; e ainda que pudessem, o não fariam, porque não sabem profundar as Minas, nem ordenar as máquinas pera isso: a outra Mina he de Butuá, tambem he prospera, mas de nenhuma dellas sabem os Cafres tirar ouro, e sómente pelos invernos andam pelos enchurros, que descem das serras pera baixo, em que acham alguns grãos, e lascas, e de outras partes tiram a terra em gamellas, que levam estas enchurradas, de que tiram ouro mais miudo, a que chamamos em pó; e como os Cafres são muitos, sempre acham muita quantidade, ainda que naturalmente são tão preguiçosos, que como acham o que lhes basta pera comprarem

dous

dous pannos pera se vestirem, não trabalham mais. Outras muitas Minas ha nestes Reynos menores, e as haverá maiores tambem se profundassem; mas nem os Cafres tem apparelhos, nem cubiça, e calor pera isso, porque, como já disse, se contentam com pouco.

Tres são as feiras a que os nossos Portuguezes vam resgatar o ouro, e vender suas fazendas, ou commutallas por ouro, pera as quaes hão de sahir do nosso forte de Tete, que está cento e vinte leguas pelo rio Zambosé assima. Os que querem ir, e os outros mandam seus Cafres, porque ha mercadores destes, que tem cento, e duzentos Cafres seus cativos, que mandam a este resgate, os quaes são tão fidelissimos que até hoje se não sabe que hum fizesse huma velhacaria, nem se deixasse ficar por lá com a fazenda de seu senhor: cada Cafre destes leva á cabeça hum fardozinho feito ao comprido, muito bem liado, a que chamam Motiro, em que vam duas corjas de pannos azues, que são quarenta, roupa baixa de sete até oito covados de comprido, e pouco mais de hum de largo, e alguns delles tão ralos, que parecem redes, e outras laias de pannos listrados do mesmo tamanho, e huns, e outros os Cafres estimam muito, e os partem em alguns pedaços,

com

com que se encacham, e estas são pera elles as maiores galanterias do mundo. Levam tambem a este resgate humas continhas de barro miudas, humas verdes, e outras azues, e amarellas, que são as gargantilhas, que as Cafras põem ao pescoço, como os nossos colares ricos; estas contas vam enfiadas em huns fios de Macosi, que he huma cousa como folhas de palma, e dellas fazem hum ramal de dez, doze fios de palmo cada hum, a que chamam metins, que he hum certo pezo, que elles usam, e a dez metins destes chamam lipate, e a vinte lipote, que val hum cruzado, e chega lá posto quarenta reis; e todas estas cousas que levam se vendem logo, e dobram nellas o dinheiro, ou mais. Estas cafilas de Cafres com estas fazendas sahem do nosso forte de Tete chamado Sant-Iago, e vam a tres feiras, aonde os Cafres do Sertão os vam esperar a certos tempos; a primeira se chama Luanhé, que será trinta e sinco leguas de Tete pelo Sertão da banda do Sul, que está entre dous pequenos rios, que depois que se ajuntam em hum, se chamam Nausovo, e fica o dito lugar affastado de cada hum destes riachos dez leguas de Tete, até esta feira gastam os nossos quatro dias de caminho. A segunda feira se chama Bucotó, e se faz en-

tre outros dous braços pequenos, que se vem tambem ajuntar com o grande, affastada da fralda de cada hum duas leguas: e de Tete a este lugar ha quarenta leguas, e da feira de Luanhé por linha direita treze. Masapá he a terceira feira, que fica na jornada do rio Masouvo, sincoenta leguas de Tete; esta feira he grande, e riquissima. Em todos estes lugares tem os Padres de S. Domingos Igrejas, onde se sacramentam os Christãos, que alli vivem, e que alli vam ter. Aqui nesta feira de Masapá reside hum Capitão Portuguez appresentado pelo Capitão de Moçambique, e confirmado pelo Manomotapa, o qual sem sua licença se não póde sahir dalli sobpena de o matarem, o qual he Juiz das differenças que ha entre os Portuguezes, e ainda entre os Cafres, por lhe ter dado o Manomotapa jurisdicção sobre elles: chama-se este Capitão das Portas, porque por alli hão de passar forçadamente os que vam pera a Corte.

CA-

CAPITULO XXIII.

Do que succedeo a Francisco Barreto nesta Conquista, e a ordem que teve em caminhar pela terra dentro.

DEixamos o Governador Francisco Barreto em Cuama com toda a fabrica de seu exercito, e pelo rio assima foi até o forte de S. Marçal, ou de Sena, e se assentou em huma povoação, que se chamava Inhaparapalla, onde se agazalhavam todos os Portuguezes mercadores, que por alli andavam, onde já lhe tinham feitos aposentos pera o Governador, e Igreja, e muitas casas pera a gente, tudo de palha: havia desta povoação á outra de Mouros hum tiro de falcão, os quaes eram nossos amigos, e tinham seu Xeque que os governava, e pera a communicação de todos os Portuguezes com quem se criavam, fallavam, e aprendiam a nossa lingua, e escreviam com as nossas letras. Era a povoação em que Francisco Barreto se agazalhou ao longo do rio, de cuja agua todos bebiam, que era muito barrenta, e turva; e se a não assentavam de hum dia pera o outro, não se podia beber, pera o que era necessario muitas vazilhas grandes que não havia, e só de huns cabaços se serviam que le-

levavam duas, e tres canadas de agua, pela qual razão começou a adoecer alguma gente, no que o Governador quiz prover com mandar abrir hum poço defronte das suas casas, e elle em pessoa com todos os Fidalgos, e pessoas principaes trabalhavam na obra, e acarretavam a pedra pera se empedrar; e estando já tão alteado que deram na agua, chegou hum daquelles Mouros homem principal, que se chamava Manhoesa, o qual apartou o Governador, e em segredo lhe disse que se não fiasse daquella agua, e que mandasse logo a entupir o poço, porque lhe haviam de lançar peçonha nelle pera o matarem a elle, e a todos os mais. O Governador dissimulou com o negocio hum dia, ou dous, e depois o mandou entupir, dizendo que ainda aquella agua era peior que a do rio que era corrente; e como nunca os Mouros serão amigos dos Christãos, tanto que souberam da ida do Governador a descubrir as Minas com que elles ficavam perdendo aquelle commercio, tinham assentado de matarem os nossos pouco a poucos com peçonha, e pera isso tanto que o Governador chegou, se mostráram mui affaveis, e domesticos, e convidáram por muitas vezes aos nossos, e nos convites lhes lançavam peçonha, que depois ao longe lavrou;

e vindo vespera de Natal, convidáram muitos Fidalgos, e pessoas principaes pera lhes darem de consoar, pera o que fizeram muitos doces, e entre elles muito boa gergelada, na qual tinham carregado bem a mão de peçonha, porque sabiam serem os nossos affeiçoados áquella fruta. Já neste tempo eram mortos alguns cavallos de peçonha sem os nossos cahirem no que era; e todavia vendo que morriam muitos, mandáram abrir alguns, e lhes acháram os figados, e corações comidos, e podres. O Governador vendo aquelle negocio, mandou prender todos os farazes, e começando-lhes a dar tratos; confessáram que hum Caciz dos Mouros lhes trazia a peçonha, que elles davam aos cavallos pera o que os tinha peitado; e feito isto, mandou o Governador em muito segredo chamar certos Capitães com suas Companhias, e lhes mandou que com segredo, e cautela cercassem dissimuladamente a povoação dos Mouros toda em roda, e que estivessem prestes todas as embarcações ligeiras com as proas em terra, e que ouvindo tocar a caixa, dessem na povoação dos Mouros, e os passassem todos á espada; e que as embarcações ligeiras andassem pelo mar, e tomassem todos os que fossem fugindo; o que tudo se fez muito bem feito, e matá-
ram

ram todos os que achâram, e prendêram os principaes, e algumas embarcações passáram á outra parte do rio pera darem na povoação de hum Mouro muito rico, que tinha quarenta Mouros seus criados, e mais de quinhentos Cafres; e hum soldado por nome Balthazar Marrecos, que hia em huma das embarcações, o qual vive hoje em Goa honrado, e abastado, levava comsigo outro na embarcação, o qual sabia muito bem a casa do Mouro por ter ido lá muitas vezes, e tomou por hum esteiro, que hia ter á sua porta, e desembarcando encontrou o Mouro que hia buscar, com mais seis, o qual como não tinha ainda noticia do caso, e o conhecia, lhe perguntou a que hia lá, ao que lhe respondeo que o Governador o mandava chamar por humas novas, que lhe vieram do Mongas, que se fazia prestes pera o ir buscar. O Mouro lhe disse que hia negociar tres mil meticaes de ouro, que o Governador lhe pedíra emprestados pera pagamento dos soldados, e com tudo o soldado apertou com elle pera o levar; e tanto fez que o levou comsigo pera a embarcação; e vindo pelo rio, viram vir hum luzio grande, em que hia hum Capitão com muitos Fidalgos em busca delle. O Mouro em o vendo lançou mão a hum traçado, e o Balthazar Marrecos

com os companheiros levâram das armas, e lhe disseram que não bullisse comsigo, em fim o amarráram, e mettêram na embarcação; e encontrando-se com o luzio, o Capitão que hia nelle lhe pedio o Mouro, que elle lhe não quiz dar, e lhe disse que fosse á povoação, que havia nella muito que fazer, o que elle fez, e foi dar nella, e nas casas do Mouro, que Belchior Marrecos levava, que se chamava Mujugané, e a saqueou, porque o Mouro era rico, e houve soldado de dous, e tres mil cruzados. Balthazar Marrecos entregou o Mouro ao Governador, que o mandou metter em huma prizão, em que já tinha outros; e procedendo contra elles, os sentenceou á morte, que logo se executou, convidando-os primeiro a que se fizessem Christãos, o que elles não aceitáram; e só hum chamado Mafamede Joanne, irmão de Mafamede Xeque Rajáo, hum Mouro muito conhecido em Moçambique, o qual aquelle dia pela manhã mandou chamar os Padres da Companhia, e lhes disse que aquella noite lhe apparecêra a Virgem nossa Senhora Mãi de Deos, e lhe dissera que se fizesse Christão, e se chamasse Lourenço, pelo que em seu coração determinava receber a agua do santo baptismo: e que não cuidassem que aquillo era pera lhe darem a vida, porque

bem ſabia que havia de morrer, que lhes pedia o baptiſmo, o que os Padres fizeram, conſolando-o muito: e logo foi tirado a juſtiçar com todos os mais, que cada dia tiravam de dous em dous, e os mettiam nas bocas das bombardas que os deſpedaçavam pera temor dos mais; ſó o Lourenço, que ſe fez Chriſtão, foi enforcado, e acompanhado com o Santo Crucifixo, e muitos delles foram mortos com outros tormentos exquiſitos, e aſſim padecêram todos; ſó o Manhoeſá, que aconſelhou ao Governador que entupiſſe o poço, porque lhe haviam de deitar peçonha, he que eſcapou, e o Governador lhe diſſe que bem ſe podia ir pera onde quizeſſe; mas elle quiz ficar ſempre em ſua companhia, e o Governador o mandou prover, e tratar muito bem.

Poucos dias depois de o Governador chegar ao forte de S. Marçal, deſpedio hum Portuguez dos antigos mercadores, que andavam naquelles rios, muito conhecido do Manomotapa, pera o ir viſitar, e tratar com elle alguns negocios, ao qual deo por inſtrucção que antes de chegar á Corte mandaſſe recado ao Rey que ſe o havia de receber como Embaixador de ElRey de Portugal, e do ſeu Governador, e ouvillo da maneira que todos os Reys Chriſtãos o recebiam, que iria á ſua Corte, ſenão que

ſe

ſe tornaria. A cauſa, por que o Embaixador fez eſta diligencia, e advertio ao Governador deſte modo, foi, porque tem eſtes Reys por eſtilo, quando entram a lhe fallar alguns eſtrangeiros, ou naturaes com elle, irem deſarmados, deſcalços, e de joelhos, batendo as palmas das mãos, e junto delle ſe lançam de barriga no chão. O Manomotapa lhe mandou dizer, que foſſe a elle, aſſim como entrava a fallar aos Reys Chriſtãos, que era diſſo muito contente, poſto que os Mouros que eſtavam na Corte o perſuadíram que o não ouviſſe, ſenão como era coſtume, porque os Portuguezes eram grandes feiticeiros, e que naquellas ceremonias com que queriam dar a embaixada, havia couſas, e palavras com que o haviam de matar; e com iſto detiveram alguns dias o Manomotapa, que eſteve reſoluto em o não receber, e no fim lhe mandou que entraſſe na Corte, como fez; e no dia em que lhe havia de fallar, mandou o Embaixador por alguns Portuguezes huma cadeira, e huma alcatifa debaixo, que ſe poz defronte do lugar do Manomotapa perto delle, e logo entrou o Embaixador com todos os Portuguezes veſtidos, e calçados, e com ſuas armas. O Manomotapa em elle entrando ſe levantou donde eſtava aſſentado, e o recebeo com gazalhado, e ſe tor-

nou a aſſentar, e o meſmo fez o Embaixador, e pelo interprete o mandou viſitar da parte do Governador, e fazer-lhe grandes cumprimentos; e depois deſtas práticas lhe pedio da parte do Governador que lhe déſſe licença pera ir ſobre o Rey Mongas, que eſtava levantado contra elle Manomotapa, porque á ſua conta o queria caſtigar, e que tambem lhe relevava paſſar ás Minas de Butuá, e Manicás, e o não queria fazer ſem ſua licença: mettiam-ſe as terras deſte Rey entre a noſſa Fortaleza de Sena, e as terras do Manomotapa, e era o mais poderoſo de todos, tirando elle. O Manomotapa lhe mandou reſponder que eſtimava muito aquelle offerecimento, e que folgaria de elle lhe caſtigar aquelle alevantado, e que pera iſſo lhe daria cem mil homens, e tudo o mais que foſſe neceſſario, e que foſſe embora ás Minas que dizia: ao que o Embaixador lhe tornou a mandar dizer que nada havia miſter o Governador pera aquella jornada mais que licença ſua, e certeza de que levava goſto que a fizeſſe, e com iſto ſe deſpedio do Manomotapa, e foi dar reſpoſta ao Governador que eſtimou muito; e como iſto era na entrada do verão, logo ſe fez preſtes pera aquella jornada, e começou a dar ordem a ella.

Fei-

Feito tudo o que lhe pareceo necessario, foi o Governador marchando com todo o seu exercito ao longo do rio até chegar ás terras do Mongas, que era o inimigo que elle hia buscar; e porque tinha por novas que elle tambem o esperava com grosso poder, pareceo-lhe bem, pera ficar mais desembaraçado, deixar em huma Ilha, que alli fazia o rio, todos os doentes, e parte da bagagem que lhe não servia, e tambem se deixáram ficar alguns sãos que de cavalleiros se fizeram doentes, e por Capitão de tudo isto deixou hum Fidalgo chamado Ruy de Mello que estava ferido, e com a gente com que ficou, que eram sinco Companhias, se poz em campo, e a todos lhes disse brevemente que bem viam como estava daquella maneira com tão pouco cabedal pera ir commetter o Mongas Rey poderoso, na qual jornada se lhe offereciam muitos perigos, fomes, e sedes, e incommodidades, mas que tudo lhe facilitava verem todos o gosto, e animo com que todos o queriam acompanhar, e seguir: que elle se desembaraçára dos doentes, e os deixára naquella Ilha por não impedirem os sãos; e porque elle não podia ter noticia das doenças, e indispoσições secretas que alguns podiam ter, lhes pedia que aquelle, que se não achasse muito sufficien-

te

te em forças, e ſaude pera o acompanhar, lho notificaſſe pera o deixar tambem na Ilha, onde lhe não haviam de faltar rebates dos inimigos, e que por aquelle dia ſe declaraſſem, porque ao outro havia de começar a marchar; mas como já os doentes eſtavam agazalhados, lhe reſpondêram todos os que alli eſtavam que elles ſe achavam todos muito sãos pera o ſeguirem em todos os trabalhos. Feita eſta diligencia, ao outro dia á tarde levantou o Governador o campo, e foi marchando até o Sol poſto, que ſe tornou a alojar, e ao outro dia fez pela manhã reſenha da gente que o ſeguia, e achou quinhentos e ſeſſenta ſoldados todos de eſpingarda, em que entravam cem moſqueteiros que levavam ſoldo dobrado, e vinte e tres de cavallo, e deſta gente ordenou ſinco Companhias; e cavalgando em hum fermoſo cavallo, armado de armas ligeiras, ſe poz no meio de todos, e lhes diſſe: » Eia, companheiros » meus, e esforçados cavalleiros, caminhe- » mos, e vamos buſcar os inimigos, que » mais contente, e ſeguro vou com eſtes » poucos tão contentes que com muitos » mais forçados, e contra ſua vontade; » e logo foi marchando pela terra dentro com guias que os levavam por onde houveſſe agua, pelos quaes caminhos foram nove,

ou

ou dez jornadas, achando os mais dos poços entulhados, pelo que passáram naquelles dias grandissimas sedes, e fomes; e foi de feição este trabalho, que chegáram a não comer, de dous a dous dias, mais que alguns pedaços de carne de vaca, de algumas que matavam, a qual assavam em espetos de páo, e ainda dessa muitos guardavam alguma pequena parte pera o outro dia.

No fim de dez jornadas indo caminhando por hum tezo assima, sahíram as gentes do Mongas dar vista aos nossos com tamanho número que se não póde esmar, porque cubriam os montes, e os valles. O Governador ordenou a sua gente, e deo a vanguarda a Vasco Fernandes Homem, que fazia o officio de Mestre de Campo, e o Governador na retaguarda, e a bagagem no corpo da batalha, e algumas peças de campanha. Em os Cafres dando aquella mostra que pareciam gafanhotos em nuvens, ordenou-se o Mestre de Campo pera os receber, e mandou passar palavra ao Governador, que acudío a cavallo, e chegou á vanguarda; e vendo a multidão dos Cafres, foi-se encostando pera huma parte, onde vio huma fermosa serra, onde se abrigou com todo o exercito, fortalecendo as costas nella, porque não podia ser commettido pe-

la

la retaguarda. Os Cafres vendo a ordem, e disposição dos nossos, foram-se retirando, e o Governador lançou-lhes logo alguns de cavallo, pera que fossem reconhecer a parte por onde se recolhiam. Aquella tarde chamou o Governador ao Sargento mór, que se chamava Pedro de Castro, e lhe disse, que de todas as esquadras das Companhias escolhesse de cada huma tres soldados, e que fazendo número de oitenta, estivesse prestes pera tanto que anoitecesse vir chegando pera o corpo da guarda, o que elle fez com muita ordem. Os Cafres tanto que anoiteceo foram-se alojar menos de meia legua, e toda a noite estiveram a tocar os tambores com grande estrondo, que todos se ouvíram no nosso arraial. O Governador no quarto d'alva mandou ao Sargento maior que com os oitenta homens que tinha escolhidos fosse dar hum assalto no arraial dos Cafres; e tanto que elle sahio, cessáram os atabales, e matinadas dos Cafres. O Governador tanto que os não ouvio, mandou com grande pressa recado ao Sargento mór que se recolhesse, porque entendeo que em quanto os Cafres tangiam, repousavam; e que tanto que cessou o estrondo, começavam a partir, e marchar pera virem dar nos nossos, pelo que lançou espias sobre elles que lhe vieram

ram dizer que já ſe vinham chegando, com que o Governador mandou tocar a arma, e ſe ordenou pera os eſperar: e aſſim eſtiveram aponto aguardando até amanhecer, que mandou por alguns de cavallo deſcubrir o campo, em que não víram couſa alguma, e com eſte recado mandou marchar, levando ſempre os de cavallo diante, e foram caminhando por huma campina raſa, pela qual os de cavallo deſcubríram os inimigos, de que deram rebate ao Governador, que ſe poz em ordem de peleijar com elles, fazendo hum eſquadrão de duas Companhias na vanguarda, e outras duas, huma por cada lado, e na retaguarda outra, ficando a bagagem no meio, e na retaguarda mandou levar hum falcão pedreiro, e pelas ilhargas, berços, e meios berços, e na vanguarda tres quartas de eſpera, que lançava pelouro de ferro coado. Os Cafres vinham todos em meia lua chegando-ſe aos noſſos, e traziam diante huma Cafra velha, que tinham por grande feiticeira, a qual perto dos noſſos tirou de hum cabaço, em que trazia huns poucos de pós, os quaes eſpalhou pelo ar, com os quaes tinha feito crer ao Mongas que havia de cegar aos noſſos, e tomarem-nos todos ás mãos; e tão crentes vinham niſto, que traziam muitas cordas pera os amarrarem. O Governa-

dor

dor vendo aquella Cafra velha fazer gatimanhos diante de todos, logo lhe pareceo ser feiticeira, e mandou ao Condestavel que lhe fizesse tiro com o falcão, o que elle fez em tão boa hora que levou a bala a maldita Cafra em pedaços pelo ar, de que os Cafres ficáram como pasmados, porque a tinham por immortal, pelo qual tiro o Governador lançou ao pescoço do Condestavel huma fermosa cadeia de ouro que no seu trazia; mas nem por isso os Cafres deixáram de remetter com os nossos com huma desordem brutal, com grandes gritas, e algazaras, esgrimindo suas espadas, e dardos, a que chamam pomberas. Francisco Barreto fez sinal ao romper, appellidando ao Apostolo Sant-Iago, com o que a nossa arcabuzaria, e mosquetaria começou a disparar, e a derrubar nelles como em gralhas amontoadas; e posto que fizeram alguma resistencia, e feríram alguns dos nossos com suas fréchas, e azagaias, vendo a mortandade que os nossos nelles faziam, voltáram as costas, indo os nossos na sua retaguarda matando, e derrubando nelles á sua vontade até ouvirem a trombeta que os mandava recolher, o que fizeram com muita ordem. O Governador despedio os de cavallo a descubrir o campo; e não vendo cousa alguma, vol-

tá-

táram com recado ao Governador, que logo mandou marchar o exercito pera a Cidade do Mongas que estava perto, e antes de chegarem a ella deram em hum mato muito serrado, o qual mandou o Governador derrubar pelos gastadores que eram muitos, o que se fez com grande brevidade.

Estando o Governador a cavallo encostado em huma lança vendo trabalhar os rossadores, o que sería pelas dez horas do dia, levantando os olhos pera todas as partes, vio hum nevoeiro que lhe pareceo ser pó de muita gente que vinha marchando, pelo que mandou com muita pressa vir pera alli toda a artilheria, e ordenou sua gente, e das arvores cortadas ordenou huma tranqueira com grande brevidade, e não tardou muito que não vissem assomar huma grande quantidade de Cafres estendidos em lua, que vinham cingindo com duas pontas todo o campo; e remettendo aos nossos com grandes gritas, estiveram quasi todos baralhados. O Governador desceo-se do cavallo, como fazia em todas as brigas, pera ser companheiro nos trabalhos aos seus, e mandou que não disparasse a artilheria, e espingardaria, senão quando já os Cafres estivessem perto, como fizeram, estando já quasi todos baralhados (como já disse): e daquella surriada foram tantos os mortos

que

que ficou o campo cuberto delles, e em passando a fumaça sahio a gente de cavallo, e as Companhias; e dando naquella multidão desordenada dos Cafres, os foram desbaratando até voltarem de todo, ficando naquelle lugar da batalha mais de seis mil Cafres mortos, a fóra outros muitos que foram morrendo pelo caminho. O Governador foi marchando pera a Cidade, que já tinha sabido que estava despejada, á qual mandou pôr fogo, em que se consumio por ser tudo madeira, e palha, e depois mandou apagar o fogo, e se agazalhou alli, porque estava toda cercada de mato espesso, e tinha só huma aberta por onde se servia, a qual mandou entupir com arvores grossas, e naquella parte assestou a artilheria pera sua defensão, e alli curáram os feridos, que foram mais de sessenta, dos quaes só dous morrêram. Aqui acháram muita agua de que hiam faltos, pelo que se detiveram sinco dias, e ao sexto em rompendo a manhã, tornáram os Cafres com mais grosso poder a commetter os nossos com muito grande determinação, e entre todos se travou huma perigosa batalha que durou até á huma hora depois do meio dia, em que os nossos fizeram nelles hum grande estrago, ferindo elles alguns dos nossos; e a Vasco Fernandes Homem, que era o Mes-

Meſtre de Campo, que andou ſempre peleijando na dianteira com muito valor, lhe deram huma fréchada pelo hombro direito, que lhe paſſou hum tiracolo do traçado, que trazia atraveſſado, que era de tres dobras de anta, irmã de huma coura que levava veſtida, e lhe paſſou a ſeta a outra parte meio palmo, de que muito tempo não pode bullir o braço, e aſſim com a frécha empenado mandou a ſua ſoldadeſca até os Cafres ſe recolherem pelas duas horas desbaratados; e querendo-ſe os noſſos alojar, e deſcançar, appareceo hum Cafre com huma bandeira branca, e foi muito ſeguro buſcar o noſſo exercito. O Governador mandou hum piſaro a ſaber delle o que queria, o qual mandou dizer que o ſeu Rey pedia pazes, e logo o mandou trazer diante de ſi, e o eſperou em huma cadeira de veludo ſentado, e todas as Companhias em ordenança com ſuas eſpingardas, e murrões nas ſerpes, e a artilheria aſſeſtada diante delle, e os Condeſtaveis com ſeus botafogos nas mãos. Eſtava o Governador com hum jazerão mui forte com ſuas mangas, huma eſpada de prata a tiracolo, e hum pagem junto delle com hum eſcudo de aço muito luzente; e poſto o Cafre diante delle, ficou embaçado ſem poder fallar palavra, nem ſaber reſponder ao que lhe per-

gun-

guntavam, tremendo todo de pés, e mãos. O Governador lhe mandou dar hum bocado de doce, e hum cópo de vinho, com o que tornou alguma cousa em si, e disse que o seu Rey Mongas mandava pedir pazes, e desejava muito de ser seu amigo; ao que o Governador lhe mandou responder que elle hia caminhando, e que dalli a dous, ou tres dias poderia mandar tratar do que queria, e com isto o despedio. Os nossos de cavallo foram nas suas costas descubrir o campo; e vendo que nada apparecia, descançáram aquella noite, e ao outro dia, tanto que amanheceo, levou o exercito, e foram marchando até quasi noite, e se alojou em hum muito bom sitio, em que tinham muita agua, e logo chegáram dous Cafres, e disseram ao Governador que o Mongas lhe mandava pedir licença pera tratar de pazes, e que se tinha necessidade de mantimentos que lhos mandaria. O Governador lhe mandou dizer que as pazes se fariam a seu tempo, e que elle levava mantimentos em abastança. Estando nestas práticas se soltou hum camello, e veio fugindo pera a tenda do Governador, e após elle vinha o que tinha cuidado delle pera lhe lançar hum cabresto, e o camello parou, e começou a roncar, e levantar o pescoço, que era muito comprido,

e

e abrir as ventas. Os Cafres do Mongas, que víram aquella tão grande alimaria, que naquella Cafraria não havia, foi tamanho o seu medo que se foram metter na tenda do Governador, e por baixo das estancias debruçados no chão o estavam vendo com admiração. O Governador se levantou, e foi andando pera o camello até chegar a elle, que o esperou muito domestico, e lhe fez lançar o cabresto; e tornando-se assentar, mandou chamar os Cafres, que vieram como pasmados, e perguntáram á lingua que alimaria era aquella. O Governador lhe mandou dizer que daquelles trazia muitos, e que não comiam outra cousa senão carne de gente, e que aquelle lhe vinha dizer da parte dos outros que de nenhum modo fizesse pazes com o Mongas, porque lhe faltaria o comer, e que todos os Cafres que nas batalhas passadas lhe matáram os nossos, elles os comêram, e que esperavam comer todos os mais. Os Cafres batêram duas, e tres vezes as mãos, que he o seu sinal de grande admiração, e pedíram ao Governador que pedisse áquellas alimarias que não comessem mais gente do Mongas, que elles lhe trariam muitas vacas pera se sustentarem, o que veio do Ceo aos nossos, porque já não tinham com que se sustentar, e mandou dizer aos Cafres que el-

elle rogaria áquellas alimarias que se sustentassem, e contentassem só com vacas; e não comessem mais a gente do Mongas, e com isto os despedio, dizendo-lhes que elle hia pera a Cidade do seu Rey, e que lá se viriam. Os Cafres foram saltando pasmados, e foram contar tudo ao Mongas, que não ficou menos pasmado que elles. O Governador foi marchando com grandes necessidades de provimentos, e só havia algumas vacas de que piedosamente se sustentavam; e vendo-se o Governador em tamanho aperto, por conselho de todos tornou a voltar pera o rio, e em tres dias chegáram (com grandes necessidades) ás terras de hum senhor chamado o Rombo, que senhorea de Lapatá pera o forte de Tete, e alli se alojáram ao longo do rio, onde estiveram nove, ou dez dias passando espantosas fomes; e chegou o aperto a tanto, que se mettêram os nossos pelos matos a buscar algumas hervas que coziam, e esparragadas com sal as comiam. O Governador desejou de mandar recado a Ruy de Mello, que ficou na Ilha com a gente, e bagagem; porém não havia embarcação em que se pudesse ir, e huns Cafres lhe trouxeram huma tão pequena que não cabia nella mais que o negro que remava, e nella escreveo a Ruy de Mello que logo lhe mandasse to-

das as embarcações que houvesse carregadas de mantimentos: o que elle fez logo; e lhe mandou seis embarcações grandes carregadas de mantimentos, milho, e outros legumes, o que tudo foi recebido dos nossos com grandes festas. O Governador naquelle mesmo dia mandou passar da outra parte do rio huma Companhia de soldados, cavallos, camellos, e toda a bagagem, e munições, e artilheria, e por derradeiro se passou toda a gente, e elle no cabo, e da outra parte mandou o Governador marchar o exercito de longo do rio, e ao outro dia se metteo pelo certão até chegarem a huma povoação chamada Hamboá, e por este caminho lhe leváram os Cafres muitas cousas de comer, e em quatro dias chegáram a huma povoação, onde se agazalháram sem sobresaltos, e ao dia seguinte mandou ao Mestre de Campo que fosse destruir duas Cidades levantadas, as quaes elle assolou, e destruio. Tanto que Vasco Fernandes chegou, tratou o Governador de ir em pessoa a Moçambique, porque teve cartas que Antonio Pereira Brandão estava como levantado, e que tratava de o não prover com o que de Goa lhe mandassem, e fez apressar ao Governador a esta jornada huma carta, que certo Fidalgo lhe mostrou, a qual lhe tinha escri-

to o mesmo Antonio Pereira Brandão ; e como o remedio daquella Conquista estava em até virem provimentos de Moçambique, e a perdição em lhe faltarem, como estava certo , se elle não fosse , deixando Vasco Fernandes Homem com todos os seus poderes, elle se embarcou em tres vogues, e algumas Almadias, com algumas pessoas que pera isso elegeo, e o Padre Francisco de Monclaros, e se foi a Luábo embarcar em alguns pangaios que lá estavam, e em poucos dias chegou a Moçambique, e desembarcou em Nossa Senhora do Baluarte, onde se ordenou, e se deteve até lhe despejar Antonio Pereira Brandão a Fortaleza, o qual foi visitar o Governador a Nossa Senhora do Baluarte, e ao outro dia se foi pera a Fortaleza, onde começou a tratar do que lhe convinha.

Dalli a menos de hum mez chegou o navio do contrato da India com os provimentos pera aquella Fortaleza, e nelle vinha embarcado João da Silva, filho bastardo do Governador Francisco Barreto, o qual houve em Baçaim sendo Capitão, pelo qual D. Jorge de Menezes, que depois foi Alferes mór, lhe mandou huns Capitulos infamatorios, que Antonio Pereira Brandão mandou a ElRey, os quaes mandou á India por vias pera se repartirem pelas náos, do

do que D. Jorge teve noticia : e pela razão que tinha com o Governador Francisco Barreto , porque foi casado com huma irmã de seu pai, tanto fez naquelle negocio, que houve todos á mão , e huns lhe mandou, e outros guardou. O Governador abrio os Capitulos, e vio que nelles dizia a ElRey mil infamias, e falsidades contra elle, devendo-lhe Antonio Pereira Brandão mais que todos os homens ; e porque se veja a ingratidão deste homem, o darei a conhecer. Este Fidalgo foi aquelle que em Maluco fez aquellas diabruras , sendo D. Duarte Deça Capitão, como na minha setima Decada no terceiro Capitulo do . . . Livro se contém, pelas quaes cousas ElRey o mandou ir prezo pera o Reyno , e lhe confiscou a fazenda, e se processou contra elle , e sahio degradado pera Africa por toda a vida, que não devia ser muita, pois tinha naquelle tempo oitenta annos de idade; e sabendo elle que Francisco Barreto hia pera a Conquista das Minas, se foi ter com elle , e lhe pedio quizesse haver de ElRey commutação daquelle degredo pera a Conquista, porque desejava de o acompanhar. Francisco Barreto o alcançou de ElRey, e o levou comsigo, e em Moçambique o deixou por Capitão daquella Fortaleza , dizendo-lhe que lha dava pera ti-

rar nella vinte mil cruzados com que caſar huma filha que tinha, e em pago deſtes beneficios lhe urdia huma tamanha traição. O Governador ao outro dia foi ouvir Miſſa á Ermida do Eſpirito Santo, que he defronte da Fortaleza velha, que fica em hum penedo ſobre o mar, pera a qual ſe ſervem por huma ponte, e ao entrar della diſſe a todos os que o acompanhavam que ſe ficaſſem, e levou ſó comſigo a Antonio Pereira Brandão; e entrando na Ermida, fez oração, e ouvio Miſſa, e depois ſe tornou pera fóra, e ſe encoſtou a hum eſteio, e puxou pelo Antonio Pereira. Algumas peſſoas me diſſeram que víram a Franciſco Barreto concertar hum punhal de orelhas que levava na cinta, e diſſe o que quer que foi a Antonio Pereira Brandão, o qual ſe lhe lançou no chão, e o abraçou duas, ou tres vezes pelas pernas. O Governador ſe abaixou todo, e o levantou; e mettendo a mão na algibeira, tirou os ſeus Capitulos que mandava a ElRey; e em elle os vendo, paſmou, e rebentou em lagrimas, lançando-ſe-lhe aos pés, pedindo-lhe miſericordia com tão grandes ſoluços, que os ouvíram os que eſtavam affaſtados. O Governador, que tinha hum coração muito maviofo, e as entranhas cheias de brandura, voltou as coſtas, e foi andan-

do

do pera a Fortaleza com os olhos arrazados em lagrimas, como se elle fora o culpado, e tão affrontado, que parecia vinha de algum grande trabalho, e ao pé da escada se despedio de todos; e chamando o Ouvidor, se encostou a hum esteio da janella, e alli lhe deo conta de tudo o que passava, e lhe mostrou os papeis que Antonio Pereira mandava a ElRey, e lhe disse que naquella tarde mandasse chamar as pessoas que testemunháram na inquirição daquelles Capitulos, o que o Ouvidor fez, e diante do Governador se retractáram, e pedíram perdão, dizendo que Antonio Pereira Brandão, sendo Capitão, os mandára chamar hum e hum, e lhes dava juramento, tendo comsigo hum Escrivão, e mandava escrever o que queria, e por força os fazia assignar; e de tudo isto mandou fazer hum auto, em que todos se assignáram, e o guardou pera sua satisfação, e de Antonio Pereira não tratou mais, porque lhe lembrou que era de oitenta annos, e que tinha filhos.

Sendo tempo do Governador se partir pera Sena, despedio duas navetas carregadas dos provimentos que trouxe da costa de Melinde, e elle depois se partio com todas as embarcações que havia, deixando por Capitão Lourenço Godinho, Feitor, e Al-

Alcaide mór daquella Fortaleza, e em breves dias chegou á barra de Quilinamé, e pelo rio aſſima ſe foi até á Fortaleza de Sena, onde foi muito bem recebido de todos; e eſtando dando ordem a muitas couſas, depois de ſete, ou oito dias de chegada, ſe foi ter com elle o Padre Franciſco de Monclaros, e lhe requereo em público da parte de Deos, e de ElRey que deixaſſe aquella Conquiſta, em que tinha enganado a ElRey, e que da gente que nella era morta, e morreſſe, elle havia de dar a Deos larga conta. O Governador muito apaixonado lhe diſſe que o deixaſſe, e ſe foſſe muito embora; e deitando-ſe logo em huma camilha, voltou o roſto pera a parede, e interrompeo em eſpantoſos ſuſpiros, e ais, e toda a noite paſſou naquellas anſias ſem dormir, nem quietar, e ao outro dia pela manhã mandou chamar ao Padre Eſtevão Lopes, Companheiro do Padre Franciſco, que era ſeu Confeſſor, e ſe confeſſou com elle muito devagar, e veſtio-ſe muito cançado; e encoſtado a huma cana, foi á Ermida, onde ouvio Miſſa, e commungou com grande devoção, e dalli ſe recolheo pera caſa, e ſe recolheo ſem febre, nem frio, nem outro achaque algum, mais que anſias, ſuſpiros, voltas, e inquietações, ſem em todo o dia comer mais que

hum

hum caldo de gallinha; e tanto que anoiteceo, tornou a chamar o Confessor, e com elle foi o Padre Francisco, que estiveram com elle até ás dez horas, e já neste tempo tinha as pernas muito frias dos joelhos pera baixo, e com lhe applicarem muitas toalhas quentes, e esfregações, nada lhe aproveitou, porque era frialdade da morte. Os Padres entendendo que morria, estiveram toda a noite em huma casa de fóra; e sendo pela meia noite, despedio os criados que estavam de joelhos ao redor da cama, porque queria repousar, e virou-se pera a parede, e dalli a quasi huma hora deo hum grande ronco, ao qual todos acudíram, e o Confessor lhe metteo a candeia na mão, mas já estava de todo concluido: os seus o pranteáram bem, porque nelle perdiam seu remedio. Sobre esta morte não ha que fallar, mais que contar o caso como passou, que pudéra dizer muito, mas nem isso lhe ha de dar a vida, nem ha de acabar com os Religiosos que deixem de se metter no governo temporal que elles ignoram, porque o não aprendêram; e he cousa muito differente rezar, dizer Missa, e confessar, de governar armas, e dispôr as cousas da Républica, nem seus Prelados hão de remediar nunca isto, de que por muitas vezes foram advertidos.

Fa-

Falecido Francifco Barreto, foi levado fem pompa a enterrar na Ermida de S. Marçal, onde antes de fer lançado na cova fe abrio huma fuccefsão que trazia em huma boceta fua, e achou-fe nella Vafco Fernandes Homem, que era Meftre de Campo, na qual ElRey mandava que fuccedeffe a Francifco Barreto no mefmo lugar com os mefmos poderes, e titulo, de que logo tomou poffe, e deo a homenagem, e depois fe enterrou feu corpo. A fazenda de que fe lhe fez inventario, foram cento e vinte mil cruzados, que devia ás partes, a quem a tomou pera os gaftos da Conquifta, não lhe ficáram filhos, e deixou por fua herdeira, e de feus ferviços a D. Francifca de Aragão, fua fobrinha, que ainda hoje vive, e foi cafada com D. João de Borja, do qual teve D. Carlos de Borja Conde de Ficalho, Fidalgo de muitas partes. Foi efte Fidalgo Francifco Barreto filho de Ruy Barreto, foi cafado duas vezes, a primeira com huma irmã de D. João de Menezes, Alferes mór do Reyno, a quem chamavam o Tubara, da qual teve dous filhos, Ruy Nunes Barreto, que foi com feu pai á Conquifta, e faleceo na Sena a primeira vez que lá foi; e Luiz da Silva que matáram em Goa em hum defafio em tempo do Vifo-Rey D. Antão de

No-

Noronha: da segunda vez casou, como já disse, com huma irmã de D. Luiz de Ataíde, Conde de Atouguia, de quem não teve filhos. Foi este Fidalgo sempre grande pessoa, e sempre os Reys se servíram delle em cousas grandes, veio á India por Capitão de Baçaim, e depois por Governador da India; e indo pera o Reyno, o fez ElRey General das galés do Reyno, que ainda era quando faleceo, e depois de vir á Conquista destas Minas, a Diogo Lopes de Siqueira, a quem as encarregou em sua ausencia: foi General da Armada que ElRey D. Sebastião fez contra o Pinhão, quando D. Garcia de Toledo o tomou, na qual jornada Francisco Barreto foi com grande apparato, gastos, e serviços, e no commettimento do Pinhão foi dos que mais fizeram, e a quem se deve igual gloria, e a D. Garcia de Toledo, como ElRey D. Filippe o Prudente mostrou bem em huma carta que lhe escreveo, de que logo darei relação. Os criados deste Fidalgo lhe leváram pouco depois a sua ossada, e de seu filho Ruy Nunes Barreto pera Moçambique mettidas em hum caixão com tanto segredo que nunca se soube; e porque acháram as náos de D. Francisco de Sousa de arribada, em que hia o Viso-Rey D. Antonio de Noronha, lha embarcáram logo

pe-

pera o Reyno, e chegando a Lisboa, que se deo o recado a ElRey, sentio muito sua morte, e mandou que se não bulisse em sua ossada sem ordem sua, e logo a deo pera sua desembarcação, mandando a Diogo Lopes de Siqueira, sobrinho de Francisco Barreto, a quem tinha encommendado, e a toda a Corte, que o acompanhassem: e seus parentes lhe ordenáram as pompas funeraes, e os acompanhamentos de todas as Ordens Mendicantes, Cabido da Sé, e Clerisia; e no dia ordenado foi Diogo Lopes de Siqueira com as galés toldadas de negro, e trouxe a ossada até o caes da ribeira, onde a esperava toda aquella fabrica, e a Irmandade da Misericordia, e na tumba foi levado aos hombros de alguns Senhores Cavalleiros da Ordem de Christo, da qual elle era, e com a maior pompa funebre que pode ser o leváram a S. Lourenço, onde tinha seu tumulo junto com sua mulher D. Brites de Ataíde: e por esta carta que lhe escreveo ElRey Filippe Prudente se poderá ver a estimação em que tinha este Fidalgo; porque depois de Francisco Barreto vir da jornada do Pinhão de acompanhar D. Garcia de Toledo, querendo ElRey D. Filippe gratificar-lhe aquelle serviço, mandou-se retratar em huma lamina de ouro com huma argola, e cadeia grossa

sa

ſa com que mandou viſitar a Franciſco Barreto, e lhe mandou a carta ſeguinte.

Cópia da Carta de ElRey Filippe.

EL buen ſucceſſo de la empreſa del Peñon, yo le pongo más a vueſtra fortuna, que a mi potencia, ſiempre le eſperé tal como eſtuve certificado que hiva D. Garcia de Toledo ayudado de vueſtro fabor. El trabajo que en ello tuviſtes, os agradezco mucho, y os quedo por el en mucha obligacion, y no ſupe al preſente con que os lo pueda pagar, y agradecer, ſino embiando-os un retrato de mi perſona, en una cadena, para que con ella me tengais prezo todos los dias de vueſtra vida para lo que de mi os compliere. Madrid.

Tinha eſte retrato, e cadeia quatro mil cruzados de valor, e nunca ſoube que fora deſta peça, que era mais digna de andar por timbre na caſa dos Barretos, que outros muitos que outras caſas tem.

CA-

CAPITULO XXIV.

Do que ſuccedeo ao Governador Vaſco Fernandes Homem depois que tomou poſſe: e como ſe partio pera as Minas de Manichás.

ENtregue o Governador Vaſco Fernandes Homem das couſas daquella Conquiſta, tratou de a proſeguir; mas o Padre Franciſco de Monclaros que lhe não pareceo bem, ou porque ſe queria metter em tudo como ſuperior daquella jornada, perſuadio a Vaſco Fernandes Homem que deſiſtiſſe della, e ſe foſſe pera Moçambique, o que elle fez contra ſua honra, e contra o ſerviço de ElRey, no que lhe ponho maior culpa que ao Padre; e aſſim lho diſſe a elle meſmo, porque me encontrei com elle em Moçambique, e levou comſigo a fabrica, e ſoldadeſca dos rios; e chegando áquella Fortaleza, veio ter a ella em huma galeota da India Franciſco Pinto Pimentel, primo com irmão do Governador Vaſco Fernandes Homem, o qual ſabendo o que era paſſado, e como depois de ſucceder naquella Conquiſta, a deixára, e ſe viera pera aquella Fortaleza, lho eſtranhou, e reprehendeo de fazer aquella mudança ſem ordem de ElRey, porque eſtava obrigado

a

a lhe dar conta da morte de Francisco Barreto, e da sua succesão, pera elle prover como mais fosse seu serviço, e que entre tanto corresse com a Conquista, e fosse ensacar as Minas pera dar razão a ElRey de tudo, lembrando-lhe que havia tão pouco tempo que ElRey mandára cortar a cabeça a D. Jorge de Castro por largar a Fortaleza de Chalé, e que o mesmo faria a elle por largar aquella Conquista, em que tanto cabedal estava mettido, e que fizesse o que pudesse até acabar a vida em serviço do seu Rey, a quem estava tão obrigado pela confiança que delle fizera em succeder a hum tão valeroso, e prudente Governador, cujo lugar havia de substituir, e tratar de o imitar, principalmente na resolução; e que não désse mais ouvidos a Religiosos nas materias de guerra, pois se não creáram nella, nem a versavam, e que lhes dissesse, quando o aconselhassem neste particular, se sería acertado, sendo elles Letrados, perguntarem a elle Governador materias da Sagrada Theologia, pera que lhas decidisse, não estudando elle, nem professando sciencias: que o acertado era cada hum usar do seu officio, e das faculdades que professavam, porque tudo o mais servia de confusão. O Governador Vasco Fernandes Homem entendeo que lhe fallava

go-

como parente, e amigo, e logo se preparou pera se tornar. Neste tempo chegáram as náos do Reyno, de que veio por Capitão mór Ambrosio de Aguiar Coutinho, nas quaes o Padre Francisco de Monclaros, e seu Companheiro se embarcáram pera o Reyno, e o Governador se percebeo dellas de muitas cousas necessarias pera sua jornada, e nellas se foram muitos soldados escondidos dos mais velhos da Conquista, que isto fez a vinda do Governador Vasco Fernandes Homem a Moçambique.

Chegado o verão, embarcou-se o Governador Vasco Fernandes Homem em todos os pangaios que havia, com toda a fabrica pera a Conquista, e quinhentos homens com algumas peças de campo, e todas as mais cousas que lhe eram necessarias, e em poucos dias foi a Çofala, por onde era o verdadeiro caminho pera as Minas que El-Rey mandava descubrir, e não por Cuama, como fizeram ir ao Governador Francisco Barreto, que foi a causa de sua perdição, e morte. Posto o Governador em Çofala, tratou da jornada que havia de fazer pera as Minas de Manicá, que estavam no Reyno de Chicagá, que confina com o do Quiteve pelo certão, e eram grandes inimigos; e porque havia de passar pelas terras de Quiteve, que he grande Senhor, e

e maior que todos os Cafres daquellas partes, tirando o Manomotapa, o mandou diante visitar com alguns presentes, e fazer-lhe a saber que havia de passar por suas terras pera as de Chicagá seu inimigo, que houvesse por bem dar-lhe franca passagem, e que assim ficariam correndo os commercios mais largamente do que antes. O Quiteve não lhe pareceo bem aquella jornada que queria o Governador fazer, e visita que de sua parte se lhe fazia; porque como tinha grandes ciumes do commercio dos Portuguezes, que por via de Çofala lhe levavam as roupas, e contas que pera estes Cafres he o mais rico thesouro que pera nós, o que o Governador hia descubrir, receando que tanto que o Governador descubrisse as Minas, se levasse toda aquella fazenda pera o Reyno de Chicagá, e que ficasse elle perdendo os proveitos que tinha della, não respondeo bem á visita. O Governador como fez aquillo só por cumprimento, deo-lhe pouco do Quiteve mostrar pouco gosto de elle passar por suas terras, e logo se fez prestes pera caminhar na ordem que Francisco Barreto o fez pelas terras do Mongas; e como o Governador Vasco Fernandes Homem tinha sido Mestre de Campo, por sua ordem se fazia, e obrava tudo, e assim foi caminhando com

o

o ſeu exercito bem ordenado ao longo do rio, que entra por toda aquella Cafraria, e corta as terras do Quiteve, levando por elle muitas embarcações com a bagagem; e entrando pelas terras do Quiteve, foi impedido de muita gente, com que lhe mandou dar alguns aſſaltos, nos quaes os noſſos ſe houveram tão cavalleiroſamente, que em todos os desbaratáram com morte de muitos, de que elles faziam pouco caſo; porque como eſtavam em ſuas terras, logo ſe refaziam em dobro; mas quantos mais ſe ajuntavam, mais damno recebiam da artilheria, e arcabuzaria. Vendo o Quiteve que lhe não era poſſivel defender a paſſagem por armas, quillo fazer por outras mais poderoſas, que eram as das fomes, e aſſim mandou eſconder todos os mantimentos, e deſpovoar todas as povoações por onde os noſſos haviam de paſſar, e entulhar os poços de agua, por onde ſe vê que ainda que são Cafres, não são tão barbaros que não uſem deſtes ardís, como o fazem os Reys da Perſia, que são hoje tão politicos, quando os Turcos lhes entram por ſeus Reynos, que com lhes impedirem os mantimentos, e queimarem os campos, os desbaratam ſem golpe de eſpada, como ſe verá pelo diſcurſo das minhas Decadas; mas o Governador Vaſco Fernandes

des Homem não desfaleceo, nem desistio da jornada, mas por todas estas fomes, e sedes foi passando até Simbaoé que era a sua Corte, a qual achou despejada, por elle se ter recolhido com suas mulheres, e filhos a humas terras muito fragosas, e fortes. O Governador como se vio naquella Cidade, lhe mandou pôr o fogo, em que se perdeo pouco; porque supposto que era grande, tudo era palha, e madeira: dalli foi caminhando mais folgado, e em dous dias chegou ás terras de Chicagá, onde estavam as minas, o qual já sabia de sua vinda, e de tudo o que passou pelas terras do Quiteve; e querendo grangear o Governador, o mandou visitar ao caminho com muitas vaccas, mantimentos, e frutas, certificando-lhe estar muito alvoroçado pera o ver em seu Reyno pera o servir, como veria. O Governador Vasco Fernandes Homem lhe respondeo bem, e com bom presente, e ao entrar na sua Cidade o sahio a receber com muitas festas, e todos os dias que alli esteve o tratou com muitas mostras de amizade, e proveo todo o exercito bastantemente de tudo o necessario, e fizeram pazes; e huma das condições, e a principal, foi, que pudessem ir todos os Portuguezes que quizessem a seu Reyno livremente com suas fazendas, e passar ás Minas a resgatar ouro.

Os nossos tanto que se víram naquella terra, de que havia fama que tudo era ouro, cuidáram que logo o achassem pelas ruas, e matos, e que carregassem delle. O Governador partio logo pera as Minas, onde esteve alguns dias; e vendo a difficuldade com que os Cafres o tiravam das entranhas da terra, com tamanho risco que quasi ficavam enterrados cada dia muitos nas Minas que arruinavam por lhes não saberem fazer repairos, e ainda daquella terra que tiravam enchiam della as gamelas, e a hiam lavar aos rios, e cada hum tirava quatro, ou sinco grãos de ouro, tudo pouquidade, e pobreza. Outros pelo tempo do inverno vam pelos pés da serra, por onde descem abaixo as enchurradas da agua, como os rapazes no nosso Portugal buscam alfinetes, e depois que sécca, acham algumas lascas, e grãos. Vendo o Governador aquella pobreza, e que pera senhorear aquellas Minas era necessario grande fabrica, e infinitos negros pera andarem naquelle meneio; porque como se tira pouco ouro pelo modo que o elles buscam: sendo muitos a isso, tirar-se-ha muito; posto que se as Minas vieram a nossas mãos, que se abríram, e profundáram até dar na veia, sempre se tiraria grande quantidade; porque, segundo os que escrevem das Minas,

ás

ás vezes eſtam dous, e mais eſtadios debaixo do chão, e as veias do ouro ſe extendem quaſi quatro, e ſinco, e ſeis; e vendo o Governador que pera enſacar aquelle negocio, era neceſſario muito tempo, e muito vagar, o que elle não tinha, e fazerem-ſe pera abrir a terra grandes fábricas, e máquinas, tratou de ſe tornar, e confirmou novamente as pazes com aquelle Rey, e ſe deſpedio delle, que lhe mandou dar tudo o neceſſario pera a volta a troco de roupas, e tornou a deſandar o caminho; e entrando pelas terras do Quiteve, lhe mandou elle pedir pazes, e dar-lhe por ſuas terras o que lhe foſſe neceſſario, as quaes pazes Vaſco Fernandes Homem lhe concedeo, e ſe vio com elle, que lhe fez muitas honras, e com elle aſſentou que deixaria paſſar pera as Minas de Manicás aos Portuguezes com ſuas fazendas, porque em ſuas terras não havia ouro; e que o Capitão de Çofala ſería obrigado a dar-lhe por iſſo áquelles Reys duzentos pannos, que em noſſa moeda valeráõ duzentos toſtões, poſtos lá por modo de preſente, a que elles chamam *Curves*, e os Perſas *Mocerarios*, e os Reys Mouros de todo o Oriente *Xaguátes*. Concertado iſto, tornou-ſe o Governador pera Sena por mar, e em ſeu lugar ſe dirá o que lhe ſuccedeo.

CAPITULO XXV.

Da grandeza do Reyno do Manomotapa; e de como se dividio.

COmo entre estes Cafres não ha escrituras, em que se possam encommendar á posteridade suas cousas, não ha poder-se saber certeza do princípio deste Reyno do Manomotapa, nem estes barbaros sabem mais que dizerem que tiveram tantos Reys, sem saberem os annos que reináram, nem a origem de seu princípio; mas por conjecturas se alcança que quando a Rainha Sabá quiz ir visitar a ElRey Salamão a Jerusalem, fora buscar o ouro, que levára, a estas Minas, aonde já havia Reys, e presume-se que lhe eram sujeitos: e ainda naquellas partes da feira de Macapár, e Naberturá ha hoje aquelles grandes edificios, que ella mandou fazer pera si, todos de cantaria, a que os Cafres chamam *Simbaoé*, que sam como baluartes fortes, pelo que elles contam sempre que o Manomotapa senhoreou toda aquella Cafraria desde o Cabo das Correntes até o grande rio de . . . . que divide a terra de Mocanga (que assim chamam toda a do Manomotapa da Mosimba); e succedendo naquella parte da Cafraria os Reys huns aos outros por

linha direita até vir a hum que teve quatro filhos, sem saberem dizer quantos annos ha, o qual sendo velho, repartio seus Estados com os filhos pera os governarem, e a hum deo o Reyno de Quiteve, de que até agora fallámos, a outro o Reyno Sedanda, que corre deste Quiteve pera o Cabo das Correntes, a outro o Reyno Chicagá, que he o mais rico de todos, porque nelle estam as Minas de Manicás, e Butuá, e outras que sam aquellas aonde chegou o Governador Vasco Fernandes Homem, e o filho mais velho ficou com elle na Corte. Por morte deste Manomotapa se levantáram os filhos com os Reynos que governavam, e tomáram appellido de Reys delles dos mesmos Reynos que possuiam, como entre nós dizemos Rey de Portugal; Rey de Castella, Rey de França, assim se intituláram Rey de Chicagá, Quiteve, Sedanda, que os seus proprios nomes ninguem lhos soube, e cuido que os não tem, porque os não nomeam, senão pelos sinaes que a natureza lhes poz, como se he torto, manco, dente menos, ou qualquer outro defeito que tiver, e infiro isto de elles não nomearem aos Portuguezes que lá vam por seus nomes, senão pelos sinaes que tem no corpo, ou vestidos. Apossados os filhos do morto dos Reynos que governavam, o

que

que ſuccedeo no Imperio, ficou com maior quinhão que todos tres, porque poſſue duzentas leguas de comprimento, e outras tantas de largura, e o comprimento he deſde aquella famoſa Lagôa, que jaz no meio do Sertão até ſe metter no mar nos rios de Luabo até o de Tenculó, que ſam doze leguas de hum ao outro. Os negros de Butuá, que he do Chicangá, aonde o Governador chegou, por ſem dúvida ſe tem que commerceam com os de Angola, e que todo o ouro que vai daqui pera o Reyno, eſtes Butuás lho levam, porque lhe vam comprar roupas a troco delle, e pera mim tenho que não ſam cem leguas de caminho, porque como aquella terra ſe vai eſtreitando até fenecer no Cabo de Boa Eſperança, aſſim deve ſer; e deixa iſto de ſe ſaber, porque ſomos Portuguezes, que não ſabemos enſacar as couſas, nem ainda das que temos de portas a dentro, como o rio de Surrate, e outros, onde ha cento e tantos annos que commerceamos, ſe bem hoje melhor que nós os Hollandezes, e Inglezes, os quaes a primeira vez que lá foram, deſcubríram logo ſurgidouros entre baixos, e reſtingas, onde eſtam tão ſeguros, como em ſuas caſas, das noſſas Armadas, que lhes não podem fazer damno, os quaes os noſſos que cada dia entravam, e ſa-

ſahiam não ſouberam ſenão agora que os Inglezes no-los moſtráram.; e não me envergonho de dizer iſto, porque todas as nações ſabem já que nós ſomos os barbaros, e elles os politicos, e até eſtes Cafres buçaes nos tem neſſa conta.

CAPITULO XXVI.

Das couſas que neſte tempo ſuccedêram ſobre o cativeiro de D. Henrique de Menezes.

DOm Henrique de Menezes, que eſtava retéudo na Corte do Idalxá com todos os cativos, eſcreveo ao Governador Antonio Moniz que devia tratar de ſeu reſgate, e ſoltura, com mandar hum Embaixador ao Idalxá, que iſſo ſó eſperava; e logo após iſto, que foi em Junho, chegou huma carta do meſmo Idalxá ao Governador ſellada com o ſeu ſello, e chapa, couſa que elle poucas vezes fazia, em que lhe pedia que pera comporem as couſas de entre ambos lhe mandaſſe hum Embaixador pera com elle as tratar, e que faria tudo o que lhe tinha pedido: e vendo elle a neceſſidade em que a Cidade eſtava de mantimentos, e marinheiros pera as Armadas que ſe haviam de fazer, ordenou lo-

go de o mandar, e elegeo pera isso a Manoel de Moraes, por ser pessoa mui conhecida do Idalxá, e rico, o qual partio de Goa depois de chegarem as náos do Reyno, e foi bem acompanhado, e por elle mandou o Governador ao Idalxá algumas peças curiosas. Este homem foi mui bem recebido do Idalxá; e tratando os negocios que levava a cargo, os concluio com muita satisfação, assim daquelle Rey, como do Estado da India, e os apontamentos, e pontos principaes do que assentáram, ao diante se verão: e pera satisfação do Governador soltou logo a Christovão do Couto que lá estava, e o mesmo fez a D. Henrique de Menezes, e aos mais Portuguezes que com elle estavam, que todos se vieram pera Goa.

Passados alguns dias de Setembro, chegáram a Goa as náos do Reyno, de que veio por Capitão mór Ambrosio de Aguiar Coutinho, como no seu titulo se verá: e entre as cousas que ElRey D. Sebastião mandou prover, foi, que se prendesse a D. Jorge de Castro pela entrega da Fortaleza de Chalé, e que na meza da alçada da India com os Desembargadores da Relação fosse sentenceado, e executado publicamente, pelo que o foram prender ao Paço de Pangi, ou da Madre de Deos, onde estava apo-

apoſentado com ſua mulher, não faltando peſſoas que o aviſaſſem, pera que ſe puzeſſe em ſalvo, como pudéra pôr, mettendo-ſe na caſa da Madre de Deos, o não quiz fazer, e ſe deixou eſtar muito ſeguro até o levarem a elle, e a ſua mulher ao tronco de Goa, e logo ſe proceſſou contra elle, dando o Promotor da Juſtiça ſeu libello, e provou-ſe-lhe muito baſtantemente que entregára a Fortaleza ao Çamori, com o qual tivera primeiro muitas intelligencias, e outras culpas, que outros tinham mais que elle, pelas quaes foi ſentenceado que morreſſe morte natural, e foſſe degollado no pelourinho de Goa, a qual ſentença ſe poz logo em execução: e o dia que ſe havia de tirar a juſtiçar, ſe lançáram muitos pregões pelo terreiro do Viſo-Rey, pela rua direita, e pelas mais públicas da Cidade, que nenhum homem Fidalgo ſahiſſe aquella manhã fóra de ſuas caſas, e que toda a mais gente não ſahiſſe fóra de caſa com armas, por evitarem alguns alvoroços: e logo foi tirado o pobre velho de oitenta annos, e ao apartar-ſe de ſua mulher D. Filippa, que com elle eſtava preza, foi hum eſpectaculo eſpantoſo pera todos, e de muitas lagrimas, e laſtimas, e pelas ruas publicas foi levado ao pelourinho; e por ventura que foſſe iſto de al-

alguns Fidalgos que na entrega daquella Fortaleza tivessem mais culpa que elle: juizo secreto de Deos, chegar hum Fidalgo daquella idade, do melhor conselho que houve na India sempre, e que servio toda a vida aos Reys com muita fidelidade, e amor, e que foi Capitão de Maluco, e de Cóchim muitas vezes, e de Chalé quasi toda a vida, no cabo de todos estes merecimentos vir a morrer degollado por culpas que elle não tinha, e de que se podia livrar por inhabilitado já de juizo, caso foi pera encolher muito o juizo dos homens, e não fiar merecimentos, saber, idade, nem em semelhantes cousas a estas, porque em fim sam caducas, e pouco verdadeiras: e toda a minha vida ouvi dizer, e o alcancei por experiencia, que o homem que na India viver muito, não escapará destas duas cousas, ou de pobre, ou deshonrado, o que tudo este pobre velho vio; e a Deos, e aos Reys não se pergunta razão das cousas: e quem havia de perguntar a hum tão bom Rey, como foi D. Sebastião, por que causa mandou este anno degollar este Fidalgo, e o anno seguinte mandar-lhe mercês, e escrever-lhe cartas honradas, e mandar-lhe dar gazalhados pera se ir pera o Reyno com sua mulher? Aqui não ha que discursar, nem que lan-

çar

çar juizos, porque todos feram temerarios; mas não deixarei de dizer isto: Requerendo certo Fidalgo, que se achou naquelle cerco de Chalé, que foi o que mais culpa teve, e o que primeiro assignou na Fortaleza, foi respondido no Reyno que lhe faziam mercê da Fortaleza de Chalé, e por derradeiro vi em poucos annos a elle, e todos despachados com Fortalezas grandes, e ricas. Ora deixemos dispôr a Deos, que sabe o que mais nos convem, e vamos dando conta das cousas mais necessarias.

Ambrosio de Aguiar Capitão mór das náos do Reyno trazia muita fazenda, e não podia desbaratalla, e receava lhe ficasse a maior parte della na India; e como era Fidalgo de grande industria, pedio ao Governador passasse huma Provisão pera se ordenarem em Goa humas sortes, como muitas vezes se fazem na Europa, porque pela novidade do caso haviam muitos de lançar nellas, e assim se ficaria remediando. Concedeo-lha o Governador, ordenaram-se Juizes casados em Goa, deo elle das fazendas que tinha, as quaes se avaliáram pelos preços ordinarios, e cuido que vieram a fazer somma de vinte mil pardaos; e logo se publicáram as sortes por esta maneira. As cousas de seda, grans, raxas, quar-

quartos de vinho, balas de papel, e quartos de azeite, e outras cousas desta qualidade, cada sorte duas tangas, que sam seis vintens: e ha-se entender que as peças de grã, e veludos, setins, e outras desta importancia se partíram pelo meio em duas: as peças de prata, que eram hum serviço, taças douradas, saleiros, garrafas, e outras muitas deste lote, cada huma tres tangas; e como isto deo na gente da India, principalmente entre mulheres, que sam appetitosas, e cubiçosas, acudio tanto dinheiro que bastou pera as cousas que se haviam de sortear, e sobejou pera todos os gastos, e propinas de Juizes, Escrivães, Thesoureiros, e Porteiros, e mais Officiaes, e houve pessoas que lançáram duzentas sortes, e mais, como cada hum podia; e até os negros cativos, se podiam ajuntar pera huma, duas, ou mais, tambem se arriscavam, e até eu lancei meia duzia em nome de huma orfa que creava, e no rol das sortes dei por nome Miraguarda, e foi ella tão ditosa que lhe sahio hum quarto de vinho muito bom: em fim as sortes sahíram, e as fazendas se desbaratáram todas, e os que foram ditosos ganháram bem, e os que perdêram foi pouco, e o alvoroço, e alegria foi tudo.

E porque dos rios do Malavar tinham

sa-

sahido muitos paraos, e outros que ficavam aprestando pera isso, querendo atalhar os damnos que se podiam seguir, despedio em dezoito de Setembro deste anno de setenta e quatro a seu cunhado com João da Costa por Capitão mór do Malavar com duas galés, elle em huma, e Francisco de Mello de Sampayo em outra, e vinte e quatro fustas, cujos Capitães foram: Ruy Pereira de Sampayo, Balthazar Rodrigues de Alvellos, Sebastião Gonsalves seu irmão, Apollinario de Val de Rama, João Cayado de Gamboa, Miguel de Ayalla, D. Diogo da Silveira, Fernão de Albuquerque, Custodio Martins de Vasconcellos, Manoel Furtado de Mendoça, Duarte Pereira de Sampayo, Domingos Ferreira Escorcio, Manoel Rodrigues, Gomes Eannes de Figueiredo, Diogo Brandão de Cananor, Gaspar Tavares de Cananor, Antonio Gomes Malavar, Pedro Soares Malavar, Fernão Moreira, Belchior Diniz, Miguel Telles de Moura, D. Bernardo Coutinho, Francisco da Silva de Menezes, e Manoel de Lacerda.

Partida esta Armada, logo o Governador despedio Fernão Telles por Capitão mór de outra pera a Costa do Norte, a qual constava de outras duas galés, elle em huma, e Pedro Lopes Rebello em outra, e

e dezesete fustas, de que foram por Capitães Mathias Pereira de Sampayo, Antonio Baracho, Lourenço Pires de Sousa, Ruy Gonsalves de Siqueira, Jorge de Barros de Azevedo, Antonio de Mendoça, Affonso de Monroy, Leonel de Brito, João Rodrigues de Vasconcellos, Braz da Silva, Fernão Alvares do Oriente, Pedro da Silveira, que depois foi Capitão de Damão, e ainda he vivo, André Borges de Mesquita, Domingos do Alamo, Alexandre Zuzarte, João Fernandes, e Gaspar Gonsalves, e todos partíram em vinte de Dezembro.

Eis-aqui duas Armadas, que com qualquer dellas se contentava D. Leoniz Pereira, Governador de Malaca, pera ir soccorrer aquellas partes, que estavam nos grandes trabalhos que dissemos, e nem huma, nem outra mais pequena lhe quiz o Governador Antonio Moniz Barreto dar, vendo elle que pelo mesmo caso mandára ElRey havia tão pouco tempo suspender de Governador D. Antonio de Noronha, e entregar-lho a elle: no que se vê quanto póde a cubiça do mandar, que não via este Governador a quanto se arriscava em não cumprir o que ElRey lhe mandava; e se me disser que o Estado não podia tanto, como não vio quanto menos podia no tem-

po

po do Viſo-Rey D. Antonio de Noronha, que tomou a India toda de guerra com todos os Reys Mouros, e Gentios conjurados contra nós? E vendo elle tudo iſto, eſcreveo a ElRey que o Eſtado da India eſtava muito proſpero pera ſe lhe darem dous mil homens com Armada, e artilheria, munições, e mantimentos pera elle; e agora que não eſtava a India de guerra, ſenão muito pacifica, como não pode dar huma tão pequena Armada, como D. Leoniz Pereira lhe pedia? Eu não digo que nem então, nem agora eſtava o Eſtado pera tirar de ſi tamanho cabedal, mas digo que enganáram a ElRey, e no Reyno lhe fizeram crer quem fez a eleição que a India eſtava com poſſibilidade pera tudo, e o meſmo lhe eſcrevêram depois de cá, o que foi cauſa de deshonrarem, e matarem hum Fidalgo tão honrado, e benemerito, como foi D. Antonio de Noronha, hum dos mais puros, e verdadeiros Viſo-Reys que nella houve. Lá eſtam todos aonde Deos terá julgado ſuas tenções; e pelo que tenho viſto, e ouvido neſtes negocios, me magoo como Chriſtão muito de todos elles.

O Governador Antonio Moniz Barreto nunca tratou de aviar a D. Leoniz Pereira, Governador de Malaca; e vendo elle as dilações que lhe faziam, e que o Governa-

dor

zes com o Governador, hum delles chamado Coração com seu Secretario, e o outro por nome Jaerbeque, o qual havia de passar ao Reyno a negociar com ElRey D. Sebastião, os quaes foram muito bem recebidos em Goa, e ambos, pelos poderes que traziam, confirmáram as pazes que estavam feitas com o Viso-Rey D. Antonio de Noronha; e accrescentáram mais que poderiam os Governadores, e Viso-Reys da India mandar tirar de suas terras todo o salitre que quizessem; e huma Provisão, a que elles chamão Formão, chapada em branco com a chapa do Idalxá pera tudo o mais que quizessem assentar com o Governador, pera ratificação destas pazes que novamente se juráram em Goa aos vinte e dous de Janeiro de mil e quinhentos e setenta e cinco, fazendo no cabo huma declaração, se havendo o Idalxá de quebrar, ou fa-[illegible]ra a algum amigo do Estado, o [illegible]neiro a saber ao Viso-Rey, ou Go-[illegible]da India; e que tendo causa jus-[illegible] fazer guerra, que elles o aju-[illegible]udo: e aos vinte e tres do mes-[illegible] embarcou o Jaerbeque Embai-[illegible]o Reyno na náo Santa Barba-[illegible]era Capitão mór Manoel Pinto, [illegible] cousas adiante se tratará. Em [illegible] desta náo foi Manoel Pinto de

 Mes-

Meſquita na caravela Santa Luzia a deſcubrir o Cabo de Boa Eſperança pera fazerem em effeito crer a ElRey que era Ilha, e levou comſigo hum catúr ligeiro, de que foi Capitão Manoel Correa Gato, e aſſim foi Franciſco Rodrigues Mondragão em huma naveta á Ilha de S. Lourenço a deſcubrir os portos pela banda de fóra pera ver ſe achava novas das náos Reys Magos, Capitão mór Duarte de Mello, e a de S. Franciſco, Capitão Franciſco Leitão de Gamboa do anno de mil e quinhentos e ſetenta e dous que ſe perdêram, indo pera o Reyno em Janeiro de ſetenta e tres, como em ſeu lugar, e titulo ſe verá.

Já atrás dei relação do ſucceſſo do Achém, quando veio ſobre Malaca, e como eſtava confederado com a Rainha de Japará pera de conformidade, e mão commua darem naquella Fortaleza, e a levarem nas unhas, pera o que cada hum em ſeus Reynos fez ſuas preparações, e juntou ſuas Armadas, e gentes; e parecendolhe ao Achém que elle ſó baſtava pera aquella empreza pelo groſſo poder que tinha junto, não quiz dar quinhão nella áquella Rainha, e aſſim foi ſó áquelle negocio, e nelle lhe ſuccedeo o que já contei. Agora vendo a Rainha de Japará o máo ſucceſſo que o Achém teve de ſoffrego, entenden-

do

do que lhe poderia ficar a Fortaleza de Malaca, e que lhe sería muito facil ganhal-la pera si, e defendella depois ao Achém, se tornasse com mais poder, lançou sua Armada no mar este Outubro passado de setenta e quatro, a qual constava de trezentas vélas, em que entrava cousa de oitenta juncos grandes do tamanho de nossas náos de até quatrocentas toneladas, e as mais embarcações calaluses, na qual Armada mandou embarcar quinze mil Jáos escolhidos, muitos mantimentos, munições, e artilheria, e petrechos de guerra, e elegeo por General desta empreza a Quilidamão, Regedor principal de seu Reyno, o qual com todo aquelle poder foi surgir sobre a barra de Malaca com tamanhas carrancas de salvas de artilheria, que parecia se queria acabar o mundo. Estava por Capitão da Fortaleza Tristão Vaz da Veiga, por ser falecido pouco tempo havia D. Francisco de Menezes, o qual com o Bispo, Vereadores, e pessoas principaes acudio a prover na defensão daquella Fortaleza, e com muita brevidade despedio embarcação ligeira com recado ao Governador, do estado em que ficava, pera que o soccorresse. A gente toda que pousava fóra da banda de Malaca logo se recolheo á Fortaleza, o que não pode fazer tão de pressa a da banda

 de

de Ilher. Os Jáos tanto que chegáram, logo desembarcáram nesta povoação, e a entráram, e nella fizeram grande damno, ao que acudio D. Antonio de Castro com dez soldados tão apressado, que não teve lugar de tomar armas; e remettendo com os Jáos, que vinham após da gente que se recolhia pera a Fortaleza, travou com elles huma boa batalha, na qual foi morto com alguns dos companheiros, o que foi muito sentido de todos.

O General dos Jáos ao outro dia desembarcou todo o poder, e posto em ordem, se foi chegando pera a Fortaleza, e na parte que lhe pareceo mais accommodada assentou seu campo, e formou suas tranqueiras, e se fortificou ao redor da Cidade muito á sua vontade. O Capitão Tristão Vaz da Veiga formou logo suas estancias, provendo nellas, e nos baluartes o melhor que pode, conforme ao tempo, e a brevidade delle, pondo pelos baluartes, e muros os mesmos que nelles estiveram na occasião passada do Achém no cerco que tão pouco havia tiveram, e por isso os não torno a nomear, ordenando as cousas que lhe parecêram mais necessarias, tão contente, e alegre, que metteo em todos os da Fortaleza grande animo; e porque se começasse a fazer alguma cousa, que désse confiança a

to-

todos, e deſanimaſſe aos inimigos, ordenou ao Licenciado Martim Ferreira, Veador da fazenda, que com cento e ſincoenta ſoldados foſſe dar em huma tranqueira, que os inimigos tinham fabricado a trinta paſſos do baluarte S. Domingos, dando a dianteira a Diogo Lopes da Cunha o ſoldado, que o era muito bom, e em huma madrugada ſahíram todos da Fortaleza, ficando o Capitão á porta della; e com hum animo mui determinado commettêram as tranqueiras, as quaes logo cavalgou o Diogo Lopes com os da ſua companhia, e dentro tiveram huma razoada batalha com os inimigos, e lhes matáram ſetenta, e deitáram todos os mais fóra, ficando a tranqueira por noſſa, a qual ſe deſmanchou, e desfez logo, e ſe recolhêram ſete berços que nella eſtavam, com que ſe recolhêram, moſtrando-ſe neſte negocio o Martim Ferreira, que ſabia uſar tão bem das armas, como das letras. Eſta vitoria quebrantou muito aos Jáos, e afferrorou tanto aos noſſos, que deſejavam ir dar nas outras tranqueiras que eſtavam mais affaſtadas, o que Triſtão Vaz da Veiga de nenhum modo quiz conſentir, porque havia miſter muitos homens.

Os Jáos vendo eſte deſaſtre, quizeram pôr cobro na ſua Armada, em que tinham

to-

todo o ſeu remedio, e todo o ſeu armazem de mantimentos, e munições, e pera a ſegurarem a mandáram recolher no rio dos Malaios, meia legua da noſſa Fortaleza, com tão pouco reſguardo, que pelas vigias, e intelligencia que Triſtão Vaz da Veiga trazia ſobre tudo, foi aviſado do caſo, e determinou de mandar dar nella, e fazer hum muito honrado feito; e aſſim ordenou logo huma galé de D. Antonio de Caſtro, que havia pouco matáram, e com ella quatro fuſtas, e alguns bantins, e manchuas, e commetteo eſte negocio a João Pereira de Sampayo, o qual ſahio huma madrugada pera fóra, e em breve eſpaço foi ter áquelle rio, o qual entrou, e commetteo a Armada que eſtava com o deſcuido que já diſſe; e dando-lhe fogo, queimou mais de trinta juncos, e outros navios menores: das mais embarcações ſe provêram os noſſos de mantimentos, e munições, de que carregáram á vontade, e foram deſembarcar á Fortaleza, onde foram recebidos com as maiores demonſtrações de alegrias que podia ſer, porque não ſó feſtejáram o bom ſucceſſo, mas o remedio de todos, que conſiſtia nos mantimentos que traziam, porque eſtavam já quaſi na extrema neceſſidade, e com aquillo ſe remediáram alguma couſa. Os inimigos com eſta perda deſconfiáram da

da jornada , e logo tratáram de pedirem pazes , ou de se irem pera as suas terras ; mas primeiro quizeram fazer algumas demonstrações de guerra ; e porque lhe não acabassem de mandar queimar a Armada, mandáram cerrar a barra do nosso rio, por onde os nossos haviam de sahir, com grandes grades de madeira : atravessáram humas estacadas de mastos , e ao longo dellas levantáram alguns castellos de madeira sobre alguns navios tão altos que pudessem chegar a igualar ao baluarte Sant-Iago, pera por elle poderem entrar na Fortaleza. Vendo Tristão Vaz da Veiga aquella fábrica , e que vedar-lhe a serventia daquelle rio era pollos em extrema necessidade, porque por elle abaixo lhe vinham muitas cousas pera sustentação da gente, ordenou de lhes mandar desfazer os castellos, e estacadas, o que encarregou a João Pereira, que com alguns batéis pavezados , manchuas, e balões com que deo huma madrugada naquellas máquinas , e com muito valor , e trabalho de todos queimáram tudo , e o desfizeram em pó, e cinza com muitos Jáos que acudíram á defensão delles.

Mettêram estas boas venturas de João Pereira tanta inveja a todos, que pedio Fernão Peres de Andrade licença ao Capitão pera ir dar em outra tranqueira, que os Jáos ti-

tinham defronte do baluarte Madre de Deos, a qual lhe elle concedeo, e quiz achar-se com elle neste feito Bernardim da Silva; e ajuntando parentes, e amigos, e soldados, deram no quarto d'alva na tranqueira; e posto que achãram grande defensão, e sobre ella tiveram trabalho, no fim da referta foi entrada a fio de espada, e mortos os que nella estavam, e ella toda abrazada, e destas hospedagens tinham os Jáos de quando em quando algumas que lhes não sabiam bem.

Vendo os Jáos desimpedido o rio, porque era a maior guerra que podiam fazer aos nossos o impedir-lhes os mantimentos que por elle abaixo entravam na Fortaleza, tornáram a insistir nisso, e o cruzáram de novo com grossas traves, e com tranqueiras guarnecidas de artilheria, e soldados pera sua defensão; porque a sua tenção era que os nossos chegassem a tanta necessidade, e aperto de fomes, que se lhes entregassem, por se não arriscarem nos assaltos, e commettimentos, porque sabiam que haviam de ficar escalavrados: o que visto pelo Capitão, tornou a encommendar aquelle negócio a João Pereira, que nos batéis, e mais embarcações pequenas commetteo a tranqueira cavalleirosamente; mas achou-a tão forte, e os Jáos tão determinados, que

lhe

lhe foi neceſſario retirar-ſe com dous mortos, e alguns feridos, e hum delles foi Manoel Ferreira, Capitão de hum dos batéis, o qual recebeo tres perigoſas fréchadas. O Capitão ſentio muito o ſucceſſo; porque ſe os Jáos ſuſtentavam aquella tranqueira, ficavam elles ſujeitos a grandes neceſſidades, pelo que lhe foi forçado tornar a commetter aquelle negocio, que encarregou a Fernão Peres de Andrade, mas não naquella fórma em que o fez João Pereira, mas lhe ordenou que ſe metteſſe dentro no rio com huma naveta muito artilhada com arrombadas feitas, e os batéis com ſuas mantas, e outras embarcações, o que Fernão Peres fez, e ao entrar do rio houve de parte a parte hum fermoſo jogo de bombardadas que durou muito eſpaço, e no fim delle foi entrada a tranqueira pelos noſſos, e desfeita ella, e as eſtacadas com morte de muitos Jáos; e poſto que o negocio foi tão arriſcado, não ſe perdêram dos noſſos mais que quatro ſoldados, o que foi milagre grande pelo muito baralhado que andáram todos com os Jáos, e pouco reſguardo aos pelouros. João Pereira ſe deixou ficar com toda a Armada no rio, com que lhes fechou a elles a porta pera lhes não entrarem provimentos, de que já eſtavam tão faltos, que mais ſe podiam chamar cerca-
dos

dos que cercadores, porque a Armada os tinha prezos, e encerrados nos matos por eſtarem eſcandalizados das noſſas ſahidas; e ſe Triſtão Vaz da Veiga tivera trezentos homens sãos, ſem dúvida os desbaratára de todo; e a tal eſtado chegáram os Jáos, que o ſeu General conſultou com o ſeu Dato, que he entre elles, como entre nós, hum Prelado, que mandaſſe apalpar o Capitão com pazes, e que contentando-ſe com partidos honeſtos, ſe fariam; o que o Dato fez por Interpretes muito diligentes, e propoz o negocio, não como quem eſtava em muita neceſſidade, ſenão como quem queria amizade com os noſſos. Depois de ouvido, lhe mandou reſponder Triſtão Vaz que acceitaria a paz com eſtas condições, que lhe deſſem todos os cativos, que eſtiveſſem em ſeu poder, e as armas, e hum galeão que tomáram aos noſſos em hum de ſeus portos com toda a ſua artilheria; que não navegariam nunca de Malaca pera o Achém ſem cartaz do Capitão, e que dentro em tres dias ſe embarcariam, e ſe iriam direitos pera a Jaoa pelo Eſtreito de Sabão, não tomando até lá terra alguma, e que pera cumprimento deſtas condições havia de deixar refens á vontade do Capitão; iſto ſe lhe metteo por condição, porque o Capitão preſumio que elles ſe queriam ir refor-

mar

mar a alguma parte pera tornarem ſobre aquella Fortaleza com o Achém, de quem havia novas que ſe fazia preſtes pera tornar a ella. Parecêram eſtas condições mui pezadas aos Jáos, pelo que não quizeram mais tratar de pazes, deliberando-ſe a eſperar pelo Achém; mas bem entendêram os noſſos que nunca eſtes dous tyrannos ſe fiariam hum do outro, e por iſſo andáram pairando: o General dos Jáos entendia iſto muito bem do Achém, o qual eſperava tambem que elles foſſem desbaratados pera poder dar nelles, e acaballos de todo, e quando não, que a Fortaleza não poderia ficar em eſtado que lhe pudeſſe eſcapar, indo elle ſobre ella com aquella potencia, que tinha junto de refreſco, porque bem ſabia a pouca gente que tinha, e a maior parte deſſa doente, e que não havia provimentos, nem donde lhe virem; pelo que eſtava tão confiado de a tomar ſem golpe de eſpada, que ſe fazia já ſenhor della, o que tambem ſentia muito o Rey de Viantaná, porque ſe tinha por Rey de todo aquelle Reyno; e ſe aquella Cidade vieſſe a poder do Achém, logo todo o Reyno ſería ſeu, e eſtranhamente lhe pezava do eſtado em que via as couſas; mas como ladrão de caſa, ſe mandou offerecer ao Achém pera o ajudar naquella guerra, ſobre que

hou-

houve cartas de parte a parte, nas quaes jogáram ſuas lanças falſas hum contra o outro; porque o de Viantaná á conta de o ajudar tinha a ſua Armada preſtes, e muito bem provída de gente, pera que ſe viſſe que ao Achém lhe ſuccedia mal no cerco, dar ſobre elle, e desbaratallo: o Achém com o meſmo penſamento dava voltas na cama, diſcurſando que ſe acaſo ſe fazia ſenhor daquella Fortaleza, logo ſenhorearia todo o Reyno Malayo; e algumas peſſoas, que eſcrevêram eſte cerco, ſe enganáram em cuidarem que aquellas couſas ſe tratavam ſem engano, ſendo certo aos que o entendiam bem que tudo eram invenções, e eſtratagemas, porque cada hum delles deſejava de conſumir ao outro, e o de Viantaná ainda mais pelo que receava.

Todavia eſtavam os Jáos em eſtado, que tornou o ſeu Dato a eſcrever ao Capitão cartas mais brandas, em que lhe dizia que elle tinha trabalhado muito pera abrandar aos Jáos, e que faria delles o que quizeſſe, primeiro que o Achém chegaſſe, porque ficava com huma poderoſa Armada pera vir em favor da Rainha de Japará, como ſe via por huma carta que eſcreveo ao Rey de Viantaná, a qual carta mandou tambem ao Capitão, e todos conhecêram o ſêllo do Achém, o qual dava nella deſculpas ao

Rey

Rey de Viantaná de não esperar pela Armada da Rainha da outra vez que fora sôbre Malaca; como entre elles estava concertado, porque cuidára (por hum certo respeito) que elle só bastava pera tomar aquella Fortaleza, com que ficaria escusando as despezas, e trabalhos que a Rainha havia de ter, e passar naquella jornada: que elle estava prestes com huma grossa Armada pera tornar a voltar sobre aquella Fortaleza, e que em apparecendo a Lua nova logo se partia. O Capitão Tristão Vaz da Veiga folgou muito com o Dato segundar no negocio das pazes, ou que fosse fingido aquelle negocio, ou verdadeiro, porque em quanto durasse o trato dellas, se poderia prover de mantimentos em huns seis juncos delles que a Rainha mandava aos seus, os quaes vindo os dias passados demandar o rio de Malaca, vendo dentro a nossa Armada, em que andava João Pereira, tornáram a voltar pera o rio de Jór; do que logo o Capitão foi avisado; e sem dar conta a pessoa alguma, mandou chamar a João Pereira, e com elle praticou em segredo, e lhe deo hum regimento do que havia de fazer, no qual lhe mandava que de noite (porque os nossos o não achassem menos, porque logo descorçoariam) se fosse ao rio de Micar, e que logo commet-

tes-

tesse aquelles junços, e que trabalhasse pelos render a fio de espada, sem entrar alli fogo, por se não queimarem os mantimentos, e munições, porque delles se havia de remediar aquella Fortaleza, dando-lhe Deos o bom successo que elle esperava.

Tanto que anoiteceo, sahio-se João Pereira fóra do rio com a galé, e quatro fustas, e entrou Micar, e logo investio os seis juncos que estavam descuidados, e os rendeo, e de madrugada os levou á Fortaleza, e os mantimentos, e munições se desembarcáram presente o Capitão, sem que elle consentisse que pessoa alguma tomasse huma medida de arroz, e aos soldados que se achāram naquelle feito, largou as drogas, em que se eváram por seu trabalho. Recolheo-se tudo em armazens, de que o Capitão trazia a chave, e os foi repartindo conforme a necessidade do tempo, o que alentou muito a todos os animos, que já traziam muito derrubados; e porque nem com isto deixavam de correr recados de pazes, e elles se queixavam do damno que recebiam da nossa Armada, e não estavam em menos necessidades que os nossos, mandou o Capitão a João Pereira que se recolhesse, porque lhe pareceo que vendo-o os Jáos junto da Fortaleza quizessem ir-se pera suas terras, o que elle desejava que fosse,

ſe, antes que o Achém chegaſſe com o ſeu poder.

Tanto que os Jáos víram a noſſa Armada recolhida, e que cada dia podiam chegar os Achéns, e que vendo-os tão desbaratados, os poderiam acabar de deſtruir, ſem tomarem conclusão nas pazes que tratavam, huma noite em ſegredo levantáram o campo, e ſe embarcáram, porque tinham mandado vir a ſua Armada. O Capitão que ſentio o caſo, mandou a João Pereira que ſahiſſe após elles logo, porque hiam desordenados, e viſſe ſe podia fazer algum bom feito, o que João Pereira fez, e ainda lhe tomou alguns juncos, e outros navios, em que matou muita gente de modo, que além dos navios que perdêram, lhes ficáram enterrados por eſſes campos ao redor de ſete mil peſſoas, que morrêram a ferro, e a fogo, e de doença, a fóra os que hiam cada dia lançando ao mar, porque ſe embarcáram os mais delles combalidos, e inficionados da corrupção dos ares, por ſer o lugar em que eſtavam apaulado, e peſtifero, e as immundicies de tanta gente o fizeram mais peſtilencial, de maneira que chegáram á ſua terra com duas partes da gente menos. Durou o cerco tres mezes, não ficando os noſſos com menos damno, ainda que alcançáram delles tantas vitorias,

por-

porque dos naturaes morrêram muitos de fome, e doenças, e a gente que ficou estava tão debilitada que era grande lastima vella, deixando-lhe os Jáos tudo o que havia por fóra tão destruido, assolado, e abrazado, que em muitos annos se não pudéram os moradores aproveitar da cultura de seus campos, e de suas hortas que tinham com arvoredos de frutos.

E posto que os nossos ficáram deste successo com huma tão grande vitoria, foi em tal estado, que se não podiam menear de fracos, nem tinham donde se proverem de mantimentos, e munições, de que estavam muito faltos, tendo por certeza que o Achém não tardaria muitos dias que lhe não viesse dar outro repelão áquella miseravel Fortaleza, pera o que o Capitão Tristão Vaz da Veiga se fez prestes, e reformou os muros, baluartes, e estancias, e poz no mar toda a Armada que havia, a qual encarregou a João Pereira que andava na galé, e Bernardim da Silveira em huma caravella, e Fernão de Palhaes em huma náo, nas quaes embarcações andavam cento e vinte soldados, e pera segurança della forneceo os baluartes de sobre o mar de boa artilheria, e na Sacristia de nossa Senhora do Monte mandou prantar outras peças pera assim segurar o mar, por onde lhe haviam de

de entrar os provimentos, e onde se havia de ir pescar pera sua sustentação, porque carnes não as havia, legumes, e hortaliça tudo os Jáos deixáram secco, e esteriles os campos, e todos estavam com as esperanças postas em algumas náos de mantimentos que o Capitão tinha mandado a Bengala, e Pegú, sobre as quaes tinham grandissimas vigias.

Nestes transes estavam os nossos, quando no primeiro dia de Fevereiro deste anno de setenta e sinco appareceo pelo mar a Armada do Achém, que o cubria todo, o qual tendo por novas que os Jáos eram recolhidos, e desbaratados, e que a nossa Fortaleza o ficava pouco menos, e falta de tudo o necessario, vendo que lhe não podia escapar, logo deo á véla, e appareceo sobre ella com tamanhas carrancas, fainas, e salvas de artilheria, que pudéram espantar qualquer Cidade mais forte, e melhor provída de tudo, o que não fez aos nossos naquella pobre, mal cercada, e peior provída, porque logo tomáram seus lugares pelos muros, e baluartes com tanta confiança, e ufania, como se estiveram muito folgados, e inteiros. O Achém logo ao segundo de Fevereiro mandou commetter a nossa Armada, que estava entre a Ilha, e a terra, que era o surgidouro das náos, descar-

negando sobre ella grandes coriscadas de artilheria, cujas fumaças tolhêram os ares de feição, que parecia se armava huma grande tempestade, e tormenta. João Pereira com os mais Capitães se puzeram em defensão com grande animo, e valor, e tambem servíram a Armada inimiga muito bem com sua artilheria: a galé foi passada de parte a parte com hum furioso pelouro de ferro, a que acudíram os officiaes, e o remediáram o melhor que pudéram; mas nem ás cutilladas o pode João Pereira fazer aos seus soldados, que de medo daquella tormenta se quizeram acolher; e não tiveram menos trabalho os outros Capitães com os seus, porque víram todos o grande damno que a artilheria lhes fazia, porque na Armada lhes tinha já mortos setenta e sinco companheiros; e todavia os Achéns apertáram tanto com a nossa Armada que a destroçáram de todo, matando os seus Capitães cada hum na praça do seu navio, peleijando valerosamente: não escapáram de todos mais que sinco, que se acolhêram a nado, e cativos ficáram quarenta: os Achéns mettêram os navios no fundo, que alli he vasa pera lhe tirarem de dentro a artilheria, o que lhe defendeo muito bem a Fortaleza, e a do Monte fez na Armada inimiga grande damno.

Es-

Esta perda da Armada, que era todo o remedio daquella Fortaleza, foi sentida, e chorada com lagrimas de sangue de todos em geral; e o que mais de tudo sentiam, era a usania, e coragem que ficou daquelle desestrado feito aos inimigos; mas Tristão Vaz da Veiga, que era Fidalgo de grande animo, acudio a remediar as desconfianças de todos, affirmando-lhes com rosto muito alegre que Deos nosso Senhor lhe havia de dar grandes vitorias daquelles inimigos, que com a gente que lhe ficára se havia de defender delles, e de outros, se viessem, que não entrassem nelles desconfianças, porque só por essa razão os castigaria Deos nosso Senhor, que os não havia de desamparar, que nelle principalmente, e no valor de seus braços esperassem a defensão daquella Fortaleza, porque se elles não faltassem, Deos o não havia de fazer da sua parte, por honra de seu Santissimo nome, e de sua Lei sagrada. E assim logo dos cento e sincoenta homens que lhe ficáram na Fortaleza, e dos Quelís naturaes da terra, proveo os baluartes, e estancias o melhor que pode: e quiz nosso Senhor que havia pouco tempo se tinham ido algumas náos da China, e de outras partes pera a India cheias de fazendas, nas quaes se foram escondidos muitos soldados sem

o Capitão o poder remediar, que se acertáram de estar ainda naquelle porto, sem dúvida o Achém se fizera senhor della, e de todas suas riquezas, com que ficára muito prospero: e além desta mercê que Deos lhe fez em se terem ido por causa das muitas fazendas que livráram das suas mãos, foi tambem grande o levarem mais de mil Mouros marinheiros dellas, que vendo faltar-lhe tudo, estava certo passarem-se aos inimigos, e peleijarem tambem contra nós; e nestas náos escrevêram tambem o Capitão, Bispo, e Vereadores os trabalhos em que ficavam, reportando-se aos homens que nellas hiam, que como testemunhas de vista poderiam dar melhor relação de suas miserias.

Os Achéns, depois da perdição da nossa Armada, desembarcáram toda a sua gente, e artilheria em terra, e ordenáram seus vallos, fortes, e tranqueiras á sua vontade, donde começáram a bater a Fortaleza. Tristão Vaz da Veiga, que estava muito falto de munições, não quiz dispendellas em bater os vallos dos inimigos, porque guardava essa pouca polvora que havia pera huma extrema necessidade, o que metteo aos inimigos em grande confusão; porque quando víram que os nossos estavam calados, suspeitáram que era aquillo algum ardil de

guer-

guerra pera depois arrebentarem com todo o furor, como os Portuguezes costumavam fazer; mas a verdade he que Deos nosso Senhor foi o Author daquella suspeita que os Achéns tomáram, e que lhes moveo os peitos pera desapressarem aquella Fortaleza, que estava mui arriscada pela falta de tudo; porque havendo dezesete dias que tinham desembarcado, supitamente sem mais occasião que a que dissemos, se embarcáram, e se foram pera o Achém, contentando-se da vitoria que houveram da nossa Armada, com que os nossos deram muitas graças a Deos nosso Senhor, porque estavam em extrema desconfiança, e temiam sua perdição; mas o Ceo acudio com seus costumados soccorros, e mercês, o que sempre faz, quando menos os homens o esperam. Esta supita fugida deste poderoso barbaro, sem ver contra si pelouros de basiliscos, nem de canhões, podemos attribuir a Deos nosso Senhor, que por milagre evidentissimo livrou aquella Fortaleza, e destes obra sua Omnipotencia muitos cada dia, sem que os nós entendamos. Os da Fortaleza vendo-se de supito desapressados, tornáram a cobrar alento, e não tardáram muito as náos de Bengala, e Pegú, por quem Tristão Vaz da Veiga esperava, as quaes trouxeram tantos mantimentos que ficou a
ter-

terra farta, e a Fortaleza provída pera muitos dias.

CAPITULO XXVIII.

Das cousas que succedêram neste tempo na India.

PAreceo bem ao Grão Mogôr, já que era Senhor dos Reynos de Cambaya tão vizinhos do Estado da India, mandar hum Embaixador ao Governador, assim ao visitar, e a tratar alguns pontos das pazes, como em confirmar as que estavam feitas, e mandar trazer algumas curiosidades, e sedas do Reyno, e assim o despedio logo muito bem acompanhado, e o Governador o recebeo em sala grande com todos os Fidalgos, e Cidadãos principaes muito lustrosos, e em hum estrado alto o recebeo em pé encostado a hum braço da cadeira, onde tiveram as praticas ordinarias de lhe perguntar pela saude de ElRey, e da Rainha, e de seus filhos, e delle Embaixador, e por sua jornada, e o Embaixador lhe appresentou da parte do Mogor duas cabaias muito ricas de brocado, e huma gorra de veludo guarnecida de ouro ao nosso modo, porque se affeiçoou muito ao trajo dos Portuguezes, pelo que vio trazer aos nossos

que

que estavam em Cambaya, quando elle senhoreou aquelle Reyno, como em seu lugar fica dito; e assim logo mandou cortar muitos vestidos, e botas, e se vestio, e calçou ao nosso modo, e se mostrava muito contente, e loução a todos; e tanto se alegrava com os nossos trajos, que nas lembranças que este Embaixador trazia, lhe encommendava muitos vestidos destes, espadas, talabartes, e tudo o mais necessario pera os vestidos. Este Embaixador era homem muito grave, e muito lido em suas historias, porque o visitei algumas vezes, e o achei muito lido, e visto nellas, e de algumas me deo muito boas informações. Passado este recebimento, tornou depois o Embaixador a tratar os negocios que trazia a cargo, e o Governador lhe disse que fizesse seus apontamentos, e os désse ao Secretario pera os ver em Conselho, e lhe responder a elles, o que elle fez, e o Secretario os appresentou em hum Conselho público que pera isso apontou, os quaes se lêram presentes todos, que eram quatro, e nelles se continha o seguinte.

» Dous cartazes pera o anno seguinte
» de mil e quinhentos e setenta e seis partirem
» duas náos suas de Góga pera Méca,
» e tornarem ao dito porto de Góga,
» sem serem constrangidas a irem á Forta-
» le-

» leza de Dio, nem a outra alguma Forta-
» leza de ElRey de Portugal.
» Huma Provisão, por que mande ao
» Capitão de Damão que lhe não impida
» levar madeira daquellas terras, e de Bal-
» sar pera se fazerem as ditas duas náos,
» e que possa tirar embate, que he arroz
» com casca, daquella Fortaleza, e da de
» Baçaim, e Chaul pera as terras de Cam-
» baya, o que seus Capitães virem que he
» necessario.
» Que se confirmem as pazes que esta-
» vam assentadas pelo Viso-Rey D. Anto-
» nio; e que pera demonstração de mais
» amizade, e amor lhe mandasse o Gover-
» nador hum Embaixador, pera que seja pú-
» blico, e notorio a todos estarem já as
» pazes entre elles feitas, e celebradas.
» Que o Grão Mogor offerecia por el-
» le Embaixador tudo o que fosse necessa-
» rio de seus Reynos pera bem do Estado,
» e de seus moradores: e que haja tambem
» o Governador por bem, que o mesmo se
» lhe faça das terras, e Fortalezas da In-
» dia; e debatido tudo no Conselho, assen-
» táram que pera quietação das terras de
» Damão importava terem pazes com o
» Mogor, pois havia tão pouco víram o
» risco em que esteve aquella Fortaleza,
» quando lá acudio o Viso-Rey D. Antonio
» de

» de Noronha, a quem ſe devia Damão,
» porque ſe elle lá não fora, não era poſ-
» ſivel livrar-ſe da potencia daquelle bar-
» baro, e que a eſſa conta ſe lhe havia de
» conceder o que pedia, porque ſe os car-
» tazes foſſem em muito perjuizo da Al-
» fandega de Dio, o que niſſo podia fal-
» tar, ſe cobrava com a amizade do Mo-
» gor; porque muito mais ſe havia de gaſ-
» tar nos ſoccorros daquella Fortaleza. E
» que quanto ao Embaixador, pedia ſe lhe
» mandaſſe depois que eſtiveſſe nas ſuas ter-
» ras de aſſento, e que por elle lhe reſpon-
» deſſem ás pazes de que tratava; e que o
» Governador lhe mandaſſe por elle o pre-
» ſente que lhe pareceſſe bem. »

Aſſentado iſto, deſpedio o Governador o Embaixador do Mogor mui ſatisfeito; e porque vieram novas que elle era já partido pera o ſeu Reyno, e que deixava hum Governador no de Cambaya, mandou a Chriſtovão do Couto, Lingua do Eſtado, em companhia do Embaixador do Mogor, a viſitallo, como vizinho que ficava tão perto de Goa, em Abril deſte anno de mil e quinhentos e ſetenta e ſinco.

CA-

CAPITULO XXIX.

Chegão novas ao Governador dos trabalhos em que ficava Malaca: das prevenções que fez, e soccorro que lhe mandou.

EM Fevereiro deste anno de mil e quinhentos e setenta e sinco chegáram ao Governador cartas de Tristão Vaz da Veiga, Capitão de Malaca, do Bispo, e Vereadores, em que lhe davam conta do miseravel estado em que ficavam, e de como o Achém viera sobre aquella Cidade com huma potente Armada, e o que lhe succedêra, e de como cada dia esperavam por outra mais poderosa, que a Rainha de Japará estava preparando pera mandar sobre aquella Fortaleza, e que sem dúvida tornaria o Achém a vir ajudalla; e que segundo a falta que de tudo havia na Fortaleza, correria muito risco, e que fizessem conta que perdendo-se (o que Deos não permittiria) se perdia todo o Sul, e ainda toda a India, que daquellas partes se sustentava. Estas novas sentio o Governador muito; porque se lhe succedesse algum desastre naquella Fortaleza, se lhe accrescentava a culpa de não aviar o Governador de Malaca, como ElRey lhe mandava; e como elle queria que o Viso-Rey D. Antonio de

No-

Noronha o aviasse a elle, e sobre o que faria, teve muitos Conselhos, nos quaes se assentou que se soccorresse Malaca, como ElRey mandava, com muita pressa, e com huma boa Armada, e logo despedio o Governador cartas dobradas pera as povoações de Negapatão, e S. Thomé, em que pedia áquelles moradores que soccorressem aquella Fortaleza com todos os mantimentos que pudessem, e que se lhes pagariam muito bem, pera o que lhe passou largas Provisões pera o Veador da fazenda, e Feitor daquella Cidade lhes fazer de todos bom pagamento; e que não havendo donde, se lhes pagariam em Goa nos direitos da Alfandega, lembrando a todos, que do contrato, e commercio daquellas partes se sustentavam, com outras obrigações que lhes poz diante.

Despedidas estas cartas, foi-se logo o Governador á Camara de Goa, e representou aos principaes do povo que alli se ajuntáram, as necessidades em que Malaca estava, que era a chave de toda a India, e que bem viam o estado em que estava por falta de dinheiro pera aquelle soccorro, que lhes pedia que pera elle lhe quizessem emprestar vinte mil pardaos, não sobre o cabello da barba de D. João de Castro, como todos fizeram na necessidade do cerco de

Dio,

Dio, vendendo pera isso suas joias, mas que lhos emprestassem sobre seu filho Duarte Muniz, que logo lhe entregava, e lhe passaria todas as Provisões que lhe pedissem pera lhes serem pagos na Alfandega nos direitos de suas fazendas, ou de quaesquer outras que appresentassem; e que pera mais segurança lhe hypothecava todo o dinheiro do rendimento das terras de Salsete, que rendiam setenta mil pardaos, e que deste serviço que fizessem a ElRey nosso Senhor, e de todos os mais que tinham feitos, de que elle era boa testemunha, faria tão particular lembrança a Sua Alteza, que o obrigasse a fazer muitas honras, e mercês áquella Cidade. Os Vereadores pedíram licença pera sós praticarem aquelle negocio, o que fariam depois delle recolhido, e logo lhe mandariam resposta do que se assentasse; o que o Governador logo fez, e lhes rogou que naquelle negocio do emprestimo, o que se lançasse a cada hum, se arrecadasse com suavidade, sem se dar oppressão ás partes. Recolhido o Governador, praticou-se o negocio na Meza, e assentou-se que se emprestassem os vinte mil pardaos, que o Governador pedia; e que assim como o fossem ajuntando, o fossem levando ao Governador pera o apresto da Armada. Deste assento se mandou logo reca-

do

do ao Governador, o qual tratou logo da Armada, que havia de mandar a Malaca, a que se deo a maior pressa que pode.

Com este aviamento se foi o Governador pera a ribeira das Armadas pera estar alli mais á mão pera seu aviamento, e mandou aprestar huma fermosa Galeaça, duas galés, e nove galeotas muito fermosas, e elegeo pera esta jornada a D. Francisco de Menezes, que morreo em Dio, sendo Capitão daquella Fortaleza, o qual começou a correr com o apresto da Armada, e de eleger os Capitães della com o Governador; e tanta pressa se deo, que quando foram vinte dias de Abril foi o Governador deitar esta Armada pela barra fóra, e os Capitães que nella foram sam os seguintes. Pedro Lopes Rebello em huma galé, Diogo de Azambuja em outra, e das galeotas João de Mello de Sampayo, Francisco de Sande, Tristão Gomes Pereira, Ruy de Brito, Francisco Zuzarte, Martim Affonso de Figueiredo, Antonio de Ataíde, Mattheus Paes, e D. João de Maluco, que andava em Goa.

Com esta Armada foi tambem D. Miguel de Castro, filho do bom Viso-Rey D. João de Castro, pera ir entrar na Capitanía de Malaca, de que veio provído do Reyno, e foi embarcado na náo Santa Cruz

com

com mui eſcolhidos ſoldados que pera iſſo buſcou. Agora continuemos com as Armadas que ſam fóra, pera acabarmos com as couſas deſte verão, e ſeja logo Fernão Telles.

O ſucceſſo deſtas Armadas não eſcreveo Diogo de Couto.

Partido D. João de Caſtro, como já diſſemos, pera a coſta do Malavar, chegando a Barcelor, ſoube eſtar rebelde a povoação de Gaypor, que era do Rey de Tolar; e querendo-a caſtigar, mandou deſembarcar nella a gente de ſua Armada, na qual deram com tanto impeto que logo a entráram, e matáram mais de cento e ſincoenta peſſoas das que ſe oppuzeram á defensão, e á povoação foi logo poſto fogo em que toda ardeo, e ſe conſumio, e dentro nas caſas mais de vinte mil fardos de arroz, e outras muitas fazendas, e hum pagode de ſua adoração que elles ſentíram muito, e lhe cortáram os palmares, e deſtruíram as fazendas que tinham por fóra, com que aquelle Rey ficou mui bem caſtigado; e paſſando adiante defronte de Mangalor, tomáram os navios de ſua Armada hum paró de Malavares com todo o ſeu recheio, e os Mouros foram mettidos a banco nas galés; e chegando defronte do rio Combia, ſoube eſtarem dentro tres paros

rós pera sahirem a roubar; e surgindo sobre aquella barra, mandou pedir áquelle Rei que lhos entregasse; e posto que mostrou nisso difficuldade, vendo que os nossos se faziam prestes pera lhe destruirem a povoação, os houve de entregar sem os Mouros, que se mettêram pela terra dentro, e passando ao rio de Chalé, entrou dentro com toda a Armada, e mandou desembarcar na Ilha de Çamori, a qual destruíram de todo, e lhe cortáram mais de duas mil palmeiras, e algumas embarcações que se acháram, o que foi de grande affronta pera o Çamori, e passou a Cóchim, donde mandou a Francisco de Mello de Sampayo com a sua galé, e seis fustas ao Cabo Çamori a recolher as cafilas, o que elle fez com muita presteza; e tornando-se o Capitão mór a continuar na guerra do Malavar contra o Çamori, desembarcáram na povoação de Paragulem; e supposto que nella achou grande resistencia, foi abrazada, e assolada; e nella huma náo que estava á carga pera Méca, e dez navios mais, a cuja defensão acudio o Principe filho herdeiro daquelle Rey, que peleijou com os nossos valerosamente; mas no fim da referta foi morto com duzentos Mouros, não deixando de se recolher o Capitão mór com alguns feridos; e chegando ao rio Capo-

ca-

caté, vendo eſtar no cabo delle varado hum paró com rigeiras em terra, o mandou tirar; e acudindo muitos Mouros á defensão, travâram com os noſſos huma reſoada batalha tão acceza, que não pudéram elles mais aturar o damno que os noſſos lhes fizeram, porque lhe tinham já mortos trezentos, e ſe retiráram, e o paró foi tirado pera fóra; mas cuſtou todavia a vida a hum, ou dous dos noſſos ſoldados, e o ſangue a muitos; e por lhe darem recado que Alvaro Paes de Sotomayor, Capitão de Cananór, era morto, acudio lá a prover aquella Fortaleza de Capitão, e no caminho tomou huma galeota de Malavares, que foram mettidos á eſpada; e chegando a Monte Dely, tomáram os da ſua Armada duas galeotas, e hum paró de Coſſairos, e mandou queimar a povoação de Nilaqueirão, e com eſtes feitos ſe recolheo a Goa no cabo do verão com huma grande cafila da China, Malaca, e de outras partes.

Deixámos as couſas de Maluco no grande caſtigo que Sancho de Vaſconcellos deo aos do lugar de Atua, e no ſoccorro que o Viſo-Rey D. Antonio de Noronha lhe tinha mandado com as novas que teve da morte de Gonſalo Pereira Marramaque, que foram duas galeotas, huma eſcuſa galé, hum galeão, e huma náo, de que hia

por

por Capitão Antonio de Valladares de Lacerda, e de como as galeotas foram arribar a Ceilão, e a escusa galé se foi perder em huma restinga de Quedá, e o galeão, e a náo chegáram a Malaca, e dahi na monção se partíram por via de Borneo pera Maluco; e antes de partirem de Malaca, chegáram Fernão Ortiz de Tavora, e Pedro Lopes Rabello, que se tinham perdido na Macassá. Chegou Antonio de Valladares á Fortaleza de Ternate em quinze de Novembro passado de mil e quinhentos e setenta e quatro, que foi muito festejado de todos os daquella Fortaleza pelas grandes necessidades em que estavam. D. Alvaro de Ataíde, Capitão della, despedio logo o galeão a buscar mantimentos á Fortaleza de Amboino, e a náo em que hia o Valladares lha vendeo a elle pera ir fazer a viagem de Bandá. Pouco depois chegou de Malaca Francisco de Lima em huma galeota, na qual levava vinte Portuguezes, que foram em Ternate bem recebidos pela falta que havia de gente: o Antonio de Valladares chegando á Malaca, deixou alli muitas roupas, e outras fazendas pera lhe mandarem em hum junco, pera com ellas ir fazer a viagem de Bandá; e quando chegou a galeota de Francisco de Lima sem o seu junco, de que não sabia parte, to-

mou disso tanta pena, e paixão que adoeceo, e morreo em poucos dias. Estava neste tempo no porto de Bandá hum Gonsalo Mendes Pinto fazendo aquellas viagens, que eram de Martim Affonso de Mello Pereira, por contrato que com elle tinha feito; e os Bandarezes, que he gente má, e atraiçoada, tratáram de lhe tomarem a náo, e matallo a elle, e a todos os mais Portuguezes que com elle hiam, e tomarem-lha com as fazendas: disto foi elle avisado, e logo se metteo na náo com todos os Portuguezes, e despedio recado a Amboino a Sancho de Vasconcellos que o soccorresse. Esta traição quizeram os Bandarezes fazer, porque víram ir as cousas daquellas Ilhas de feição, que por mui certo tinham que depressa se acabariam os Portuguezes, e queriam daquella vez ficar tambem aquinhoados com aquella náo, e fazendas. Chegando aquelle recado a Amboino, sabido o risco em que os nossos estavam, e que se aquella náo fosse ter a mãos de inimigos, acabariam de arruinar de todo as cousas daquellas Ilhas, logo com muita pressa se embarcou em sinco corocoras, levando comsigo a galeota, em que tinha ido Francisco de Lima, que lá fora buscar provimentos, e a Frota que havia naquella Fortaleza, em que hia por Capitão João Ra-
bel-

bello, e quiz de caminho destruir o lugar de Tobó, que era do Rey, o qual estava na costa de Benaor, e da ponta daquella terra forçado havia de atravessar a Bandá. Succedeo ter partido de Ternate Cachil Tidore Ogá, irmão de ElRey, em huma corocora muito petrechada pera ir á tomada da náo, que estava em Bandá, por lhe terem os Bandarezes mandado recado, e assim foi correndo a costa de Luzabatá até o lugar de Seirão, donde voltou pera dentro da costa de Benaor, e foi-se metter em huma calheta na mesma praia do lugar de Tobó, que Sancho de Vasconcellos hia castigar; e como chegou alli de noite, deixou-se estar muito seguro. Succedeo ir naquella mesma noite João Rabello Capitão da fusta com outras tres embarcações costeando a terra, pera de madrugada dar no lugar de Tobó, levando diante duas embarcações pequenas, chamadas talhas, pera descubridoras, que houveram vista do Cachil Tidore Ogá; e sem saberem o que era, voltáram a João Rabello, e lhe deram noticia della: pelo que elle mandou aos tres navios se fizessem ao mar, pera que se lhe não acolhesse, e elle foi costeando a terra, e de madrugada houve vista da corocora já postos todos em armas. O Cachil Tidore, logo que sentio aquelle navio, nomeou-

se, e perguntou quem era, parecendo-lhe que eram amigos. João Rabello ouvindo-o nomear, levantou a voz em lingua Amboina, e respondeo-lhe: *Se vós sois Cachil Tidore, eu sou João Rabello.* Já neste tempo as outras tres embarcações hiam chegando; e vendo-se o Cachil cercado, quiz fugir, mas João Rabello o abordou; e chamando-o pelo seu nome, lhe disse que se mettesse na sua embarcação, e que nenhum mal lhe faria, o que elle fez, porque se vio sem remedio; e por ser amigo de João Rabello, que o recebeo bem, e o agazalhou no toldo, convidando-o com conservas, lhe pedio que se não agastasse, que Sancho de Vasconcellos era seu servidor, e amigo, e lhe havia de fazer muitas honras. A este tempo chegou Sancho, e João Rabello lhe entregou o Cachil, que elle recebeo muito bem, e o entregou a sinco soldados, pera que o vigiassem na propria corocora do Cachil, só sem mais gente sua, e mandou a João Rabello que fosse dar no lugar do Tobó com setenta Portuguezes, e alguns Tidores; e posto que na entrada delle houve grande resistencia, todavia foi todo destruido, e assolado. Nesta revolta tratou o Cachil Tidore de ver se podia fugir por esta maneira. Hia, e vinha á embarcação, em que elle estava, hum seu escra-

cravo, por nome João, com o qual se aconselhou em segredo que se viesse de noite na embarcação pequenina em que hia, e vinha remando ao longo da sua corocora, e que elle se deitaria ao mar com elle. Isto parece que suspeitou hum dos Portuguezes da sua guarda, e disse aos mais que tomassem as armas aos Tidores, porque lhe parecia que se queriam levantar; e em se remeçando a elles, fez o mesmo o Cachil com alguns criados que alli estavam, e começou-se entre elles huma grande revolta, á qual acudíram as nossas embarcações; o que visto pelo Cachil, foi-se lançando ao mar, e passando a nado por huma embarcação, em que estava hum pagem de Sancho de Vasconcellos com huma partazana nas mãos, o qual lhe bradou que se mettesse com elle na embarcação, e senão que o havia de matar; e não fazendo elle caso do que o moço lhe disse, foi nadando por diante, e o rapaz lhe deo por detrás pelas costas com a partazana, e o matou, e assim matáram os seus todos; e de alguns que cativáram, soube Sancho de Vasconcellos que hiam de soccorro a Bandá pera tomarem a náo; e não se querendo deter, se partio logo pera Bandá, e em breves dias chegou aonde a náo estava; com que os nossos se víram livres do pe-

rigo, e receio em que estavam: e entre algumas embarcações que alli foram carregar estava hum junco muito grande de ElRey de Viantana, que tinha ido com hum Embaixador pera ElRey de Ternate, o qual lhe levava muita artilheria, e munições contra a nossa Fortaleza, o qual Sancho de Vasconcellos commetteo pera o tomar; mas estavam nelle tantos Mouros que lhe matáram sinco Portuguezes. Vendo Sancho que não podia render o junco, foi-se contra a povoação de Puloasá junto de Bandá, e a commetteo; e tendo entrado hum forte que tinha os artilheiros da nossa Armada, vendo andar pela praia alguns Bandarezes, lhe atiráram algumas bombardadas, que era o sinal que Sancho de Vasconcellos tinha dado aos que foram commetter o forte, os quaes em ouvindo a nossa artilheria, largáram tudo, e se foram recolhendo pera a Armada, o que Sancho de Vasconcellos sentio em extremo; e porque a gente lhe começava a adoecer daquellas febres de Bandá, que sam pestilenciaes, tornou-se a embarcar, e a náo de Gonsalo Mendes Pinto, e a de Antonio de Valadares mandou com muita carga de cravo, noz, e massa pera Malaca; e escreveo áquelle Capitão os trabalhos em que os de Ternate ficavam; e o galeão S. Christovão man-

dou

dou carregado de mantimentos pera Ternate, que lhe foi grande ſoccorro, e remedio.

Deſpedidos eſtes ſoccorros, foi-ſe Sancho de Vaſconcellos pera as Ilhas de Amboino com tenção, ſe lhe foſſe algum ſoccorro de Malaca, ir cercar o lugar de Hiamão, porque ſe hia fazendo muito forte, e poderoſo, e aſſim foi correndo as coſtas daquellas Ilhas, tomando muitas embarcações aos inimigos, e foi por aqui de vagar por eſperar pelos juncos, que haviam de vir de Jaoá; e andando aſſim fazendo toda a guerra que podia, foi aviſado que hum Capitão de ElRey de Ternate hia com huma boa Armada em favor, e ſoccorro dos Amboinos inimigos da noſſa Fortaleza, o qual Capitão ſe chamava Maladão, mancebo esforçado, e atrevido, pelo que foi neceſſario ao Sancho acudir á ſua Fortaleza, por não ſer a Armada que tinha capaz de peleijar com a que elle trazia. O Capitão Maladão vinha tão confiado em ſeu esforço, que não quiz trazer mais de quatro corocoras, e dizia que aquellas lhe baſtavam; e pelos inimigos amedrentarem aos noſſos, lançáram fama que elle trazia maior Armada. O Sancho chegou huma manhã á noſſa Fortaleza, e o Ternate ás duas horas depois do meio dia foi ter á praia

do

do lugar de Rosanive duas leguas da nossa Fortaleza, e logo foi dar vista della. O Sancho tanto que o vio, embarcou-se á pressa nas duas galeotas, e foi demandar o Ternate, o qual em o vendo voltou a proa, e foi-se acolhendo; e entendendo Sancho de Vasconcellos que sería estratagema, tornou a voltar pera a Fortaleza, abicou as galeotas, e se fortificou muito bem, porque entendeo que o Ternate havia de vir com poder sobre elle, e cercou a povoação que havia á roda da Fortaleza com tranqueiras de madeira. O Maladão tanto que vio recolher a Sancho de Vasconcellos, ajuntou dez corocoras, e foi commetter o lugar de Titiray, porque era nosso amigo; e commetteo o forte, em que estava hum soldado Portuguez com alguns Amboinos Christãos, o qual tinha dous berços com que peleijou tão valerosamente que quasi o desbaratou, matando-lhe muita gente, pelo que foi necessario ao Ternate acolher-se fugindo; o que visto pelos Amboinos, lhe sahíram alguns mancebos muito esforçados, e o foram esperar em huns passos estreitos, e difficultosos, onde Maladão, e hum primo seu foram mortos, e os Amboinos lhes tomáram as armas, cortáram as cabeças, e os corpos de todos os mortos comêram depois, por ser seu cos-

tu-

tume comerem todos os que matão na guerra.
Estas novas se leváram a Sancho de Vasconcellos, que elle festejou com grande alegria, por se ver aliviado daquelle inimigo.

CAPITULO XXX.

Vai Sancho de Vasconcellos cercar o lugar de Hiamão, e o que lhe succedeo.

VEndo Sancho de Vasconcellos a mercê que Deos lhe fizera na morte daquelle Ternate, não desistio da empreza de Hiamão, porque os vizinhos amigos, e confederados lhe pedíram que os destruisse, porque estava já mui poderoso; e se se dissimulasse com elle, se poderia vir a fazer senhor daquelles lugares, e pera aquella jornada lhe offerecêram parte da despeza; porque se em algum tempo se podia fazer aquelle negocio era neste, em que elles estavam quebrantados com a morte de Maladão, em que elles tinham sua guedelha, e que de Ternate lhe não podia vir tão depressa soccorro, porque não sabiam ainda da perda do seu Capitão. Foi este lugar de Hiamão muito amigo dos Portuguezes, e já nelle houve Igrejas, em que residiam Padres da Companhia; e a causa de agora estarem tão rebellados nasceo do Reboan-

boangé, pera que lhe tornasse os que tinha cativos da embarcação de Simão de Abreu, o que elles fizeram, e ficáram daquella obra confederados com os Ternates; mas não de maneira que fizessem mal aos Portuguezes que alli viviam, sómente desmancháram a Igreja, e desta amizade fizeram sabedor a Sancho de Vasconcellos, e que nunca deixáram de serem amigos dos Portuguezes, mas com condição que os defendessem dos Ternates, ao que lhe elle não respondeo. Os Ulates como eram vizinhos deste lugar, e muito amigos dos nossos, receáram que por causa dos Hiamãos, de que não eram amigos, os Ternates os destruissem; pelo que pedíram a Sancho de Vasconcellos hum Capitão Portuguez com alguns soldados pera estarem com elles, e os defenderem, quando lhes fosse necessario, o que elle lhes concedeo, e lhes deo hum Alexandre de Matos, assim por ser homem muito esforçado, como por ter cabedal pera poder sustentar quinze soldados que lhe deo, o qual como se vio naquelle lugar, quiz logo capitanear, e mandou recado aos Hiamãos que negassem a obediencia aos Ternates, senão que os havia de castigar; ao que elles lhe respondêram que assim o fariam, se elle se obrigasse aos defender dos Ternates. Dissimulou o Alexan-

dre

dre de Matos, e convocou a si outros Portuguezes, que eſtavam eſpalhados pelas Ilhas vizinhas, que ſeriam dez, com que fez vinte e ſinco, e com ſeiscentos Amboinos hum dia, ſem ſe temerem os Hiamãos de tal, foi dar nelles, e lhes entráram a povoação, e matáram muita gente, e leváram muita fazenda. Diſto fizeram aquelles moradores a Sancho de Vaſconcellos varias queixas, ſem elle fazer alguma demonſtração de amizade; mas antes eſcrevendo huma carta ao Alexandre de Matos, lhe fez grandes gabos, e lhe deo nella os agradecimentos do que fizera. Diſto que os Hiamãos ſouberam, ficáram tão eſcandalizados, que logo ſe confederáram com os Sorocoros, e Buros, e os mettêram no ſeu lugar, porque entendêram que Alexandre de Matos com a cubiça das prezas que levou, havia de tornar a buſcar mais, no que ſe não enganáram, porque dalli a poucos dias tornáram os noſſos ſobre elles, e huma madrugada commettêram as tranqueiras; mas os Hiamãos com os que tinham convocados lhes sahíram, e dando nos noſſos, lhes matáram logo dous, e os mais deſampararám tudo, e ſe foram acolhendo apreſſados, ficando detrás de todos Alexandre de Matos com quatro Portuguezes, com os quaes os Hiamãos apertáram de

mo-

modo que os matáram, e o mesmo fizeram ao irmão do Pate de Atuá com dez, ou doze parentes que foram com os nossos. Deste negocio ficáram os Hiamãos inimicissimos dos nossos; e o que foi peior, que os lugares vizinhos, amigos, e confederados da nossa Fortaleza, ficáram cobrando tão grande medo aos Hiamãos, que não havia cousa que os quietasse, e os Ulates estiveram de todo pera largarem o seu lugar, e irem-se pera a Fortaleza, senão fora hum Portuguez casado que alli se achou, que teve mão nelles, e os confortou, e animou, e avisou a Sancho de Vasconcellos, pedindo-lhe os visitasse, e soccorresse, e deo ordem pera se vigiar aquelle lugar, e com oito Portuguezes que ficáram se puzeram em vigias pera se defenderem, em caso que lhes fosse necessario. Os Hiamãos ficáram tão soberbos, que todos os dias hiam ao pé das tranqueiras a fazerem aos nossos grandes algazaras, e grandes affrontas, sem elles ousarem a lhe sahir.

Sancho de Vasconcellos sabendo o caso, mandou hum tio de ElRey de Tidore, chamado D. Henrique, grande cavalleiro, pera que os fosse soccorrer, que he aquelle que foi morto em Malaca em serviço de ElRey de Portugal, como se dirá em seu lugar. Este foi áquelle negocio com huma có-

cópia de gente; e estando na tranqueira com os nossos, foram os Hiamãos com grandes carrancas commetter os lugares, aos quaes sahio o D. Henrique com todos os que tinha em sua companhia, e com tamanho impeto, e força deram nelles que os desbaratáram, sendo elles mais de dous mil, e os da nossa parte duzentos e sincoenta; e affirmáram os nossos que alli se acháram, que hum Atuá da nossa parte, chamado Moné, matára por sua mão mais de vinte e sinco; e outro chamado Papuá Castanhoré matára mais de trinta, e que estes dous homens eram quasi agigantados; tão grandes cavalleiros, e de tantas forças, que todos os daquella Ilha os temiam. O Sancho, depois de despedir a D. Henrique, se fez prestes, e partio com toda a sua Armada em soccorro dos Ulates; e tomando a gente que lá estava, foi contra o lugar de Amão, e chegando á sua praia, a todas as suas embarcações que achou mandou pôr fogo; e desembarcando em terra, ordenou em o lugar que lhe melhor pareceo hum forte com suas tranqueiras pera dalli bater os inimigos; e sabendo que os Hiamãos tinham feito duas corocoras muito fermosas, dalli hum quarto de legua pela terra dentro, e marchando por hum tezo assima, foi até á parte onde as corocoras

ras eſtavam ainda por acabar; e querendo-lhes pôr o fogo, não pode, porque foi aviſado que os inimigos eſtavam já em ſilada eſperando por elles, como em effeito foi; porque em Sancho de Vaſconcellos voltando pera a praia, lhe ſahíram elles em hum paſſo eſtreito, e João Rabello que hia na dianteira em os vendo gritou a Sancho de Vaſconcellos, que hia na retaguarda, que voltaſſe pera o tezo, o que elle fez, indo-o encaminhando João Rabello, o que foi caſo de todos eſcaparem da morte. Sancho de Vaſconcellos, quando ſe vio em ſima, remetteo a hum eſquadrão de inimigos que o ſeguiam, hum dos quaes endireitou com elle, encarando a eſpingarda no roſto, e lhe diſſe: *Ah Capitão, hoje vos hei de matar*, e ao meſmo tempo diſparou a eſpingarda, e quiz Deos que foi o tiro por alto, e com a furia rebentou a coronha de páo da eſpingarda, e foi dar por huma coixa a Sancho de Vaſconcellos, que ſe houve por morto, parecendo-lhe que a haſtilha da coronha era pelouro, e todavia remettendo com o que lhe tirou (que lhe voltou as coſtas) o foi ſeguindo, e o alcançou com huma geneta que o varou, e lhe cortou a cabeça. João Rabello peleijou na dianteira com tanto furor, que quando Sancho lhe acudio, já não tinha folgo, e com ſua chega-
da

dá se recolhêram os inimigos; e se elle não viera, perecêra alli João Rabello, e com isto tiveram os nossos tempo de se irem recolhendo pera a praia, levando João Rabello a retaguarda; e chegando ás tranqueiras, descançáram, e todavia Sancho de Vasconcellos determinou de não largar aquella empreza, e commetteo a entrada do lugar por vezes, sem nunca o poder entrar; e insistindo nisso, tornou a commetter as tranqueiras, e as entráram, e o primeiro que se poz em sima foi hum filho do Regedor das Relações, o qual matáram de huma espingardada que lhe deram pela cabeça; e quando cahio estava junto delle hum parente seu por nome Francisco, homem de grandes forças, o qual vendo-o cahir lhe pegou por huma perna pera o lançar ás costas, e o levar, como fez; e indo com elle, lhe tiráram com hum chichorro, com que o varáram, e assim cahio morto debaixo do outro que levava ás costas, e ao cahir lhe ouvíram os nossos chamar tres vezes pelo nome de Jesus, e assim se cumprio huma profecia do Bemaventurado Padre S. Francisco Xavier que o baptizou; e acabando o acto do baptismo, lhe disse, *que vivesse confiado nas misericordias de Deos, que quando acabasse, havia de ser com o nome de Jesus na boca.*

Es-

Estando Sancho de Vasconcellos neste trabalho, lhe chegáram cartas de Ternate do aperto em que aquella Fortaleza estava, em que lhe pediam os soccorresse com mantimentos, porque pereciam de fome, com o que largou tudo, e se foi pera Amboino, onde achou o galeão, de que foi por Capitão Francisco de Lima, a buscar mantimentos, que lhe Sancho de Vasconcellos deo em abastança, e o despedio em breves dias, e elle ordenou a Fortaleza de pedra, e cal com consentimento dos vizinhos, e a mudou hum pouco affastada da velha, porque estava entre dous padrastos; e pera que a obra crescesse todo o dia, assistia nella em pessoa, e nella jantava, e dormia a sésta; e como os Amboinos são malissimos, e atraiçoados, tratáram de o matarem pelo temerem muito; e por verem que muitas vezes ficava só, e tambem porque sabiam que se aquella Fortaleza se acabasse de todo, haviam de ser todos sopeados, pelo que encommendáram este negocio a hum Christão, chamado Costa Arsem, por ser muito atrevido, o qual vendo hum dia a Sancho de Vasconcellos só, remetteo a elle com huma tomára, que he huma arma cruel; e todavia não foi tão prestes, que Sancho de Vasconcellos não tivesse tempo de se levantar com huma ada-

ga

gà na mão, com a qual se abalançou a elle, e lha metteo pelo pescoço, de que lhe cahio aos pés, sem que Sancho de Vasconcellos pudesse suspeitar donde aquella maldade nascêra, antes cuidou que lhe dera a dor; e se fizera amouco, como cada hora nesta gente succede; e vendo os conjurados que lhe escapára daquella, ordenáram de o matarem descubertamente, e a todos os Portuguezes, e fizeram cabeça desta conjuração a Pate de Soya, o qual tambem convocou o Pate Daló seu cunhado, o qual não só se não quiz achar naquelle caso, mas teve modo com que avisou aos Padres da Companhia, e o Padre Jeronymo Rodrigues se embarcou logo a toda a pressa em huma almadia, e foi á Fortaleza nova, onde Sancho de Vasconcellos andava; e o levou comsigo pera a velha, onde lhe descubrio a conjuração, e melhor o Pate Daló, que foi ter alli com elle; e dissimulando Sancho de Vasconcellos o caso, mandou chamar os moradores dos lugares dos Atires, e Tavires, que eram os vizinhos da Fortaleza, e lhes disse que tomassem as armas, porque era avisado que eram entrados naquella Ilha duzentos Ternates, e juntos com elle foram todos pera a Fortaleza nova, onde os da conjuração estavam lançados em cilada, os quaes tiveram logo re-

tiate da idá do Sancho; e todavia ainda os nossos lhe matáram huns poucos, e os conjurados se ausentáram, e Sancho de Vasconcellos dalli em diante ficou tendo mais resguardo em si.

O lugar de Rosanive he o maior de toda aquella Ilha, cuja cabeça era hum Christão, chamado Ruy de Sousa, homem prudente, e o mais rico de todos, o qual imaginou Sancho de Vasconcellos que não podia deixar de ser sabedòr daquella traição, e que dera toda a traça pera ella; e com esta suspeita o mandou chamar o mesmo dia que isto succedeo por Antonio Lopes de Rezende, Feitor de Amboino, que era grande seu amigo, e compadre, como tambem o era Sancho de Vasconcellos, e os Padres da Companhia, com quem parece que o Capitão communicou o que queria fazer; escrevêram logo ao Padre Fernão Alvares de Castello-branco, que residia em Rosanive, que logo se fosse pera a Fortaleza, porque importava muito; o que elle fez. O Ruy de Sousa em lhe dando o Feitor o recado do Capitão logo se foi com elle, e levou hum seu filho com elle; Sancho de Vasconcellos o recebeo bem, e lhe fez gazalhados, porque como este homem tinha tantas posses, determinou de o grangear, e fazello da sua parte, que esta foi

a

a tenção com que o mandou chamar. O Ruy de Sousa na prática que teve com o Capitão lhe disse, que os Regedores do lugar de Puta lhe urdíram aquella traição, e que se elle se quizesse satisfazer delles, lhe désse vinte Portuguezes, que com elles, e a gente de seu lugar se obrigava aos destruir a todos; e que lhe affirmava, que os outros lugares, que elle suspeitava, não tiveram disso noticia. Os Padres da Companhia, que alli estavam, e alguns Portuguezes requerêram ao Capitão que prendesse a Ruy de Sousa, o que o Capitão de nenhum modo queria fazer; mas insistíram tanto todos naquelle negocio que se não pode valer, e bem contra seu gosto lhe mandou lançar huma grande adoba, o que elle sentio tanto, que logo disse que todas as honras que os Portuguezes sempre lhe fizeram, não chegáram todas áquella affronta; e as pessoas de melhor conhecimento aconselháram ao Capitão que o bom sería não o soltarem nunca, porque tinham por sem dúvida que o prendêram innocentemente, e que não fora comprehendido na traição, e que era força que elle tratasse de algum modo de se vingar daquella affronta; e assim como foi mal prezo, assim permittio Deos, que he justo Juiz, que elle fugisse da prizão em que estava, tendo o Capitão conhe-

tido que fizéra naquillo injustiça : e por sem dúvida tenho que nunca os Viso-Reys, nem Capitães a fariam, se não foram os induzidores dos males, que sam mais certos que os dos bens; e supposto que neste negocio entrassem Padres da Companhia; de quem se não póde presumir o fizessem por mal; bem poderia ser que fossem mal informados, e só se lhes poderia dar culpa de crerem os mal intencionados, que sempre por respeitos particulares aconselhão, e persuadem o mal. Sancho de Vasconcellos tanto que prendeo a Ruy de Sousa; logo mandou recado aos Rosanives que se queriam que lho soltassem, lhe mandassem sua mulher, e filhos em refens, do que elles zombáram, e respondêram que entre elles não faltavam homens que os pudessem governar, e logo lhe deram em casa ao Ruy de Sousa, e o roubáram de quanto nella tinha. Feito isto; convocáram os lugares vizinhos, e fizeram huma liga contra a nossa Fortaleza, da qual se temeo o Pate Daló; e receando que lhe fossem destruir o lugar, pedio a Sancho de Vasconcellos alguma ajuda contra elles, o qual lhe deo dez Portuguezes, e com elles, e com a sua gente se fortificáram muito bem.

Os conjurados depois que juntáram seu poder se fóram ao lugar de Varenulla, on-

de

de eſtavam ſeis juncos de Jáos ſeus amigos, aos quaes pedíram lhes deſſem cem homens pera os ajudarem, com os quaes, e com mais dous mil que elles levavam, partíram dalli por terra pera o lugar de Bagoella, no qual eſtavam vinte Portuguezes, e por Capitão delles Antonio Vilhegas; e porque ſouberam que eſtavam muito fortes, paſſáram ao lugar de Aló, que sería meia legua da noſſa Fortaleza, ſem serem ſentidos, nem viſtos mais que de hum peſcador, e com muito ſilencio commettêram a entrada do lugar, e o entráram. Eſtava naquelle tempo o Pate Daló jogando o Xadrez com hum Portuguez chamado João de Mello, homem Fidalgo; e ſentindo a revolta, levantou-ſe depreſſa, e chamou pelos ſeus, que logo lhe acudíram com armas; os que entráram no lugar ſeriam menos de vinte, os quaes logo ſe tornáram a ſahir, vendo que eram ſentidos: os noſſos com os naturaes acudíram ás eſtancias pera ſe defenderem, e foi a tempo que os inimigos ſe hiam recolhendo, nos quaes foram dando, e matáram dous dos principaes, e os mais foram fugindo pera onde os da liga eſtavam emboſcados em hum valle; e como os inimigos entendiam que os Alós haviam de acudir, deixáram algumas peſſoas eſcondidas em huma horta muito freſca

ta com humas casas novas, que estavam ao pé da nossa tranqueira, e as casas dos arrabaldes estavam dalli muito perto; e tanto que os nossos sahíram fóra, que entráram pelos arrabaldes, que eram de casas de palha, deram-lhe os inimigos fogo da parte donde ventava o vento, o qual como era rijo, começou a arder toda a povoação, e com aquella furia saltou nas guaritas do forte, e ardeo tudo, sem o Pate Daló que com os nossos estava querer fugir ao fogo, do qual os nossos Portuguezes se foram recolhendo pera hum terreiro, que estava fóra da povoação, onde estava huma Cruz, no qual o fumo que cubria os ares os affogou, e alli os achráram os inimigos mortos sem final de queimadura, nem nos corpos, nem nos fatos, e foram buscar os mais, pelos quaes fizeram tantas diligencias até que os acháram mettidos em huma cova, em que se escondêram, onde os matáram como ovelhas, e lhes cortáram as cabeças. O pescador, que vio entrar o lugar, foi dar rebate a Sancho de Vasconcellos, o qual juntou vinte Portuguezes, e alguns naturaes da terra, e foi caminhando por terra pera o lugar de Aló, e pelo caminho foi encontrando muita gente da nossa, que hia fugindo pera a Fortaleza; os quaes tornou a levar

com-

comsigo, e delles soube a morte dos nossos que sentio em extremo; e chegando ao lugar de Aló, achou os da conjuração, e remettendo a elles, travâram huma boa batalha, em que matáram alguns dos inimigos, e os mais se puzeram em fugida; e deixando-os ir, entrou no lugar, e achou ainda os mortos ao pé da Cruz, e os mandou levar pera a Fortaleza, onde lhes deram sepultura, e achou ainda a artilheria, que não tiveram tempo de a levarem; e porque o filho do Pate Daló acudio alli, Sancho de Vasconcellos o consolou da morte do pai, e lhe entregou a Fortaleza pera a governar.

CAPITULO XXXI.

De como se perdeo o galeão de Belchior Botelho que hia pera Maluco, e onde.

PArtio o galeão, em que hia Belchior Botelho com o soccorro de Maluco; no qual tambem hia Nuno Pereira de Lacerda, que era provído naquella Capitanía de Ternate; e depois que em Malaca se reformou, e partio por via de Borneo, ao diante daquella Ilha, se foi perder nos baixos chamados Solocos, onde encalhou, e logo se metteo a gente no batel, e o deixá-

xáram, que se fizeram diligencia, pudéra mui bem ser, e certo he que facilmente o pudéram tirar; e tanto foi isto certo, que os Borneos acudíram logo a elle, e o acháram inteiro, e lhe tiráram toda a fazenda, e acháram ainda nelle huma Jaoa velha, que hia de Malaca, que foi levada a Borneo, e depois tornou a passar a Malaca, e depois deo relação de toda esta jornada; e da gente do galeão, que se salvou no batel, foram setenta Portuguezes, e por todo o caminho foram accommettidos de muitas embarcações, com quem peleijáram, e sempre lhes matáram alguns companheiros; assim chegáram perdidos com infinitos riscos, e trabalhos ás Ilhas de Celebes, onde os naturaes os agazalháram, e lhes deram de comer: tudo isto fizeram, porque os ajudáram contra huns vizinhos, com quem estavam em guerra, o que elles fizeram, mandando Belchior Botelho trinta companheiros áquelle negocio, ficando com elles dez, por serem outros mortos, e ainda destes nesta jornada matáram aquelles inimigos vinte, e os dez tornáram bem maltratados: estando assim, lhes deram a noticia, que em outro porto ahi perto estava hum galeão nosso, que hia pera Maluco, pelo que se foram em busca delle; e vendo que era o galeão S. Christovão,

de

de que era Capitão Francifco de Lima, que, como diffemos atrás, Sancho havia mandado com provimentos a Ternate, os do galeão em os vendo os agazalhâram com muita humanidade, e delles fouberam fua perdição, e trabalhos: ahi fe provêram de algumas coufas, e fe partíram pera Ternate, aonde chegáram, e acháram os noffos em tal extremo de fome, que já comiam cevadilhas da terra, e outras coufas perjudiciaes á faude: foram todos agazalhados na Fortaleza com o que traziam. D. Alvaro entregou logo a Fortaleza a Nuno Pereira, e fe recolheo pera o galeão S. Chriftovão pera ir nelle bufcar alguns provimentos, por fer aquelle Rey muito feu amigo; o que fabido pelos Ternates, determináram queimar o galeão pera acabarem de pôr os noffos na ultima defefperação; affim pera os obrigar a entregar a Fortaleza, como por não fe confederarem com o Rey de Tidore em feu damno.

Affentado ifto entre todos, encarregáram defte negocio ao Reboange, e lhe ordenáram tudo o precifo de gente, e munições; mas por fe não atreverem a accommetter o galeão, tratáram de o queimar, porque eftava junto ao Recife, e furto, onde lhe podiam lançar balfas de fogo, as quaes logo fe ordenáram. D. Alvaro de

Ataí-

Ataíde eſtava no galeão com alguns companheiros pera o defenderem. Reboange tanto que teve ordenadas as jangadas, e balſas de fogo, mandou-lhes dar toa, e foi accommetter o galeão. D. Alvaro eſtava já advertido daquellas máquinas, e tinha ordenado deitar as entenas pela borda fóra por não poderem as jangadas abordallos; e pela poppa vinha o batel com homens de recado, e muitas aſteas com eſtropalhos molhados pera deſviarem as jangadas, e ſe metterem pera o Reboange: foi-ſe chegando com a enchente da maré; e ſendo já perto, deram fogo ás jangadas, que hiam liadas de duas em duas, as quaes começáram a arder com grande braboſidade, e toda a Armada ſe poz a bater o galeão com grande eſtrondo, e elle deſcarregou nella a ſua furia: as jangadas quiz Deos que com a maré ſe foram deſviando do galeão, até que remeſſáram no Recife, ſómente duas foram em direitura pela proa do galeão. Hum homem atrevido ſe lançou ao mar com hum traçado na mão, e chegando aſſim a nado ás jangadas, lhe cortou as cordas, com que hiam amarradas; então ſe apartáram, e cada huma foi paſſando de longo, e foram-ſe tambem desfazer no Recife: a bateria foi-ſe continuando; e como a Armada inimiga era muita,

destroçou-lhe a artilheria do galeão muitas dellas, e ainda a em que o Reboange hia; pelo que lhe foi forçado recolher-se sem fazer damno algum, e só matáram hum Hespanhol, e feríram dous Portuguezes.

Poucos dias depois disto, estando este galeão já preste pera se partir pera Tidore; e D. Alvaro de Ataíde nelle, levantou-se huma tormenta do Sudueste tão forte, e rija, e os mares se alteráram de feição, que com o trapear do galeão se lhe trincáram todas as amarras, e elle foi á cacea até encalhar no Recife, que era de pedra, onde se desfez, e os nossos, que nelle estavam, se salváram, alguns a nado, e outros nas embarcações, que estavam a bordo, e D. Alvaro de Ataíde escapou milagrosamente, e esse pouco, que tinha tirado da Fortaleza, ahi se acabou; e certo, que sam muito pera considerar as cousas deste Fidalgo, que era muito bom homem; porque nenhuma vez se embarcou, que se não perdesse. Vindo de Portugal, foi encalhar nos baixos de Pezo dos banhos, aqui nas Ilhas de Maluco, onde se perdeo duas vezes; e indo pera o Reyno, se tornou a perder nos mesmos baixos de Pezo dos banhos, e se salvou em huma embarcação, que de ambas as vezes fizeram aqui. Todos os tres annos que esteve nesta Forta-

le-

leza teve guerras contínuas, fomes crueis, trabalhos encapellados, perdições a cada passo, de maneira, que podia dizer, que veio entrar na Fortaleza, não pera enriquecer nella, senão pera padecer todas as miserias da vida, e experimentar os castigos, que Deos nosso Senhor foi dando áquella Fortaleza; porque depois que nella matáram aquelle Rey, sem nunca fazerem justiça a seus filhos, que sempre a requerêram, até que se entregou, o que lhe succedeo no Reyno, que foram sinco annos, tudo o que nella se vio foram desaventuras, e castigos dos Ceos; porque seis, ou sete galeões, que lhe foram com provimentos, todos se perdêram: por lá acabou Gonsalo Pereira Marramaque com huma tão poderosa Armada, sem della escapar huma taboa: por lá morrêram mais de dous mil homens, tanta artilheria, e fazenda, e se passáram tantas miserias, que não he possivel poderem-se contar. Em fim, veio Deos nosso Senhor a fazer justiça, que os nossos Reys não fizeram, do matador, do innocente, como era uso da India, e acabar as crisadas a mãos de Jaós cruelissimos; e póde ser que parte dos castigos de Portugal, e perdições de Africa procedessem daqui; e que os que hoje padecemos na India com a vida destes rebeldes, (cousa

que

que nunca se imaginou) tambem daqui viessem; porque Deos nosso Senhor nunca deixou de castigar culpas, e algumas vezes se dissimula, he pera mór damno nosso, como aqui succedeo; porque os castigos que nos deo neste negocio, foram os maiores, que a India até agora padeceo: e praza a elle que não vam mais por diante. Os nossos da Fortaleza com a perda deste galeão ficáram os mais miseraveis homens da vida, em tal estado, que até os seus proprios inimigos se compadeciam delles, porque na terra não tinham donde se valer; do mar, que era soccorro da India, ou de Malaca, hiam-lhes faltando, porque estavam em fim de Novembro, e a monção, em que lhes havia de chegar alguma cousa, era até os quinze, o mais tardar; e já na Fortaleza não havia cousa, de que se pudessem sustentar nem dous dias: de todas as partes miserias, e desconfianças; as armas continuadamente nas mãos, os olhos nos Ceos, donde não viam senão castigos; e em fim, vieram a desconfiar de seu remedio de todo haver-se perdido. O Rey de Ternate era por momentos avisado de todos aquelles males; e parece que lhe disse o diabo, que vinha huma náo com provimentos dahi algumas leguas com calmaria, que tambem era castigo do Ceo;

pe-

pelo que determinou antes de concluir com os nossos, os quaes não queriam mais que salvar as vidas, e tratáram algum concerto com aquelle Rey, que folgou muito de lho mandarem commetter, e lhes mandou dizer, que se lhe entregassem dentro de vinte e quatro horas aquella Fortaleza, lhes daria as vidas a todos, e consentiria que ficassem os que quizessem. Os Padres da Companhia lhes fizeram requerimentos da parte de Deos, que se entregassem, senão que dariam conta a Deos dos damnos que disso succedesse, e dos que apontassem, tomando o inimigo aquella Fortaleza por força ao Rey, com condição de os pôr fóra: dentro nas vinte e quatro horas se resolvêram a entregar a Fortaleza ao Rey, com condição, que lhes daria embarcações pera se passarem a Amboino, e que todas as vezes que ElRey lhe fizesse justiça de quem lhe matára seu pai, a tornaria a entregar. Nestes concertos andou Henrique de Lima, até que veio aos concluir, de que se fizeram autos, papeis assignados por ElRey, e seus irmãos; e logo se foi ElRey pera a porta da Fortaleza, e os de dentro se sahíram della, e ElRey os consolou, e animou; e entrando logo dentro, mandou por hum Tabellião fazer entrega da Fortaleza, e hum auto, no qual se obrigou aquelle

lle Rey a tornalla a entregar aos Capitães d'ElRey de Portugal, todas as vezes que lhe fizesse justiça do matador de seu pai, no qual auto se fez inventario da artilheria, que com a Fortaleza recebia: e mandou ElRey accrescentar mais, que elle recebia a artilheria della como olheiro d' ElRey de Portugal, até elle o satisfazer, e que mandaria á India a tratar com o Governador de sua justiça, no qual auto se assignou ElRey com seus irmãos, e Regedores, e assim ficou aquelle Rey de posse daquella Fortaleza, e vimos em tão poucos annos entregar-se esta, e a de Chalé aos inimigos por falta de mantimentos; e não vimos castigar ElRey aos Governadores pelo pouco cuidado que tem de todas, e seus provimentos, porque algumas destas estam em estado, que as não tomam os inimigos, porque não querem, como sam as de Cananor, Bauchor, Mangalor, Honor, que todas estam rotas, e mal providas; e a Deos deixemos isto, vamos continuando com a historia.

Entregue aquelle Rey da miseravel Fortaleza, recolhêram-se os nossos nas casas dos Padres da Companhia, onde ElRey os mandou prover muito bem; e havendo tres dias que isto era passado, quando appareceo huma náo muito fermosa, que hia de

Ma-

Malaca com muitos provimentos, a qual vista foi pera todos de mór desconsolação, que a vista da Fortaleza; porque bem entendêram que aquella tardada fora pera seu castigo, e não veio surgir no porto, donde logo teve recado do que era passado. Vinha por Capitão della Leonel de Brito, filho de Mem de Brito, aquelle que D. Antonio de Vasconcellos, senhor de Mafra, filho do Conde de Penella, matou por huns amores que teve com huma parenta sua, no qual caso se não fallou, por dizerem que ElRey D. João mandára a D. Antonio pera Lisboa, temendo-se dos parentes de Mem de Brito, e trazer comsigo muita gente; e algumas vezes a encontrar no caminho por onde hia este Leonel de Brito, e outro seu irmão menino, ambos em huma mula pera a escola. Este Leonel de Brito veio servir á India, onde foi despachado, e vinha com este soccorro; e sabendo elle da entrega da Fortaleza, sentio muito, e teve logo recado d'ElRey, e dos nossos, que podia desembarcar seguramente, como elle fez; e ElRey o recebeo muito bem, e lhe disse, que mandasse desembarcar as fazendas, e as recolhesse, e fizesse sua carga tão livremente, como se aquella Fortaleza fosse d'ElRey de Portugal, cuja era, o que se fez,

e

e poz toda em terra em casas, sem lhe bulirem em cousa alguma, só das munições lhe mandou ElRey tomar algumas, que eram pera defeza da Fortaleza, que era do seu Rey. Assim ficou o galeão até o tempo de carregar, e comprou-se o cravo com as fazendas pelo preço ordinario, sem haver alteração; e como foi tempo de partir, se embarcou nelle Belchior Botelho, D. Alvaro de Ataíde, a quem ElRey fez mercê de huma cópia de cravo, e Nuno Pereira de Lacerda, e os mais que quizeram; e despedidos d'ElRey, que teve com elles muitas satisfações, deram á véla pera Amboino, mandando ElRey com elles hum Embaixador seu, pelo qual escrevia a ElRey o que era passado, e lhe pedia justiça de quem lhe matára seu pai, dizendo-lhe, que entre tanto elle teria aquella Fortaleza em guarda, sobre o que lhe escreveo huma carta muito avisada, que eu tinha guardada pera este lugar, e não a achei. Deo esta não á véla em Junho deste anno de setenta e sinco, em que estamos, e em breves dias foi a Amboino, onde tomou alguns provimentos, e dahi se fez á véla em 15 de Julho contra o parecer de todos, por ser já tarde; e fazendo sua derrota, como Deos nosso Senhor ainda estava irado contra aquellas Ilhas, permittio

que se fosse perder em huns baixos, que se chamam de Tucubeicú, onde encalhâram, e os nossos se puzeram em huma Ilha, que ahi estava perto. O Embaixador d'ElRey de Ternate, que ahi hia, como sabia tudo aquillo muito bem, disse aos nossos, que se não bulissem dalli, que elle os viria buscar em embarcações; e assim em hum balão se passou ás Ilhas de Butre, junto a huma casa, onde negociou embarcações, com que tornou a buscar os perdidos, que se embarcáram com elle, e foram ter a huma casa, onde já tinham ido outra vez perdidos, e aquelle Rey os negociou, e lhes deo hum junço, com que se foram pera Malaca; e assim deixaremos as cousas de Maluco até seu tempo.

CAPITULO XXXII.

Do que neste tempo succedeo na India.

TOrnemos a continuar com as cousas da India, e seja com o Embaixador, que o Governador mandou ao Grão Mogor em companhia do seu, o qual foi em breves dias ter a Cambayete, e visitou o Governador, que ahi deixou o Mogôr, como levava no Regimento. Sucoedeo no mesmo tempo Ruy Pires de Tavora, Capitão de

Dio,

Dio, comprar a hum Mouro Parſeo hum cavallo muito fermoſo, que diziam levára o Governador de Cambaya; o qual ſabendo do caſo, metteo a Chriſtovão do Couto em ferros, e a todos os Portuguezes, que ahi eſtavam com ſuas fazendas, e a ellas confiſcou-as, e além diſſo mandou fazer a Chriſtovão do Couto muitas affrontas; e fazendo-o elle a ſaber ao Capitão de Dio, pedindo-lhe largaſſe o cavallo pera o reſgatar a elle, e a todos, o que logo elle fez, e nem com tudo iſto o Governador os quiz largar, antes lhes fez mais affrontas; e poſto que lhes tirou os ferros, os não quiz deixar ir pera Goa, o que tudo Chriſtovão do Couto eſcreveo ao Governador Antonio Moniz Barreto em cartas que eu vi, affirmando que daquillo tudo foram cauſa os correſpondentes da nação, que lá eſtavam fazendo ſuas fazendas pera o Reyno, e que aſſim como elles ſoffriam infinitas affrontas, que lhe faziam em Cambaya, cuidava o Governador della que tambem elle Chriſtovão do Couto ſoffria outras tantas.

Chegou atéqui, e daqui não paſſou.

FIM DA DECADA NONA.